



Humberto de Ampoy

Humberto de Campos

(Da Academia Brasileira de Letras)

SÉRIE CONSELHEIRO X. X.

Vale de Josafá

W. M. JACKSON, Inc.

EDITORES

Rio de Janeiro — São Paulo — Pôrto Alegre — Recife

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos, Série Conselheiro XX., foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

A
ANTÔNIO AUSTREGÉSILO
ATAULFO DE PAIVA

“1 — Veio sôbre mim a mão do Senhor e o Senhor, pelo espírito, me levou e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos.

2 — E fez-me passar em torno dêles, e eu vi que eram numerosos sôbre a face do vale, e que estavam ressequidos.

3 — E disse-me: filho do homem, porventura viverão estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes.

4 — Então disse: Profetiza sôbre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.

5 — Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis.

6 — E lançarei nervos sôbre vós, e farei crescer carne sôbre vós, e sôbre vós estenderei pele, porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor.

7 — Então profetizei como se me deu ordem; e houve um arruido, profetizando eu. E eis que se fez um reboliço, e os ossos se achegaram, cada osso ao seu osso.

8 — E olhei; e eis que vinham nervos sôbre êles, e cresceu a carne, e estendeu-se pele por cima; porém não havia neles espírito.

9 — E êle me disse: Profetiza ao espírito, filho do homem, profetiza. E dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sôbre estes mortos, e viverão.”
— (EZEQUIEL, 37,1-9).

“Quum tener uxorem ducat spado: Mævia Tuscum,
Figat aprum, et nuda teneat venabula mamma;
Patricios omnes opilus provocet unus,
Quo tondente gravis juveni mihi barba sonabat;
Quum pars Niliace plebis, quum verna Canopi.
Crispinus, Tyrias humero revocante lacernas,
Ventilet æstivum digitis sudantibus aurum
Nec sufferre queat majores pondera gemma
Difficile est satira non scribere.”

JUVENAL, *Sot. prim.*

I

FRASES CÉLEBRES

Uma cousa que me espantava no mundo, era o sangue-frio, a calma, a serenidade, com que morriam certos homens ilustres. Alguns dêles abandonavam a vida terrena tão tranquilamente, que ainda proferiam frases profundas e perfeitas, que eu vinha a conhecer, depois, repetidas pelas tubas da Fama.

Eu desejava, com os meus setenta anos quasi completos, assistir a uma dessas mortes serenas. As pessoas que desertavam o mundo, em minha presença nunca o faziam corajosamente, de modo que me deixavam, sempre, a impressão de que a morte era mais feia do que a pintavam os historiadores, isto é, os biógrafos dos homens notáveis.

Felizmente, chegou o meu dia de tirar a limpo, de uma vez, essa dúvida. Foi há seis meses, por ocasião da morte, quasi repentina, do saudoso comediógrafo Saturnino Colares, autor do “Beijo de Judas”, “A casa dos Mártires” e outras peças de inesquecível successo.

DOAÇÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda

Saturnino, que era um dos maiores amigos do nosso teatro, veraneava na chácara do sr. Senador Lauro Müller, em Jacarepaguá, quando foi atingido por um tiro no peito, durante uma caçada. Conduzido para a casa do seu hospedeiro, recebeu aí os primeiros curativos, aguardando a chegada do Dr. Miguel Couto, chamado com urgência da cidade. Enquanto não vinham os socorros da ciência, eu, o Dr. Lauro, e outras pessoas, cuidávamos do ferimento, aplicando panos com água fria, na tentativa de deter a hemorragia abundante. O último pano, bem apertado, conseguiu sustar o derramamento, e nós pudemos descansar um pouco, pensando na salvação do brilhante escritor teatral.

De repente, porém, Saturnino começou a empalidecer de todo, manifestando uns grandes tremores pelo corpo. Com os olhos esbugalhados, a mão crispada, levantou-se um pouco da cama, e deixou-se cair de novo, pesadamente, e para sempre, murmurando, em uma voz trêmula, que se extinguia:

— Caiu... o... pano...

Quando chegaram, de automóvel, os socorros insistentemente pedidos, e, com êles, os representantes da polícia e da imprensa, o Dr. Lauro Müller explicou aos jornalistas:

— Morreu como um homem de teatro. O seu último pensamento foi para o teatro

brasileiro, para o seu ideal predileto. Aí estão as suas últimas palavras, ao deixar a cena do mundo: “Caiu o pano!”

Enquanto o senador dava essas explicações, que os jornais no dia seguinte estamparam, eu e o Dr. Miguel Couto cuidávamos do corpo, preparando-o para a derradeira viagem. Ao lavar-lhe o peito, encontramos o ferimento aberto, jorrando sangue. Efetivamente, o pano tinha caído...

II

NOIVADOS...

As pessoas que não são de todo cegas, nem de todo esquecidas, já observaram, com certeza, a quantidade de noivados crônicos existentes no Rio de Janeiro. Certo dia, ou certa noite, um rapaz encontra-se em uma sala de baile, ou em uma arquibancada de futebol, ou, mesmo, na Avenida, com uma senhorita graciosa, que o encara com simpatia. Feitas as apresentações protocolares, ou dispensadas estas, passa o marmanjo a encontrar-se com a pequena nas casas de chá, na antessala dos cinemas ou nas praias de banho, até que lhe penetra na residência dos pais, como íntimo da família. Andando juntos, passeando juntos, pegadinhos, misturadinhos, agarradinhos, toda a gente os considera noivos, dispensando, embora, a notícia nos jornais. Aos conhecidos Mlle. apresenta o rapaz:

— Meu noivo, o senhor Praxedes.

Aos amigos, o cavalheiro repete:

— Minha noiva, Mlle. Sinforosa.

Os meses vão-se passando, porém, um a um, como as contas do mesmo rosário, até

que um dia, o pai ou a mãe da moça aborda o camarada:

— Senhor Praxedes, nós temos que fazer uma viagem, e é preciso que o seu casamento com a minha filha se realize antes da nossa partida. Para quando poderemos marcá-lo?

No dia seguinte, o sr. Praxedes ausenta-se, sem mais explicações, da casa da Sinforosa, que trata logo de procurar outro noivo.

Documentando êste abuso, existe já, aquela famosa história do sujeito que namorava a filha de uma viúva, e a quem esta, estranhando as excessivas liberdades do “pirata”, interpelou um dia:

— Doutor Moreira, o senhor está namorando minha filha, é p’ra casar, ou p’ra que é?

O boêmio estremeceu dos pés à cabeça, mas, recobrando, de pronto, o sangue frio, respondeu, firme:

— É... “p’ra que é”, minha senhora!
E desapareceu.

Os casos dêsse gênero são, porém, de tal forma abundantes, frequentes, numerosos, que são encontrados dia a dia, no domínio, mesmo, da realidade. Ainda ontem, nas vizinhanças da mesa em que eu tomava o meu chá de todas as tardes, conversavam dois rapazes sôbre algumas senhoritas que haviam

entrado, no momento, no mesmo salão. Referindo-se à mais graciosa, um, o mais novo, observou ao outro:

— Ela já foi tua noiva...

— Foi sim.

— Quanto tempo?

— Dois anos e meio.

Feita uma pausa, o outro insistiu:

— Por que desmanchastes o casamento?

E o ex-noivo:

— Porque ela queria... casar!

E como se nada tivesse havido, cada um continuou, em silêncio, a tomar o seu chá...

III

A INFLUÊNCIA DO LEITE

As pessoas que têm crianças em casa andam alarmadas, e justamente, com a possibilidade do encarecimento do leite. A alimentação láctea exerce uma influência fundamental na beleza das gerações, e daí o interêsse com que as famílias vêm acompanhando, nestes últimos tempos, a solução dêsse grave problema.

A propósito dessa matéria, eu me lembrava, ontem, do que succedeu a uma senhora da minha estima, espôsa de um antigo secretário de legação. O casal, logo que se constituiu, viveu feliz, e deu à pátria dois meninos de uma alvura quasi alemã. Um dia, sem que eu saiba o motivo, os esposos separaram-se, vindo a nascer, pouco depois, do mesmo matrimônio, um terceiro menino, e êsse, dessa vez, excessivamente moreno. Adivinhando a minha estranheza, a senhora, que é de uma pureza inatacável, explicou-me:

— Veja só, sr. conselheiro, o que é a alimentação! Quando meu marido vivia

comigo, e eu tomava muito leite, pude dar-lhe essas duas crianças de pele alva que o senhor está vendo. Depois, com a separação, faltaram os recursos, e eu passei a tomar café; e o resultado foi o Zèquinha, o último, nascer moreno, como se não fosse da mesma família!

O assunto é, como se está vendo, digno da maior consideração; e é por isso que eu reclamo para o caso a atenção do sr. prefeito, para que, com o encarecimento do leite, não venhamos a ter, nas famílias de pele clara, algumas crianças exageradamente morenas...

IV

A INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO

Um cavalheiro que vem todas as tardes no bonde em que eu viajo, sentou-se, ontem, a meu lado, no mesmo banco, para reforçar com um exemplo novo a minha crônica do último sábado. Achava êle que o café tem contribuído poderosamente para conservação da raça preta no Brasil, citando-me, a propósito, o caso de uma sua cunhada, francesa de sangue e de nascimento, que teve um filho mulato devido ao abuso do chocolate.

Estávamos nós nesse ponto da palestra quando entrou no bonde, ouvindo-a, o sr. senador Lauro Müller, que vinha democráticamente de uma visita. Saudei-o com respeito de antigo subordinado, fazendo-o entrar na conversa, com inteiro conhecimento do assunto.

— Eu acho que é assim mesmo — observou s. ex.: — eu acho que é assim mesmo.

E debruçando-se, amável, sôbre o nosso banco, justificou a opinião:

— Eu acho que é assim mesmo, porque tive uma prova em minha casa, vai para uns

cinco anos. Era um criadinho que o Abdon me trouxera de Santa Catarina, para copeiro. Gozava de uma saúde de ferro, mas possuía uma côr péssima, de um verde carregado, bilioso, que me incomodava. Supús que sofresse do fígado, e mandei examiná-lo. O resultado foi negativo: não tinha lesão, não tinha moléstia, não tinha nada. Um dia, chamei-o, e perguntei-lhe se comia muita verdura.

— Não senhor! — respondeu-me.

— E ervilhas verdes?

— Não, senhor!

— Que era, então, que você comia em Campo Eré?

O pequeno escancarou os olhos, e deu-me a chave do problema:

— Nós, na sêca, comia periquito.

— E no inverno?

— No inverno? Nós comia papagaio!

O bonde chegava, nesse momento, à rua de Santo Antônio. O general Lauro Müller estendeu-me, liberal, a sua mão ilustre, dizendo-me, em seguida:

— O sr. tem razão, conselheiro. O camaleão não é verde porque come fôlhas?

E saltou.

O CEGO E AS UVAS

Um amigo meu, casado recentemente, queixava-se-me, há dias, do ciúme da espôsa, que lhe vigia todos os passos, todos os atos, fiscalizando-lhe os menores movimentos do corpo e do espírito. Para êle, a mulher ideal é aquela que solta a rédea ao espôso, deixando-lhe absoluta liberdade. E dizia, desolado:

— É um horror, meu velho. Minha mulher seria um anjo se fosse como as outras, que cerram os ouvidos ao que se diz do marido, e, mesmo, àquilo que o marido efetivamente faz. A mulher deve ser generosa e condescendente com o espôso. Não sendo assim, a vida matrimonial é um suplício, um martírio, um inferno.

Eu sou, entretanto, de opinião inteiramente contrária. Mulher que não se incomoda com as faltas do marido, é porque pretende, ela mesma, cometer, por sua vez, as suas leviandades. Quando a espôsa não se revolta com os desvios do companheiro do

seu destino, é mau sinal; é que ela tem, com certeza, culpas mais graves, que dariam saldo ao espôso, na hipótese de um encontro de contas... Nesse caso, o marido pode ficar certo de que se está produzindo no seu lar aquele famoso episódio do cego das uvas, aproveitado com tanta propriedade, na “Arte de furtar”, pela santa ironia do padre Antônio Vieira.

Certo cego, muito esperto, andando a pedir esmolas de porta em porta, recebeu de uma alma compadecida um grande cacho de uvas, que pendurou ao dedo, para regalo do almôço. Chegando a uma sombra de temperatura suave, chamou êle o menino que o guiava, e convidou:

— Vamos comer estas uvas; mas, para as comermos igualmente, cada um de nós só deve levar à bôca uma de cada vez.

Iniciado êsse repasto, o cego, depois de comer algumas uvas uma a uma, passou a levá-las à bôca de duas a duas. É como o pequeno não protestasse, tomou súbitamente do bastão e aplicou-lhe uma bordoadada, bradando:

— Marôto! Estás comendo as uvas de três a três!...

— Eu?... — exclama o pequeno.

— Tu mesmo; e a prova de que estás comendo de três a três é que não disseste

nada quando me viste comê-las de duas a duas!

E era verdade. E como o pequeno do cego são as senhoras condescendentes. Quando elas fecham os olhos ao gesto do marido que come as uvas de duas a duas, é porque elas as estão comendo, pelo menos, de três a três...

VI

ÁRVORES GENEALÓGICAS

Um moço de S. Paulo, que eu conheço da Europa, mandou perguntar-me, há dias, para liquidar uma dúvida, se eu não era filho do visconde de Santo Elías, e neto, por parte de minha mãe, do barão de Mucunã, que foi presidente de Sergipe, e de Goiaz de 1839 a 1851. Eu lhe respondi, como era natural, negativamente. Meu pai era sapateiro em São João d'El-Rei, de onde se transferiu para Campinas, minha cidade natal, em 1848, descendendo eu, também, por minha mãe, não do honrado barão de Mucunã, mas do não menos honrado lusíada Manuel Vicente da Costa, vendedor ambulante de doce de côco na cidade de Juiz de Fora. São dados autênticos, registados por tio Ricardino da Costa, no livro n.º 11 da matriz de Taubaté, quando êsse meu parente exercia alí, com o talento e critério peculiares aos Costas, o cargo de sacristão.

A falta de um visconde ou de um barão na minha ascendência, não é, pois, cousa que me preocupe. Se eu tivesse ambição de no-

breza, legítima ou falsa, aproveitaria agora, a oportunidade, introduzindo na família o visconde de Santo Elias e o barão de Mucunã, apossando-me dos seus respectivos títulos, como se faz atualmente em nossa alta sociedade.

A propósito dêste assunto, vale a pena contar, aquí, o caso que motivou o meu desinterêsse, e, mesmo, o meu horror pelas nobiliarquias. Foi isso há dois ou três anos, em Petrópolis. Um dos nossos homens de nobreza, herdeiro presuntivo de um título de príncipe, mandou pintar, um dia, a sua árvore genealógica. Era um baobá formidável. No tronco, afundando-se no adubo escuro dos séculos, figuravam o rei Príamo, a rainha de Sabá, os Ptolomeus, Nabucodonosor, o rei Pepino, o imperador Melão e o papa Clemente XI, os quais se apertavam em um feixe inicial, que se abria no alto em uma complicada ramaria de príncipes, arquidukes, duques, marqueses, condes, viscondes e barões, de que era último rebento, última flôr, o nosso eminente patrício. De uma feita, foi um amigo visitá-lo, e o príncipe, que era um fidalgo pelo menos nas maneiras, convidou-o a ver essa maravilha. O visitante parou em frente ao quadro, mirou-o e, virando-se para o dono, perguntou, espantado:

— Mas, “seu” Rodrigo, você está certo, mesmo, de que os moleques nunca treparam na sua árvore?

O príncipe empalideceu mas não retirou o quadro do salão; limitou-se a virar a árvore de cabeça para baixo, de modo que, dali em diante, tudo quanto era ramo, ficou sendo raiz...

VII

A BRUXARIA NO RIO

Os comentários sôbre a feitiçaria praticada nas altas rodas mundanas não podiam ficar no ponto em que o têm deixado nestes últimos tempos os jornalistas profissionais. O assunto é rico em surpresas, e é natural que eu aproveite convenientemente as preciosas informações que me vão chegando.

O caso que ontem me contou o ilustre magistrado sr. dr. Machado Guimarães, vale, êle só, por toda a crônica da bruxaria do Rio de Janeiro. O fato é recente, e tem a vantagem de envolver pessoas muito conhecidas e muito elegantes, uma das quais está presa a mim por estreitos laços de parentesco.

Um cavalheiro meu conhecido, e íntimo amigo do dr. Guimarães, teve a fraqueza, mais que invejável, de apaixonar-se por uma senhora muito linda, e muito loura, que tem sido o suplício de uma centena de corações. No seu desvairamento, desiludido dos processos galantes com que procurava ca-

tivar aquela fugitiva môsca dourada, resolveu o mísero socorrer-se de uma bruxa da rua dos Arcos, que lhe fôra indicada pelo próprio dr. Machado Guimarães.

A receita que esta lhe deu era simples, e comum: consistia em obter trinta e três fios de cabelos da moça, polvilhá-los com açúcar, e deixá-los nas proximidades de um formigueiro. À medida que as formigas os fossem roendo, a ingrata iria sentindo, também, os formigamentos do amor no ponto mais íntimo do coração.

O desventurado fez o que lhe recomendaram, sem omitir uma única particularidade. Escolheu no seu jardim, em Copacabana, um formigueiro enorme, onde enxameavam milhões de formigas pretas e inquietas, e entregou, não sem pena, à gula dêsses tigres pequeninos, os trinta e três fios de ouro que havia obtido por intermédio de uma criada, a dez tostões cada um.

Durante a noite, não sonhou com outra cousa. Viu a bem amada debater-se entre milhões de feras minúsculas, e não foi sem grande contentamento que pulou da cama, de manhã, para correr ao jardim.

Aguardava-o, porém, uma surpresa. Foi debalde que procurou em tórno ao canteiro de magnólias, onde o vira na véspera, o formigueiro das formiguinhas pretas. Por

toda a parte, por mais que remexesse a terra, só via formiguinhas vermelhas ou amareladas, dessas que chamam vulgarmente “formigas de fogo”.

As formigas tinham devorado os fios de cabelos, e estavam todas... oxigenadas!...

VIII

COSTUMES DO JAPÃO

Comentando, há dias, uma das minhas velhas crônicas de saudade, um diplomata, meu amigo, chamava-me a atenção para a facilidade com que o brasileiro se adapta aos costumes do país aonde chega. Essa observação era justa, e evocou-me um caso significativo, de que fui testemunha em 1908.

O paquete em que eu ia de S. Francisco da Califórnia para Cantão, o "London", havia arribado ao porto japonês de Yokoama, e, como a demora fosse de alguns dias, resolví aproveitar a oportunidade para visitar Tóquio e as suas celebradas originalidades. Tomei um aposento no Grande Hotel, o primeiro de Yokoama, e metendo-me no trem que faz o serviço para a capital, cuja linha acompanha a orla do mar, chegava, uma hora depois, à metrópole do Micado.

Aí, hospedei-me no Imperial Hotel, grande prédio no centro de um jardim, que me disseram ser o preferido pelos diplomatas residentes em Tóquio. Escolhi-o na esperança de encontrar nele o dr. Luiz Gui-

marães Filho, encarregado dos negócios do Brasil naquele país. No hotel, tive, realmente, a informação de que o nosso ilustre representante jantava alí quasi todos os dias; fui, porém, infeliz, pois o meu jovem patrício não appareceu nessa tarde, sendo eu obrigado a ir procurá-lo na casa em que residia.

Na manhã seguinte, chamei um “rikisha”, carrinho de duas rodas puxado por um homem, e dando a êste, em papel semeado de pernas de barata, o enderêço que me haviam fornecido no hotel, pús-me a rodar pelas ruas da cidade. Meia hora depois o meu “rikisha” parava no portão de um jardinzito estrelado de crisântemos, no meio do qual tremulava uma pequena bandeira brasileira, de papel, no alto de uma vara de bambú.

Como ninguém me viesse atender ao portão, entrei, e batí na porta do chalé. Só então me atenderam de dentro, mas para uma surpresa inesquecível: o nosso encarregado de negócios, sorridente, gentil, gracioso, recebia-me em trajos... paradisíacos!

Vendo o meu espanto, o dr. Luiz Guimarães, depois de velar-se um pouco com um quimono de mulher, que estava sôbre uma cadeira de junco, explicou-me o caso, pedindo-me desculpas. Êle abrira a porta

naquele estado — disse-me — supondo que fosse umas senhoras que esperava para tomar chá...

Nessa mesma tarde eu voltava para Yokoama, de onde o “London” levantava as âncoras no dia seguinte, completamente reparado.

I X

NOS DOMÍNIOS DO TURCO

Já que estamos no Oriente, não sairemos de lá sem contar outro episódio, que tem qualquer cousa de pitoresco.

De regresso do Cairo, onde me abriguei do rigoroso inverno europeu, resolví passar uns dez ou doze dias em Constantinopla, aguardando aí a alta de temperatura em París, Viena ou Berlim. Hospedei-me em um hotel francês, considerado de primeira ordem, situado em uma praça ignóbil, batizada com o nome de um sultão, creio que Abderrahman III. Era o *Hotel d'Europa*, instalado em um edifício que tanto podia ter sido uma grande mesquita como um castelo bárbaro, do século XV, transplantado de alguma planície da Hungria para as encantadas margens do Bósforo.

Ao lançar o meu nome no livro dos viajantes, fui surpreendido com o registro, nele, de um illustre homem de letras brasileiro, com quem havia travado relações ainda no Rio de Janeiro. Pedí informações ao proprietário do hotel, mr. Vitor Raimond, e

soube, então, que êsse meu amigo ainda se achava em Constantinopla, e que me podia dar mesmo o seu enderêço, ou mandar-me conduzir à sua moradia — pois havia êle fixado residência no país, alugando casa. Aceitei o oferecimento do hoteleiro, e, no dia seguinte, depois da oração do meio dia, saímos de automóvel, eu e um guia do hotel, para realizar essa visita.

A casa ficava para os lados do Corno de Ouro, exatamente no ponto mais remansado do bairro. Passamos uma ponte, rodeamos uma formidável mesquita monumental (a do Sultão Selim I), e dentro de quinze minutos batíamos, com um pedaço de ferro, suspenso de um arame, em uma chapa de bronze, substituindo a campainha, no portão de um pequeno jardim maltratado. Apareceu um criado gordo, opilado, de cara asiática, mas falando regularmente o francês. Perguntei-lhe pelo dono da casa. Respondeu-me que estava no harém. Pedí que fosse avisá-lo da minha presença, dizendo-lhe, apenas, que era um estrangeiro, que o procurava com interêsse.

Momentos depois voltava o criado, e eu entrava na casa silenciosa. Ao fim de um corredor de paredes nuas, havia uma sala, cuja porta eu devia empurrar. Abro-a e estaco, surpreso. O compartimento não tinha um único móvel. Das paredes alvas,

caiadadas, não pendia um quadro, um “bibe-lot”, um enfeite. Apenas, no chão, um grande tapête da Pérsia, onde se sentavam cinco mulheres novas, que desceram os véus à minha aproximação. Colocadas em semi-círculo, rodeavam elas um homem, também sentado, de pernas cruzadas, e que fumava monòtonamente um “narghileh” borbulhan-te. Ao vê-lo, vestido à oriental, com os seus bigodes grisalhos, o “fêz” à cabeça, supús encontrar-me na presença de Moamed V, de quem conhecia o retrato. Mas a minha dúvida durou pouco tempo, porque o “tur-co”, de um salto, se lançou para mim, de braços abertos, bradando:

— Costa!

— Medeiros! solucei.

As cinco mulheres, mudas, embrulha-das, espiavam tímidamente pelas costuras do véu...

X

AS "ACHADEIRAS"

Eu estava, ontem, à noitinha, à porta da casa Artur Napoleão, conversando com a minha velha amiga, D. Generosa Pinto Fernandes, viúva do saudoso caricaturista Pinto Fernandes, quando se aproximou a sua filha mais velha, D. Celeste, de umas vinte e cinco primaveras, viúva de um 1.º tenente do Exército, falecido há três ou quatro anos.

— Pensei que não vinhas mais! — exclamou D. Generosa; — saíste ao meio dia e são quasi seis horas!

D. Celeste abriu a bolsa para tirar o lençinho de cambraia, e os óculos de ouro da veneranda senhora descobriram, de pronto, ao fundo, sob a caixa de pó de arroz, a ponta de uma cédula de cinquenta mil réis.

— Foste ao Tesouro? — indagou a curiosidade materna.

— Não! — acudiu D. Celeste.

E vendo a cédula:

DOAÇÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Atencar Miranda

— Ah! Eu nem lhe disse! Achei-a ali, na rua do Ouvidor, defronte do Fio de Ouro. Cheguei, mesmo, a pisar em cima...

D. Generosa sorriu, satisfeita, e explicou-me:

— É uma felizarda, esta minha filha; eu nunca vi gente para achar dinheiro assim! Já no sábado passado, ela achou cem mil réis e no outro sábado, outros cem; não foi, Lélé?

D. Celeste confirmou, um pouco atrapalhada com a sua felicidade, e eu indaguei de D. Generosa:

— E a senhora, quando vai com ela, não vê dinheiro no chão?

— Não, senhor, sr. conselheiro, não, senhor. Quando vem comigo à cidade, nunca lhe sucede isso. Diz ela que eu lhe transmito caiporismo, e como é assim mesmo, eu a deixo vir sòzinha, ou então, com uma das amigas, nossa vizinha.

— E essa também acha dinheiro?

— Essa? Essa ainda acha mais! É do que vive o marido, coitado! depois que perdeu o emprêgo!

Quando eu me voltei para a despedida, não mais vi D. Lélé. Tinha ido “achar” dinheiro...

XI

A FALTA DÁGUA

Tem sido absoluta nestes últimos dias, a falta d'água em quasi todo o Rio de Janeiro. Quem mora em Petrópolis, onde a água nunca faltou para o banho de esponja da sociedade elegante, não imagina o que é a nossa gloriosa Sebastianópolis por êste tempo, sem líquido que chegue, sequer, para uma chícara de chá. As banheiras estalam de sêcas. As torneiras, outrora generosas e frescas, assobiam como trens dos subúrbios. Há, por tudo, na casa, um ar de tristeza, de mágoa, de angustiosa desolação.

Eu fui ontem à cidade e vi, penalizado, êsse espetáculo doloroso. E a que eu via ainda não era, infelizmente, toda a verdade, da qual só me deu uma idéia o jovem escritor dr. Cláudio de Souza, a quem encontrei na livraria Leite Ribeiro, sobraçando cuidadosamente um embrulho.

— Sabe o que é isto? — perguntou-me, mostrando a bagagem.

Eu não sabia; e êle explicou-me:

— É água. Levo aqui duas garrafas, conseguidas a custo no Alvear. Uma é para o banho, e outra para beber até amanhã.

E acrescentou:

— E eu ainda fui feliz. O seu colega Luiz Guimarães está ali, nas torneiras da Carioca, desde as três horas, e ainda não encheu a garrafa dêle. É um horror!

Nesse momento parou um bonde de Ipanema, e o meu amigo correu para tomá-lo. O bonde desapareceu e, quando me voltei para o balcão da livraria, vi um embrulho. O dr. Cláudio, na precipitação, tinha-se esquecido das garrafas!

Para mim, que tinha de passar a noite no Rio, aquele esquecimento era providencial. Peguei, pois, no volume, e levei-o para casa. Abrí-o, e fiquei surpreendido com a tal água do Alvear. É amarelada, espumante, quasi ácida e estoura como dinamite. Essa modificação do líquido, cujas garrafas bojudas estavam com o gargalo muito bem acondicionado, é devida, com certeza, à intensidade do calor...

XII

A CARA DO PAI

Um dos cuidados que eu sempre tive na vida, com o qual, até há pouco, ia me dando muito bem, foi o de achar as crianças que me apresentam muito parecidas com o respectivo pai, isto é, com o espôso da mãe delas. As senhoras ficam geralmente muito satisfeitas com isso, e os maridos ignorando que assim proceda sistemáticamente, soltam quasi sempre um suspiro de alívio, como se eu lhes tirasse do espírito uma gravíssima preocupação. Esse processo, eu o obtive há muitos anos com a decepção do José Dias, do “Dom Casmurro”, de Machado de Assís. O dono da casa tinha um filho, em que pusera o nome de Ezequiel, e que se parecia mais com o padrinho do que com o pai. O pobre José Dias, ignorando os segredos fisiológicos, mas conhecendo, por leitura ligeira, algumas passagens das Escrituras, costumava tratar bíblicamente o pequeno:

— Como vai isso, filho do homem?

Ou então:

— Onde estão os teus brinquedos, filho do homem?

Um dia, a mãe do menino, agastada, perguntou-lhe:

— Que filho do homem é êsse?

— São os modos de dizer da Bíblia, — explicou-lhe José Dias.

E ela, com aspereza:

— Pois eu não gosto dêles; é bom não repetir.

O sistema de achar nas crianças grande semelhança com o marido das mães, pode motivar, entretanto, desgostos imprevistos, como o que eu tive um dêstes dias em uma casa de Botafogo. O chefe da família, diplomata ilustre e conhecidíssimo, havia me convidado para um almôço íntimo, em sua residência. Fui, e, no momento oportuno, êle me apresentou a espôsa, uma senhora jovem e linda, que, por sua vez, me trouxe os dois filhinhos, um de cinco anos e outro de seis. Ao ver os meninos derramei-me nos elogios de costume, achando-os bonitos, fortes, admiráveis, até concluir, com entusiasmo:

— E parecem-se extraordinariamente com o pai. São a sua fisionomia, os seus traços, sr. ministro!

Ante a minha declaração, a senhora recolheu o seu sorriso encantador, e empalide-

ceu. Outras pessoas presentes mostraram-se, também, reservadas. Depois, foi que eu vim a saber de tudo: as crianças apresentadas pela senhora pareciam-se, realmente, com o ministro, mas eram, ambas, filhas do seu primeiro marido!...

XIII

AS INGÊNUAS

As senhoras ingênuas, são, às vezes, causas de desastres cujo alcance elas não podem, sequer, compreender. Quando qualquer dama de alma simples entra em uma palestra, é infalível uma complicação, e dessas graves, terríveis, que arrastam, no mundo, dois destinos e duas vidas.

D. Lisete Fernandes é uma pequenina criatura dessa ordem. Conversa em que ela tome parte acaba, fatalmente, em conflito, dêsses em que se empenham marido e mulher, noivo e noiva, ou, pelo menos, namorado e namorada. O caso ocorrido anteriormente, no chá de Mme. Prado Pereira, no Flamengo, foi apenas um exemplo dos males que ela tem feito aos outros, sob a proteção do sorriso mais doce, mais puro e mais cândido que tem desabrochado num rosto de trinta anos.

Conversava-se familiarmente na elegante "terrasse" de Mme. Prado Pereira, quando esta, na sua bondade, entendeu de aproximar, por uma apresentação gentil, D. Lisete Fernandes e Mme. Sampaio da Costa.

— A senhora é quase minha vizinha — observa D. Lisete, dirigindo-se à outra.

— Mme. reside, também, na rua das Laranjeiras?

— Não, senhora; resido em Botafogo, na rua S. Clemente...

— Pois eu resido nas Laranjeiras, desde que me casei.

— Mme. não é espôsa do Dr. Sampaio da Costa, aquele alto, moreno, que está ali, conversando com o meu marido?

— Exatamente.

— Pois, olha, eu supús que a senhora morasse na minha vizinhança, porque sempre o vejo entrar lá, todas as tardes. A senhora é que eu nunca vi, mesmo à janela...

E, na sua simplicidade, continuou a morder a sua torradinha, enquanto Mme. Sampaio da Costa destilava duas lágrimas compridas, amargas, dolorosas, na sua xícara de chá...

XIV

AS DISCÍPULAS DE PLÍNIO

Íamos anteontem pela Avenida, eu e o dr. Mário de Alencar, quando o convidei para entrarmos em certa perfumaria, onde eu pretendia comprar um vidro de perfume.

— Gosta de perfumes, conselheiro? — perguntou-me.

Eu lhe respondi com desatado entusiasmo, e o dr. Mário, quasi sem o querer, censurou-me:

— A paixão dos perfumes, quando exagerada, é o mais perigoso dos vícios. Conhece o Plínio?

— O dr. Plínio Barreto, de São Paulo? — indaguei.

— Não, o Plínio, o latino, o antigo, ou, antes, o antiquíssimo. Pois leia-o. É no seu livro décimo terceiro, se bem me lembro, no capítulo “Unguenta, peregrine arbores”. Diz êle, aí, que o luxo dos perfumes é, de todos os luxos, o mais injustificável, o mais tolo, o mais frívolo. As pérolas e as pedras preciosas passam de pais a filhos, como herança. Os tecidos caros, os tapêtes custosos, têm uma duração mais ou menos longa, per-

mitindo a quem os possui um prazer mais duradouro. O perfume, êsse, é uma das vaidades mais dispendiosas, e, exatamente, a mais fugitiva. Evola-se em um dia, em uma hora, e num ligeiro instante da vida, com a circunstância, ainda, de ser mais percebido pelos outros do que pelo indivíduo que o usa.

— Mas eu uso perfumes comuns, perfumes de higiene, — observei.

— Eu compreendo —olveu o dr. Mário — eu também não os dispenso. O que eu censuro é o exagêro, é a essência de cinquenta mil réis a gota, o extrato de duzentos mil réis o vidro, é, enfim, o perfume exótico, daqueles que Júlio Cesar e Licínio Crasso proibiram em Roma depois da derrota de Antíoco, em 565, A. C. Foi o perfume, mais do que a mulher, o vício que amoleceu o persa, que foi, aliás, o povo que levou ao romano, com os seus cativos, êsse pérfido veneno das sociedades apuradas.

Nesse momento, entrávamos na perfumaria, onde se amontoavam duas dezenas de senhoras, que fugiam à chuva. Dentro, havia um cheiro forte de multidão, de gente aglomerada, de vestidos suados e secos ao sol. E como aquelas damas estivessem, na sua maioria, comprando esponjas para o banho, o dr. Mário, soprando-me ao ouvido:

— Olhe, estas... exageram Plínio!

E espirrou.

XV

A DEMOCRACIA DOS SALÕES

Quando eu converso com alguns cariocas e lhes digo que sou de São Paulo, aonde Deus me atirou ao mundo em 1850, o filho do Rio de Janeiro, se não é um espírito de elite, geralmente me observa:

— Bonita terra! A capital, principalmente, é uma linda cidade; tem, apenas, um defeito.

Eu pergunto pelo defeito, e o carioca, autêntico ou naturalizado, explica-me em que êle consiste:

— O defeito é ser muito aristocrática. Passa-se em S. Paulo um mês, um ano, e não se conhece um salão. Para conhecer uma família paulista, e entrar na sua intimidade, é preciso ter nascido em S. Paulo e descender, pelo menos, de Amador Bueno. Aquilo não é uma sociedade: é uma côrte!

E têm razão os que assim se manifestam. Têm razão, mas eu lamento que o Rio de Janeiro proceda de maneira diferente, democratizando em excesso a sua sociedade, a sua família, os seus salões.

É deplorável, efetivamente, o que se observa entre nós. Uma recepção em salão do Rio, é, com pequena diferença, a miniatura do Carnaval na Avenida. Vê-se de tudo para escândalo de todos. Há um mês, mais ou menos, eu fui a uma festa familiar, a convite do dono da casa, que era meu camarada de infância. A sala estava cheia, e eu comecei a tomar informações sôbre os convidados.

— Quem é aquele moço que está conversando alí com tua filha? — perguntei ao meu amigo.

— Não sei, — respondeu-me; — é um convidado do meu filho. Espera, aí.

E chamando o filho:

— Lula, quem é aquele rapaz que está conversando com a Lucí?

O moço fez um esfôrço de memória e, como não se lembrasse daquele cavalheiro, pediu um minuto de espera, voltando, depois a explicar ao pai:

— Aquele é um amigo do Cláudio.

— E quem é o Cláudio?

— O Cláudio? É meu amigo.

— De que família?

— Não sei. Eu o conheci na Avenida; mas, creio que êle é do norte.

O pai franziu a testa, despediu o filho, e, tomando-me do braço, levou-me para o terraço, em frente ao jardim. E aí, sentando-se, rugiu-me ao ouvido:

— Queres saber de uma cousa? Eu não conheço a família de dez pessoas, das oitenta que estão em minha casa!

E derreando-se na *chaise-longue*, explodiu, com raiva:

— Isto não é sociedade, isto é uma exposição canina... sem registo!

Nesse momento, eu, sem querer, procurava na memória, aflito, o nome do meu bisavô...

XVI

DIPLOMATAS DO MEU TEMPO

Eu, quando começo a viver de saudades, sou como o pássaro que se sente atraído pelos olhos de uma serpente, e que não pode fugir. O Passado é a minha serpente; e eu me vou para êle, ainda hoje, como a ave para o réptil que a vai devorar.

Nessa viagem pelos dias que se foram, aparece-me, sempre, o meu velho mestre e amigo José Maria do Amaral, a honrar, fora da pátria, com a sua finura, com a sua agudeza, com o seu admirável tato diplomático, as tradições da inteligência brasileira. E um dos casos mais típicos da atividade do seu espírito, foi, sem dúvida, o que êle me contou há 40 anos, e que tentarei, agora, reproduzir.

Era José Maria adido à nossa legação na Bélgica, no princípio da sua carreira, quando se encontrou, alí, com o príncipe Luiz Napoleão, que era, então, simples estudante. Joviais, não lhes foi difícil, aos dois, uma forte amizade boêmia, que selaram com uma vida mais ou menos agitada,

em que apareciam, de permeio, atrizes e bailarinas de fama.

Passaram-se os tempos, e, um dia, com o golpe de Estado, sobe Luiz Napoleão ao trono da França, com o nome de Napoleão III. Por êsse mesmo tempo, era José Maria do Amaral ministro do Brasil em Paris, onde sustentava o nosso crédito, ameaçado pela campanha do Paraguai, que estava no seu auge.

Uma noite, realizava-se uma grande festa nas Tulherias, quando Napoleão, encontrando o seu velho camarada em um círculo de diplomatas, lhe deu, familiarmente, o braço, conduzindo-o para um corredor isolado, onde se puseram a passear lado a lado, conversando com intimidade.

Ora, por êsse tempo, estava detido nos estaleiros franceses um navio de guerra, que seria o futuro couraçado "Brasil". Êsse navio tinha sido adquirido pelo govêrno brasileiro ao do Paraguai, que o mandara construir; tendo, porém, rebentado a guerra entre o Paraguai e o Império do Brasil, resolveu a França não nos entregar a embarcação, o que era, aliás, da conveniência da Inglaterra, que empregava todos os esforços para que assim acontecesse.

Vendo, assim, tão junto, e durante tanto tempo, o imperador francês e o nosso ministro, o representante da Inglaterra ficou,

naturalmente, incomodado. Para êle, a palestra versava sôbre o caso do couraçado e, também, sôbre a sua entrega, o que seria um desastre para o govêrno do seu país.

Ao fim de uma hora, em que conversaram da vida passada, Napoleão e José Maria aproximaram-se de novo da roda dos diplomatas. Ao vê-los, o ministro inglês não se pôde conter, e, dirigindo-se a José Maria, observou, irônico:

— A conferência foi longa; e o assunto foi, com certeza, muito grave... não?

José Maria, como sempre, não se perturbou. Voltou-se para o seu interlocutor, e, na frente de todos, e do próprio Napoleão, observou:

— É verdade; passei todo êsse tempo a convencer sua majestade de que um inglês seria capaz de uma indiscreção; e sua majestade, ao que parece, não se convenceu!

Dias depois o ministro da Inglaterra, levando essa lição na bagagem, atravessava a Mancha a caminho de Londres.

XVII

O CONFESSOR

Vítima de um repentino ataque de coração, D. Antonieta de Miranda Portugal recolheu-se ao leito, uma destas noites, ao regressar do teatro. Pela madrugada, com a presença do médico mais ilustre do bairro, o seu estado era considerado desesperador, de modo a se tornar imprescindível a presença de um padre, para ouvi-la em confissão.

— Um padre! Um padre! — pedia, ansiando, a desventurada senhora.

Ciumento como o próprio Otelo, o marido corria em busca de um sacerdote quando começou a refletir: “E se eu me transformasse em padre, não seria um excelente meio, para saber, afinal, se ela me foi leal, sincera, dedicada, durante toda a vida?” O que pensou, ou fez, em seguida, o infeliz espôso, nessa hora gravíssima do seu destino, ninguém soube nem sabe; o que é certo é que, uma hora depois, entrava no palacete do Dr. Epaminondas Portugal o vulto de um sacerdote, que se pôs a confessar, contrito, à luz

mortiça das lâmpadas discretamente veladas, a pobre senhora moribunda.

— Pequei, padre, pequei... — gemia a desgraçada, ansiando; — pequei contra Deus, contra mim e contra meu marido...

— Contra o seu marido? — gemeu o confessor.

— Sim, enganei-o...

— Enganou-o?...

— Sim! Com... com...

A frase morreu-lhe, porém, na garganta, por onde lhe saía a alma no momento. Um tremor subitâneo tomou-lhe o busto inteiro, o corpo inteiro, e, num gemido fundo, evolou-se-lhe o espírito com a última pancada do coração.

A êsse gemido de morte respondeu, porém, um horrendo grito de desespero: era o Dr. Portugal que, com as vestes de padre católico, rolava ao pé do leito, vomitando sangue, tendo à mão, entre os dedos contraídos, uma lâmina ensanguentada!

Vendo sair os dois caixões fúnebres, um ao lado do outro, na mesma carreta, coberta por um turbilhão de grinaldas rescendentes, era unânime êste comentário:

— Viviam um para o outro, e não se separaram nem na morte... Deus os tenha, no céu, como eles viveram na terra!

E a carreta rolou...

XVIII

OS POMBOS

Eu tenho em meu jardim um pequeno pombal, em que distraio os olhos quando me aborreço de olhar, da janela da rua, a fatigada fisionomia dos homens que passam. São apenas uns vinte pombos, pretos, cinzentos e côr de canela, que arrulham no telhado, bicam a terra, cortam os ares, e prestam grandes homenagens às respectivas espôsas, fazendo mesuras tão respeitosas e cativantes como eu nunca vi nos salões em que se dão *rendez-vous*, as mais educadas figuras humanas...

Em princípios de abril, um menino da vizinhança, por maldade que eu só encontro nessas pequeninas feras que o Nazareno teve nos braços, apedrejou um casal que namorava no muro, matando a pombinha, que tombou sôbre um canteiro, tremelicando as asas. Dias depois, um gato, também da vizinhança atacou um pombo que mariscava, no quintal, estrangulando-o, sem piedade da linda viúva, que passou a noite no telhado, chamando o companheiro desaparecido.

Durante uma semana esperei que o pombo viúvo procurasse a viùvinha, constituindo novo "menage". Mas foi debalde; cada um vivia para seu lado, esgaravatando a terra sòzinho, voando sòzinho, dormindo sòzinho. Acreditei que fosse a falta de um intermediário e resolví intervir, protegendo os seus honrados amores. Apanhei os dois, metí-os sob um cesto, onde punha, todos os dias, água e milho. À noite, ia vê-los; estavam separados, encolhidos cada um no seu canto como dois estranhos; e assim viviam durante o dia, quando só se aproximavam para comer, mas silenciosos, mudos, acomodados, como se nunca se tivessem visto no mundo. Ontem, afinal, soltei os dois: a situação não mudou: cada um dêles procurou o seu antigo pouso, aonde, à tarde, foi se agasalhar solitário, arrulhando melancòlicamente a sua saudade do companheiro ou da companheira que não voltou mais...

À noite, depois do jantar, contava eu, no salão, êsse caso às minhas filhas, quando se iluminou, de repente, a casa fronteira, aonde parara um automóvel. Era um amigo meu, viúvo há um ano, que ia pedir em casamento a minha vizinha, senhora de cinquenta e cinco anos, que enviuvou há seis meses...

XIX

O CULTO DA VERDADE

Um chefe de família, que foi meu condiscípulo em dois colégios primários de Campinas, observava-me, há dias, o infinito desprezo que a gente nova consagra atualmente à verdade. Para os rapazes de hoje, a mentira é um divertimento sem consequências, como se das pequenas faltas dêsse gênero não pudessem advir os mais graves acontecimentos. Em nosso tempo, não era assim. Faltar à verdade era para nós um pecado quasi tão grave como o roubo ou o homicídio. A mentira apresentava-se-nos como a geradora de todos os crimes, convindo, portanto, evitá-la como a pior das armas do demônio.

Dessa educação rígida, vieram, em todos nós, um enorme horror ao falseamento dos fatos, e a ânsia, que temos, de corrigir imediatamente, em qualquer parte, e quaisquer que sejam os resultados, as histórias propositalmente adulteradas. Esse hábito é, em nós, da minha geração, tão instintivo que me ia custando, uma vez, em Londres, o sacrifício de uma das minhas melhores amizades.

O dr. Tomaz Miler, antigo engenheiro no Brasil, onde se casara com uma formosa moça de Barbacena, era, na capital inglesa, uma das minhas relações mais ilustres e queridas. Uma noite, como de costume, fui fazer-lhe companhia no serão, e começámos a falar em sinais que aparecem no corpo das crianças por simples impressão nervosa das mães, quando o meu amigo, com a sua simplicidade característica, me afirmou, referindo-se à espôsa:

— Mary, por exemplo, foi vítima de um desses fenômenos. A mãe dela vivia sempre com um relógio no pulso, e a criança nasceu com um sinal, em forma de relógio, na perna esquerda.

Ante aquela declaração, eu sentí uma formidável revolta de consciência, e, sem me conter, atalhei:

— Na esquerda, não; na direita!

O inglês olhou-me, fixo, empalideceu três vezes, e pôs-se de pé. Eu supú que êle me fosse partir a garrafa de whisky na cabeça, mas enganei-me: o seu gesto foi mais gentil, mais nobre, mais digno da sua educação puramente britânica: deu dois passos no meu rumo, e, estendendo-me a destra espalmada, bradou:

— Tem razão; é na direita!

E apertou-me violentamente a mão pelo meu desassombrado amor à verdade.

INCIDENTES DO CARNAVAL

O Dr. Malaquias de Azevedo, médico da Fábrica de Tecidos São Torquato, e um dos clínicos mais conceituados do seu bairro, é um carnavalesco incorrigível. Todos os anos, quando se aproximam os três dias terríveis, o seu primeiro cuidado é inventar uma viagem a S. Paulo, ou a Belo-Horizonte, em que as malas embarcam vagorosamente na Central e desembarcam rapidamente em Cascadura.

Êste ano, o Dr. Malaquias foi mais audacioso: deu “habeas-corpus” à espôsa e, no domingo, à noite, estava êle metido no seu dominó preto, no High-Life, onde saltou, pulou, dansou, divertindo-se como aqueles que mais dansaram e pularam. Já pela madrugada, com dezessete taças de champanhe nos miolos, tinha o bulhento folião ao seu lado, nas mesmas condições, um irrequieto dominó azul, com quem fizera amizade, e que traía um jovem corpo de mulher.

— Vamo-nos embora? — convidou o Dr. Malaquias.

— Vamos! — aceitou o dominó azul.

Já na rua perguntou um dêles:

— Para onde vais?

— Para Botafogo.

— Vamos!

E tomaram o mesmo automóvel, que parou à esquina de uma rua transversal à Voluntários da Pátria.

— Moras nesta rua?

— Moro; adeus!

— Não; eu te acompanho.

— Não, não venhas; meu marido está na cidade. Adeus!

E, rápido, o dominó azul enveredou pela rua silenciosa. O outro, absorto, acompanhou-o com os olhos, e, vendo-o entrar em uma casa, que era a sua, pôde, apenas, murmurar:

— Imaginem se fosse outro!...

E tombou, abatido, com a cabeça nas mãos, sôbre a almofada do automóvel.

XXI

APELIDOS

O brasileiro, levado pelas suas tendências líricas, tem o hábito de dar apelidos caseiros a todas as crianças mesmo quando são portadoras de nomes bonitos e sonoros. Geralmente, o menino nestas condições perde com a mudança, pois que os apelidos não são escolhidos por pessoa de bom gosto, ou, mesmo, pelo pai ou pela mãe da vítima. Um amigo meu, senador por um estado próximo, dizia-me anteontem, na visita que lhe fiz:

— É engano supor, como supomos, que somos nós, os pais, que damos nomes aos nossos filhos. Quando nos nasce um pequeno, a família, reunida, resolve que êle se chame Salustiano ou Macário. Na igreja, no sacramento do batismo, o padre confirma a resolução do casal, declarando, em nome de Deus, que o infante se chamará mesmo Macário ou Salustiano. No crisma, que é outro sacramento, o bispo, o arcebispo ou o cardeal reitera a declaração do padre, afirmando que Salustiano é Salustiano mesmo, ou que Macário é mesmo Macário. Em casa,

porém, a criada começa a chamar Macário de Cacá, ou Salustiano de Lulú; e o certo é que o menino fica se chamando Lulú ou Cacá por todo o resto da vida!

E o meu amigo concluía:

— Quem dá o nome às crianças não somos, portanto, nós, nem a mãe, nem o padre, nem o bispo, nem o arcebispo, nem o cardeal: é a criada, meu velho, é a criada!

E, esquecendo-se do assunto, começou a chamar para a sala, afim de me verem, a mulher, e as filhas moças:

— Loló? Bibi? Fifina? Cocota? Vavá? Lelé? Cecí? Zuzú?

E a tribu apareceu.

XXII

A LÂMPADA MARAVILHOSA

Após uma infinidade de experiências, que lhe consumiram a parte mais preciosa da fortuna e da vida, conseguiu, afinal, o Dr. Justiniano Alves de Sampaio o modelo definitivo da sua lâmpada maravilhosa.

A lâmpada do Dr. Justiniano era, seguramente, o invento mais assombroso do século. Descobertas por êle as íntimas relações existentes entre a mínima vibração nervosa e as descargas de electricidade, resolveu o illustre Edison nacional fabricar uma lâmpada elétrica de extrema sensibilidade, que refletisse, ao menor contacto, o carácter das pessoas que com ela se comunicassem.

Obtido êsse aparelho engenhosíssimo, destinado a revolucionar as ciências físicas e psíquicas, instalou-se o glorioso inventor em uma sala do terceiro andar do "Jornal do Comércio", colocando à porta um botão de campainha que se correspondia com a lâmpada. Segundo os seus cálculos e experiências preliminares, o foco elétrico devia tomar maior vulto, maior intensidade, toda

DOAÇÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda

a vez que tocasse no botão, fora, um homem de caráter ou uma senhora de honestidade irrepreensível. Em caso contrário, a lâmpada reduziria a sua luz, o seu brilho, na proporção dos defeitos e pecados da pessoa que tocasse a campainha.

Posta a funcionar a máquina curiosa, o Dr. Justiniano fechou, anteontem, a sala, e esperou. Passou a primeira hora. Passou a segunda. Passou a terceira, e ninguém apareceu. Anoitecia, já, quando o extraordinário inventor ouviu passos de alguém que se aproximava da porta. A lâmpada, suspensa sôbre a sua cabeça, fulgia serenamente. Quem quer que fosse que lhe procurava o escritório, parou. O coração do inventor tremia, no susto angustioso da estréia. De repente, a campainha souou; e, à medida que a campainha tilintava, a luz da lâmpada ia esmorecendo, esmorecendo, até que, de todo, se extinguiu. . .

Às escuras, o inventor levantou-se e, de mão estendida, tateando, procurou a porta. E abriu-a.

Do lado de fora, estava, de pé, calçando elegantemente as luvas, Mme. Justiniano Alves de Sampaio, que ia buscá-lo para jantar. . . .

X X I I I

OS ALFAIATES

Uma das classes laboriosas que mais me acordam os sentimentos de piedade, é a dos alfaiates. No Rio de Janeiro, principalmente, os homens de linha e de dedal constituem verdadeiros bodes expiatórios. De vez em quando aparece o nome de um dêles no jornal, por ter abotoado um devedor; e é dos alfaiates que os humoristas lançam mão, quando querem referir-se a um credor implacável e intransigente. Por que, entretanto, assim acontece? É porque são êles os únicos comerciantes que vendem fiado aos homens de sociedade, depositando exagerada confiança na gente de bom aspecto e de bom gôsto.

E os inconvenientes dessa gentileza dos alfaiates não são, apenas, êsses, que acima apontei. Ainda ontem, confiado na minha simpatia, um dêles me confessava:

— Nós somos, senhor conselheiro, uma classe desprotegida. Se Judas não foi barbeiro, foi, com certeza, alfaiate, e nos legou, a nós, a sua maldição. Quer a prova?

E, espetando a agulha no colête, contou-me:

— Há seis meses, nós, os alfaiates, tivemos uma crise na classe, e resolvemos procurar a imprensa e as autoridades para que nos auxiliassem. Fomos aos jornais, e encontramos as redações desertas: os redatores, à nossa aproximação, haviam fugido, como se fôssemos portadores da peste! Na Polícia, ninguém nos apareceu; o secretário do Dr. Aurelino, sabendo que estava entre nós o gerente da Alfaiataria Quatro Nações, mandou dizer-nos que havia saído com o chefe, que, por sua vez, declarou não nos poder atender. No Ministério do Interior, onde estivemos, até o ministro desapareceu por um alçapão. Era, enfim, tão terrível o pavor que espalhávamos por toda parte, que tivemos de resolver, por nós mesmos, a questão que nos interessava!

E, desolado, o homem me perguntou:

— Judas não foi, mesmo, alfaiate, senhor conselheiro?

E eu o tranquilizei. Efetivamente, na história sagrada, só houve um alfaiate. Mas não foi Judas. Foi o bom ladrão.

XXIV

OS "LANDAULETS"

Um dos jornais melhor informado desta capital noticiava, há dias, documentando o assunto com estatísticas interessantíssimas, que sobe, de ano a ano, no Rio, o número de divórcios. Em 1917, foram requeridos cerca de cem, e êste ano, só no primeiro mês, os requerimentos já subiram a trinta e nove.

Prevenido, como sempre ando, com as afirmativas de jornal, pús essa estatística de quarentena, até que obtive, ontem, à tarde, uma prova da sua possível veracidade. E quem ma facilitou, ou, antes, ma forneceu, foi a minha distinta amiga D. Elisa Van Holfen, minha prima em segundo grau e, além disso, minha afilhada de casamento.

Mme. Van Holfen, por desinteligência com o espôso, o químico alemão Dr. Wilhelm Van Holfen, resolveu separar-se dêle, e pediu-me que me interessasse por êsse caso de família, dando-lhe conselhos e informações sôbre as providências indispensáveis.

— Quer que vá à sua casa? — perguntei-lhe, ontem, na "Renaissance".

— Não; não convém. É melhor que conversemos sem testemunhas no meu “landaulet”. Eu mandarei baixar as cortinas, para o Guilherme não suspeitar que o senhor está me orientando, e iremos assim até a Quinta da Boa Vista.

— E onde está o seu “landaulet”? — indaguei.

— Em frente ao Monroe, às sete e meia, quando começar a diminuir o movimento da Avenida. É um “landaulet” particular, que estará com as cortinas fechadas. Eu estarei dentro.

Às sete e meia, estava eu em frente ao Monroe. E partí, indeciso. No trecho indicado por Mme. Van Holfen, havia dezesseis “landaulets” particulares com as cortinas discretamente descidas...

A CRIANÇA DE NEVE

Em uma reunião elegante, há dois ou três dias, uma senhora distintíssima, hoje viúva, apresentou-me a sua filhinha mais nova.

— Chama-se...? — perguntei.

E a pequena:

— Branca!

Esse nome fez-me sorrir, e eu me lembrei, então, daquela famosa história do Bianchino, ocorrida, há muitos anos, em uma aldeia italiana das proximidades dos Alpes.

Em certa região alpina da Itália havia um casal de gente simples e honrada, em que o marido andava constantemente longe do lar, acompanhando viajantes ou apascentando rebanhos. Certa vez, ao tornar à casa, encontrou êle, com surpresa, a mulher com uma criancinha nos braços.

— Que é isso? — indagou, espantado.

A espôsa, que o supunha um toleirão, explicou-lhe, atirando-se-lhe ao pescoço:

— Não te lembras daquela tempestade de neve que caiu o ano passado? Pois, olha: nesse tempo, eu fui me divertir com as bolas de neve, e meses depois, me vi surpreendida com esta criança!

E entre o espanto do marido, acrescentou:

— Não está vendo como é branca, branca, branca! É porque nasceu da neve, na tua ausência!

O pastor, que era louco pela mulher, dissimulou as suas suspeitas de coração, e, concordando que o pequeno tomaria o nome de Bianchino, por ter a alvura da neve, partiu para outra viagem demorada. Tempos depois, voltou. A criança, crescida e forte, parecia-se enormemente com o professor do lugar; mas bastava olhar-lhe a côr inconfundível da pele para ver que se tratava, realmente, de uma criança de neve. Ao tornar dessa vilegiatura, vinha, porém, mais esclarecido sôbre a origem das crianças. E como não fosse tolo, chamou o menino no dia seguinte para irem, juntos, à caça.

— Bianchino — gritou, — vamos às lebres?

Ao regressar, vinha, porém, sòzinho.

— Bianchino, onde está Bianchino, Genaro? — implorou a espôsa.

O marido fez uma cara de chôro, e confessou, compungido:

— Bianchino? Bianchino... derreteu-se, filha!

A mulher tombou com um ataque de nervos, mas ficou sabendo, nesse dia, que os maridos têm o direito de derreter, sempre que as encontrem em casa, as crianças nascidas da neve.

XXVI

INCONVENIÊNCIAS DO TELEFONE

O serviço telefônico do Rio de Janeiro está verdadeiramente insuportável. Por maior que seja a paciência de um cristão, não lhe será possível aturar, hoje, na cidade, dez minutos de conversa telefônica. Mal duas pessoas começam a comunicar-se, é fatal a intervenção de uma terceira, ou de dois ou três estranhos, que perturbam, de todo, o encanto ou o interêsse da palestra. Basta que o assinante ponha o fone ao ouvido, para ter uma idéia da tôrre de Babel: cruzam-se as frases mais desconexas, os pedidos mais disparatados, as informações mais absurdas, em que se misturam vozes de carvoeiros, de médicos, de padeiros, de comerciantes que vendem batatas e de namorados que trocam promessas.

Dessa confusão podem advir, entretanto, os desastres mais imprevistos, como ia sucedendo ao sr. coronel Fabriciano Teixeira, capitalista mineiro, residente, agora, no Rio, à rua D. Polixena, em Botafogo.

O coronel Fabriciano estava com a esposa doente, quando, com o agravamento do

mal, se lembrou de telefonar para o médico da casa, o sr. dr. Maurício Gudín.

— Central, quatro — meia dúzia — cinco — nove!

Feita a ligação, o coronel informou:

— Doutor, a mulher anda passando mal. Agora mesmo está se queixando de dores na cabeça e contração no estômago. Que é que devo fazer?

Nesse momento, ouviu-se um baque no aparelho. Em seguida o coronel teve a resposta:

— Olhe, não perca um minuto: concerte o boeiro e tape o buraco com cimento.

— Como? — interpelou o coronel Fabriciano, espantado.

— Eu estou dizendo para você concertar o boeiro e tapar o buraco com cimento.

— Alô! Alô! Quem fala? — perguntou o coronel, como um louco.

— Ora, quem fala! Faça o serviço, é que é. Se você não concertar o boeiro, eu mando aí outra turma e ela acaba com isso de uma vez.

O aparelho do coronel estava em comunicação, por engano, com o dr. Goulart de Andrade, engenheiro da Prefeitura!

XXVII

O OSSO E A CARNE

No vasto salão da família Meireles de Almeida, conversava-se, uma destas tardes, sôbre a sentença da Côrte de Apelação, condenando a Santa Casa de Misericórdia ao pagamento de cem contos de réis por ter feito desaparecer de uma sepultura, antes do prazo concedido, os ossos de uma distinta senhora da sociedade carioca.

— E a quem vai ser paga a indenização? — indaga Mlle. Costa Sobreira.

O dr. Pires de Oliveira, velho magistrado, explicou-lhe o caso:

— Ao viúvo, naturalmente. Foi êle que moveu a ação contra a Santa Casa, e quem avaliou, mesmo, em cem contos, a importância do prejuizo.

Ouvindo esta explicação, Mme. Alves Gaspar, que se achava perto, interrogou, graciosa, o marido:

— Se isso acontecesse com os meus ossos, quanto tu cobrarias da Santa Casa, Frederico?

— Vinte mil contos! — respondeu o espôso.

As outras damas, igualmente gentís, iam fazendo aos maridos a mesma pergunta. E cada um respondia de acôrdo com o seu temperamento e o seu espírito.

— Cem mil contos, minha filha!

— Todo o ouro da terra!

— Não havia indenização possível!

A mais linda criatura da sala conservou-se, entretanto, silenciosa. Limitava-se a sorrir, ouvindo as outras, quando o comendador Costa Viana interpelou, em segrêdo, o desembargador Oliveira:

— E aquela? Quanto o marido cobraria pelos seus ossos?

O desembargador franziu a bôca irônica, voltaireana, e explicou-lhe:

— Pelos ossos, nada; o lucro dêle é tirado todo da carne!

A um canto, com os olhos de míope ligeiramente retraídos, a linda senhora, alheia àquela tremenda sentença da magistratura, continuava a sorrir...

XXVIII

O LEITO DO RIO

Surpreendida pela viuvez na sua próspera fazenda de “Santa Guilhermina”, à margem do Paraíba, um pouco acima da Barra do Pirai, a jovem e linda viúva Gracinda Moreira tomou o trem para o Rio, onde moravam os pais. E seis meses depois saltava, de novo, na estação mais próxima da sua rica propriedade, arrastando pelo braço, como segundo espôso, o seu primo Ernesto Soares de Magalhães, que interrompia, assim, gasto e velho, os seus trinta e cinco anos de indolência e de boêmia.

Em “Santa Guilhermina”, a vida do casal era a mais triste, a mais banal e insípida que o boêmio podia imaginar. Excursões à margem do rio, caçadas de marrecas, viagens a cavalo, tudo isso lhe parecia fatigante, monótono, intolerável e de tal forma que, à noite, quando se atirava à colcha virgem da cama, era para dormir e roncar desesperadamente, até de manhã.

Viúva, assim, novamente, de um marido vivo, D. Gracinda procurava todos os

meios de conquistar para a sua mocidade infeliz o interêsse afetuoso daquele espôso rebelde. Palavras, beijos, afagos, a tudo recorria a pobre moça. E a nada, como o outro, o defunto se movia.

Uma tarde, passeavam os dois pela margem do Paraíba, quando, vendo-lhe as águas empoladas pelas últimas chuvas, a desolada senhora observou:

— Estás vendo, Ernesto, como as águas estão agitadas, remexendo-se. Por que será?

— É por que há pedras no leito do rio, — informou, indiferente, o espôso.

Em casa, à noite, depois do jantar, o boêmio começou a abrir a bôca, tombando de sono. Correu para a alcova, mudou de roupa, e acabava de atirar-se à cama, quando deu um pulo.

Acendeu a vela, e olhou. O leito estava, todo semeado de pedrinhas...

XXIX

“CHERCHEZ LA FEMME!”

A falta de educação religiosa e de bons exemplos domésticos está apagando nos homens os seus mais elevados sentimentos, entre os quais o de respeito à vida do próximo. A anarquia chegou a tal ponto, que, pelo motivo mais fútil, mais mesquinho, um homem ou uma mulher se sente com o direito de eliminar do mundo o empecilho da sua felicidade, pondo têrmo a uma vida, muitas vezes preciosa à pátria, à família, e a êsse conjunto de famílias que é a humanidade.

O atentado de que acaba de ser alvo o exmo. sr. ministro da Marinha, almirante Alexandrino de Alencar, é um dêsses acontecimentos revoltantes, nascidos da nossa mal compreendida organização social. Obra de alemães, de anarquistas ou de inimigos pessoais do eminente marinheiro, eu o condenaria com veemência e sinceridade; e ainda mais o condeno porque não vejo nessas fontes o vestígio do criminoso, que pertence, com certeza, a outras classes da nossa desorganizada sociedade.

Eu espero que a polícia não me incomodará, mandando buscar-me a Petrópolis, para depôr nesse inquérito, sôbre assunto que tanto me repugna; parece, entretanto, que é meu dever orientar livremente a autoridade, dizendo-lhe que procure o autor dessa tentativa de morte especialmente nas altas rodas mundanas, onde a ilustre semi-vítima conseguiu fazer, com os seus dotes pessoais, tão grande número de despeitados.

As minhas suspeitas são as mais fundadas, e eu tenho estranhado não haver o próprio sr. ministro da Marinha, que mas despertou, apontado essa pista ao sr. chefe de polícia. É possível que se trate de um esquecimento, e é por isso que vou contar o que sei e penso a respeito dêsse caso, que reputo passional.

Há oito dias, exatamente, ia eu pela avenida Kœller, quando me encontrei com o sr. ministro da Marinha, que vinha a pé do palácio Rio Negro. Não tínhamos ainda percorrido vinte metros, e passaram cumprimentando-o, duas formosas senhoritas, uma loura alta, de olhos escuros e a outra, morena, nervosa, "mignon". Ao vê-las, o almirante parou, e acompanhou com o olhar, demoradamente, as moças, que se afastavam. Em seguida, voltando-se para mim, exclamou com desânimo, balançando a cabeça:

— Essas meninas me matam!

Não estará aí o fio da meada? Delicado como é com as senhoras, o sr. almirante Alexandrino não dirá, jamais, que foram essas moças as mandantes daquilo que êle temia; a mim, porém, não ficaria bem o mesmo silêncio, uma vez que se trata de orientar a justiça dos homens, que representa na terra, muitas vezes, o dedo da Providência.

XXX

O CASTIGO DA VIRTUDE

Há duas ou três semanas, em palestra com uma das suas amigas mais íntimas e prestimosas, D. Matilde Gomes de Moraes foi informada que o seu espôso, o dr. Gomes de Moraes, não se dedicava exclusivamente à família. Uma pessoa do conhecimento de ambas já o havia visto, incidentalmente, em uma casa de moralidade duvidosa, onde se reuniam algumas senhoras e moças levianas, e aonde êle ia quasi todas as tardes, depois das seis horas.

— Aonde é essa casa? — perguntou à amiga.

A outra informou, e, às seis horas, um automóvel parava na esplanada do morro do Senado. Uma senhora, linda, jovem, saiu do carro, e pouco depois subia, disfarçando o susto que lhe esfriava as mãos, a escada esguia de um pequeno sobrado das proximidades.

Ao seu encontro correu, solícita, uma velhinha, sorridente, de olhinhos brejeiros e fisionomia convidativa.

— O Dr. Gomes de Moraes, um rapaz alto, gordo, meio calvo, de bigodes raspados, não costuma vir aqui todos os dias? — perguntou a visitante.

A dona da casa confirmou. Queria esperar por êle? Que ficasse em um dos quartos da frente, se não preferisse a sala de jantar, onde havia outras pessoas muito distintas, muito respeitáveis.

D. Matilde preferiu o quarto. Logo que o dr. Gomes de Moraes chegasse, a “madama” devia levá-lo para ali, no escuro, e abrir a luz de repente. Seria o flagrante, a prova documental da traição.

Às sete horas, aflita, sentada em uma cadeira ao lado da cama, a pobre senhora esperava ainda, abanando-se nervosamente, quando ouviu passos abafados no tapêto do corredor. Um instante mais, e, acompanhando a figurinha da velha, um vulto masculino atravessava a moldura da porta, penetrando o aposento. D. Matilde, apertando o coração com ambas as mãos, pôs-se de pé, resoluta, pálida como um mármore. O botão da luz estalou, e a lâmpada abriu numa rosa de fogo, iluminando o quarto. Diante dela, olhava-a, sorrindo, um homem alto, magro, de bigode aparado à americana, que não era absolutamente o seu marido! Com a cólera faiscando nos olhos D. Matilde fitou a velhinha, que se conservara

a um canto, junto ao botão de luz. Esta sorriu benèvolmente, e explicou:

— O Dr. Moraes não veio hoje, menina; mas está o dr. Alberto Fernandes, que é também muito boa pessoa. Não perca tempo, minha filha...

O botão elétrico estalou, e a treva encheu de novo o quarto, envolvendo no seu manto imponderável a virtude mais desgraçada da terra.

XXXI

AS MEDROSAS

Os jornais cariocas andaram comentando, durante muitos dias, o aparecimento de almas do outro mundo em uma casa da rua Voluntários da Pátria. Homens corajosos armaram-se para enfrentar os fantasmas, e o que é certo é que a visagem eclipsou-se, recolhendo-se tranquilamente à sua fogueira, no eterno incêndio do Purgatório.

Essa visita de espíritos desincarnados não deixou, entretanto, de causar transtornos e sustos às pessoas medrosas, especialmente às senhoras de nervos delicados, entre as quais se pode colocar a exma. sra. dona Violeta Vilela, viúva do saudoso capitalista Veridiano Vilela, conhecido proprietário de prédios em Ipanema. D. Violeta perdeu o marido em janeiro dêste ano. Em fevereiro começaram a aparecer os espíritos na casa mal assombrada da rua Voluntários da Pátria. Em março, depois do Carnaval, encontrei-me com d. Violeta, no cinema, tendo a seu lado um rapaz de uns trinta anos, a quem dispensava toda a sorte de carinhos.

— O meu marido, o dr. Justino Pedroso, — apresentou-me madame.

— Casou-se, de novo? — indaguei, espantado.

— É verdade; casei-me no mês seguinte, em fevereiro.

E, baixinho, enquanto o espôso falava, a meu lado, com o senador Elói de Souza:

— Casei-me... por medo.

— Por medo? — exclamei.

— Sim, com medo do meu primeiro marido. Como o conselheiro sabe, o Vilela era muito ciumento. Quando êle morreu, começaram a aparecer almas do outro mundo na rua Voluntários no mesmo quarteirão da nossa casa. Eu tenho um medo horrível de almas. E para não dormir sòzinha, resolví casar-me outra vez.

— Arranjou, então, o corpo de um segundo marido com medo da alma do primeiro?

— Exatamente.

E tirando da bolsa de sêda preta, comprada pelo Vilela, o lencinho de cambraia branca, pago pelo Pedroso, madame enxugou a boquita vermelha de carmin, abotoada num sorriso que parecia um beijo.

XXXII

O CANHÃO MISTERIOSO

A nossa imprensa, ao contrário do que se esperava, não tem dispensado grande atenção a essa espantosa conquista alemã, do canhão que lança as balas a 120 quilômetros de distância. Apenas um ou outro jornal procurou entrevistar as nossas capacidades militares, perguntando-lhes se era possível a fabricação dessa arma formidável e, em caso contrário, que explicação davam êles a êsse misterioso bombardeio de París.

A mim, que ainda tenho a minha casinha na Cidade Luz e que, independente disso, acompanho com ansiedade todas as fases e novidades do enorme conflito, êsse caso impressionou vivamente. E daí o meu interesse em consultar sôbre o assunto todos os militares do meu conhecimento, entre os quais o illustre estrategista sr. marechal Firmino Pires Ferreira, com quem ontem me encontrei na cidade. E é sem a menor parcialidade que registro, aquí, o que me disse êsse velho e glorioso soldado.

— Êsse canhão — disse-me — é um fato. Eu acho-o possível. O que é que o alemão não inventa, meu filho? Aquilo é gente p'ra tudo. E o canhão? Você sabe o que é? É simples, menino! Olha: é um canhão grande, enorme, que vai daqui até acolá (da esquina do Café Jeremias à porta do cinema Avenida) e com a bôca deste tamanho (do tamanho de um automóvel). Dentro dêsse canhão, à moda de bala, tem outro canhão mais pequeno, que tem dentro outro ainda menor. Quando dá o tiro, o canhão pequeno sai do grande e anda sete léguas; chegando aí, êsse, que é de corda como relógio, dispara, e põe p'ra fora o outro canhãozinho, que também anda outras sete léguas, e dispara uma bala que vai bater em París. Tá hi o que é!

— Admirável! — exclamei.

— E isso ainda não é nada — continuou o marechal, — o melhor é que êsses canhões não se perdem.

— Como?

— Ora, como! É simples, menino! Quando cada canhão pequeno chega no fim das sete léguas, dispara, como eu já disse; pois bem: com êsse disparo, dá-se o recuo, e êsse canhão pequeno volta outra vez e enfia na bôca do canhão maior, que também recua e vai entrar na goela do canhão grande!

— E o canhão pequeno espera no ar pela chegada do canhãozinho? — aventurei.

O marechal Pires estava, porém, muito apressado, para responder.

— Lá vem meu bonde! — gritou.

E correu.

XXXIII

O "TANGO-LO-MANGO"

Conversávamos, ontem, ao anoitecer, no terraço em que Mme. Cunha Pimentel oferecia um chá aos seus amigos, quando a palestra foi desviada para cousas de música e tombou, de repente, sôbre o tango.

— É uma vergonha, sr. conselheiro, é uma vergonha! — exclamou o dr. Justino Batista, limpando as botas com o lenço.

D. Albertina Viana, que esteve na última festa dos Diários, comentava, indignada, o maxixe de cinco mil réis a dúzia, fornecido ao público pelos organizadores da reunião e acrescentava:

— Não se dança outra cousa! É maxixe! maxixe! maxixe! Antigamente, não se convidava uma dama para dansar um maxixe. Nem se aludia, mesmo, a tal cousa, por ser imoral, inconveniente. Hoje, não; hoje, um meninote fala em maxixe à moça, como o pai dêle não falava, há dez anos, às "tipas" com que dansava nos Democráticos!

E D. Albertina lembrou os meus tempos que eram os dela, suspirando:

— Ai, Cassino! Cassino! Como as cousas mudam!...

Nesse momento, saíram para o terraço, a olhar os últimos clarões do poente, cujas côres se refletiam nas águas, meia dúzia de moças de saia curta, de quinze a quarenta anos de idade. Vinham todas coxeando, pisando no calcanhar ou na ponta do pé.

— Que é isso, “mademoiselle”? — perguntei.

Mlle. Cecí — Cecí Viana — pulou em um dos pés, para a cadeira mais próxima, enquanto a avó, D. Albertina, me explicava:

— Tango, sr. conselheiro, o tal tango!

As outras moças, debruçadas ao para-peito, olhavam a líquida pedraria do oceano. E todas elas tinham um pé suspenso, como as frangotas que repousam à sombra, nos quintais, com uma perna debaixo da asa...

XXXIV

AS FREGUESAS DE D. LOLÓ

De regresso de Petrópolis, conheci em Botafogo uma senhora que deve ser canoizada em vida. É a minha veneranda amiga D. Loló, mulher de uma atividade assombrosa e de uma jovialidade invejável, que arranja o seu pão vendendo rendas nacionais a prestações, às damas aristocráticas do seu bairro. Quando está fatigada de subir e descer a rua São Clemente, a Voluntários da Pátria, e as que lhe ficam transversais, procura D. Loló a minha casa, onde almoça ou faz o seu "lunch" em companhia das minhas meninas.

Não é, porém, a sua alegria, e ainda menos a sua canseira, que levará D. Loló ao reino do céu; mas os calotes de que tem sido vítima, vendendo fiado a senhoras que possuem "landaulet" e vêm quasi diàriamente à cidade, onde fazem compras volumosas, que não são pagas a vista. E como isso me diverte, eu já me transformei em guarda-livros da minha velha amiga, que me recompensa o trabalho da escrituração narrando-

-me com graça os seus numerosos sucessos do dia.

Ainda ontem ela me contou um que me fez rir largamente, e que dá uma idéia aproximada, se não perfeita, da situação difícil que atravessam, muitas vezes, os nossos círculos elegantes. É uma história breve e curiosa. Há quatro ou cinco meses, uma senhora conhecidíssima deu a D. Loló, para que ela o vendesse, um excelente colête, que mandara fazer, e que não servira, não sei se por grande, ou por pequeno. D. Loló levou-o e, dias depois, fechava o negócio com uma elegante de altíssima representação, moradora à rua S. Clemente, a qual o adquiriu, e a algumas peças de renda, pela quantia de oitenta mil réis. Quanto ao pagamento, ficou assentado que seria em prestações mensais de vinte mil réis, sendo uma dessas prestações por ocasião da entrega do colête.

No mês seguinte, D. Loló apareceu. Madame não estava. Trinta dias depois, Mme. andava para Petrópolis. Um dia, assustada com a probabilidade do prejuízo, a minha amiga resolveu usar de um expediente. Penetrou o jardim, e, mansamente, sorrateiramente, colocou-se junto à porta da sala de espera, aguardando que alguém a abrisse. Dez minutos depois chegava o carteiro do Correio, anunciando uma carta. A por-

ta abre-se, D. Loló entra de sopetão, e encontra-se, frente a frente, com um moço envergando um fino pijama de sêda.

— Mme. não está? — pergunta Dona Loló.

— Não, senhora; saiu — responde o moço do pijama.

— Nesse caso, o doutor talvez me pudesse atender...

— Que doutor? — indaga o moço.

— O senhor; o senhor não é marido dela?

— Não, senhora — respondeu o rapaz, sorrindo — eu sou o criado!

D. Loló mordeu o beijo, com raiva, e retirou-se. Passados alguns dias esperava ela um bonde na praia de Botafogo, quando viu passar um automóvel em que ia a sua devedora, com o marido. Olhou-os bem, e rugiu, gozando com todos os dentes de perversidade:

— Cínica! Tem coragem de andar com o criado no automóvel!

E tomou o bonde.

X X X V

OS CONQUISTADORES

Entre os cinco ou seis amigos mais moços do que eu, a quem voto uma estima particular, está, há um quarto de século, o dr. Soriano Dias, antigo deputado pela Paraíba e que era, há vinte anos, no Rio, um dos cavalheiros mais elegantes da alta sociedade. Inteligente, fino, maneiroso, o ilustre representante da nação gozava de um enorme prestígio mundano, especialmente pelas suas conquistas galantes. Poucas senhoras haviam resistido à tenacidade dos seus olhos escuros, e nenhuma passava diante dêle sem que o seu dedo a indicasse, malicioso:

— Bela mulher! Foi minha amante!

E os amigos sorriam, olhando, espantados, os bigodes castanhos do Dr. Dias, aqueles bigodes terríveis, insolentes, que haviam feito cócegas em milhares de rostos femininos.

Uma tarde, na rua do Ouvidor, canto da Gonçalves Dias, estávamos conversando, eu, o senador Rosa e Silva, o dr. André Cavalcante e o temível conquistador paraiba-

no, quando passou uma senhora alta, forte, de olhos grandes e rosto claro, enérgico, discretamente cobertos por um véu azul.

— Linda criatura! — exclamou o Dr. Dias.

— Conhece ela? — indagou, no seu maximalismo gramatical, o Dr. André.

— Se conheço? É a Georgete, uma pequena que eu trouxe de Paris e com quem vivi aqui três anos. Que olhos! que lábios! O corpo, então, é um encanto.

Nesse momento, trilaram apitos para as bandas da rua dos Ourives. Descemos, com a multidão, no rumo do barulho. E vimos: a polícia acabava de prender a dama do véu azul, que era simplesmente o Jean Lecroix, um ladrão famoso, que andava vestido de mulher!

XXXVI

O "SOVIET" DE BUDAPESTE

Uma das senhoras que mais apareciam na Avenida, conforme se podia apreender pela secção mundana dos jornais, era Mme. Gomes Fernandes, espôsa do sr. Gomes Fernandes, antigo diretor de Bancos e Sociedades de Seguros. Às 2 horas da tarde, com excepção dos domingos, que eram consagrados ao descanso, tomava a ilustre senhora o seu bonde no Largo dos Leões, em companhia da irmã e das duas filhas moças, e vinha para o chá, na cidade. E como a família era grande, fraccionava-se, dividia-se, individualizava-se, indo cada um comer as torradas onde bem entendia.

Sexta-feira, com espanto meu, não vi na Avenida a minha distinta amiga, nem as filhas, nem a irmã, Mlle. Carlotinha. Sábado, dia de alegria e de sol, notei a mesma falta. E como isso me incomodasse sinceramente, tomei um automóvel e dirigí-me, ontem, à tarde, ao palacete da rua Humaitá, residência do conceituado capitalista, a quem estou ligado por uma camaradagem

de mais de seis meses. Esperava-me, porém, ali, uma decepção que me roubou o sono durante toda a noite.

Ao tocar a campainha do portão do número 586-A, veio ao meu encontro, com um pijama de riscado azul, como blusa de operário, o próprio Gomes Fernandes, que me recebeu atenciosamente, mas que se esqueceu de me mandar entrar para a sala, como era seu costume. Assim mesmo, fui lhe perguntando:

— Como está D. Nenen? E D. Carlotinha? E as meninas?

— Boas; estão todas boas.

— Supús que estivessem doentes; não as tenho visto...

— Estão em casa, trabalhando para viver.

— Trabalhando para viver? — exclamei, esbugalhando os olhos.

— Sim; para viver. Você não leu o telegrama de Viena sôbre o decreto do "soviet" de Budapeste, estabelecendo o trabalho universal e obrigatório, e declarando que só têm direito à vida aqueles que trabalham? Pois eu resolví, há três dias, adotar aquí em casa o decreto do "soviet" de Budapeste, e tenho me dado muito bem; dispensei os criados, e distribuí pela família o serviço doméstico: a mulher foi para a cozinha, Carlotinha ficou no lugar da lavadeira,

Zézé está como copeira e Lulú como arrumadeira.

— E você, que é que faz? — indaguei.

— Eu? Eu dou comida aos pintos, varro o jardim, faço as compras e limpo, de manhã, a gaiola dos passarinhos.

Nesse momento ouvi um estampido surdo, seguido de uma língua de fogo, que, saindo pela última janela da puxada, foi lambar o muro da casa contígua. Vendo o meu susto, o chefe do “soviet” acalmou-me:

— Não se incomode; é Nenen que está acendendo o fogão...

Quando eu cheguei, de volta, à praia de Botafogo, encontrei seis carros do Corpo de Bombeiros, que entravam, em disparada, pela rua Voluntários da Pátria. Em dois dias era a terceira vez que êles iam apagar o fogo de D. Nenen.

XXXVII

A "LAGARTA RÓSEA"

Convidado pelo ilustre cientista Dr. Bruno Lobo, que me queria mostrar uma larva da chamada "lagarta rósea" fui um destes dias à quinta da Boa Vista, onde está estabelecido o Museu Nacional. O que principalmente me levou ali, eu o confesso, não foi a curiosidade pela tal "gelechia gossypiella", que se tornou, segundo me dizem, uma verdadeira calamidade, destruindo as nossas grandes plantações de algodão. Arrastou-me para aquele recanto maravilhoso especialmente a saudade, o desejo de rever os lugares em que passei quando criança, que admirei quando moço, e que respeito na velhice, os lugares, enfim, em que conheci esse augusto e sábio soberano a quem deví, como toda a minha família, tantas liberdades e tamanhos benefícios.

Eu falaria hoje das suaves impressões dessa visita, e, mesmo, do famoso verme do Dr. Bruno, se não tivesse encontrado, à saída, uma "lagarta rósea" ainda mais perigosa e repugnante. Esse animalejo imundo

que tanto me preocupou no meu regresso, não era mais, nem menos, que uma senhora casada que surpreendí sob as árvores daquele parque, arrulhando escandalosamente ao lado de um cavalheiro que não era seu marido, sem respeitar a inocência de uma filhinha de oito ou dez anos que brincava despreocupadamente na relva!

Ao deparar êsse quadro revoltante, foi com dificuldade que me contive no ímpeto de meter a bengala naquela formosa perversa. Felizmente, suplantei a minha indignação, e vim pensando como é que o govêrno do nosso país gasta milhares de contos para destruir um verme que assola os algodoads, e não dá um passo para combater essa praga humana, essas larvas de perversão da infância, que são verdadeiras “lagartas róseas” da sociedade!

Diante dessa larva de perdição que mal pode fazer ao mundo a pobre lagartinha do Egito, êsse vermículo que apenas devora uma fibra destinada a vestir êsses lindos monstros que devastam a seara de Deus?

XXXVIII

UM BANHO DE MAR

Um conhecido homem de letras, cujo nome não me vem à memória, escreveu, em fins do ano passado, um artigo sôbre os aduladores, censurando àsperamente os indivíduos que vivem a lisonjear os poderosos do dia. Estava ainda na minha lembrança êsse escrito quando quiseram os céus que eu verificasse em pessoa a sua triste veracidade.

Queixava-me eu, em dezembro último, ao meu amigo Dr. Álvaro de Carvalho, illustre deputado por S. Paulo, da insistência cada vez maior das minhas dôres reumáticas, com ameaças de gota, quando êle, com a sua costumada gentileza, me convidou:

— Por que você não toma banhos de mar? Olhe: a nossa casa é na Avenida Atlântica, em Copacabana, e fica exatamente nas proximidades de um dos postos de salvação montados recentemente. Se você quiser, pode ir tomar banho comigo, todos os dias.

Eu aceitei o convite, e fui, certa manhã. O Dr. Álvaro, que é, na intimidade, de uma gentileza cativante, arranjou-me um costume de banho que o dr. Sabino Barroso lhe deixara para guardar, e fomos os dois “receber a onda”, como êle dizia pitorescamente. O meu desejo era cair imediatamente na água e deixar nela os meus males; era tanta, porém, a gente que esperava o ilustre “leader” paulista para cumprimentá-lo e pedir-lhe favores, que êle não teve remédio senão passar a toalha a tiracolo, e dar audiência, de pé, andando de um lado para outro, como aquele capitalista Sucupira da comédia cinematográfica. Só aí, que eu visse, recebeu êle dezessete candidatos à deputação e seis ou sete senhoras jovens, que lhe traziam cartas de recomendação solicitando emprêgo para os maridos.

Terminado êsse trabalho fatigante, resolvemos “receber a onda” e penetramos no “salso elemento”. Eu ainda caminhei até que a água me desse pela cintura sem que ninguém se importasse com a minha sorte; assim, porém, que o dr. Álvaro chegou aonde eu estava, houve um verdadeiro alvoroço na praia; os médicos da Assistência e da Higiene, e dois ou três outros, pretendentes à Câmara, avançaram pelo mar a dentro, de botina e fraque, berrando, aflitos, e empurrando-se uns aos outros para trás:

— Doutor! Doutor! Doutor!

E lá trouxeram para o sêco o meu pobre e eminente amigo, a debater-se, arrastado, com a barba suja de areia e de espuma, que os “salvadores” procuravam limpar, passando-lhe no rosto, ao mesmo tempo, oito lenços diferentes!

Agora, creio que o dr. Álvaro de Carvalho só poderá tomar banho salgado, ou em banheira, com sal de cozinha, ou em Copacabana mesmo, em 1922.

XXXIX

UMA FESTA EM FAMÍLIA

Um amigo da minha idade, cuja filha mais moça, que é minha afilhada, completou anos esta semana, reuniu, nesse dia, no seu salão, no Cosme Velho, as meninas e senhoras mais elegantes do quarteirão para uma pequena festa familiar. Às dez horas, quando os violinos começaram a cantar para adormecer o piano, as amiguinhas da aniversariante formaram no meio da sala, e desandaram em uma capoeiragem verdadeiramente maluca, de braço com uma dúzia de rapazes que me pareceram mestres naquelas proezas coreográficas.

D. Genoveva da Fonseca, minha vizinha, quando viu um marmanjo atracado com a filha dela, oscilando no meio da sala como escaler batido das ondas, pulou da cadeira, e, sem mais cerimônias, pediu:

— Doutor, dá licença?

E levou a filha para a saleta, concertando-lhe o vestido amarrotado.

Como algumas das moças não tivessem mãe presente, que fizesse com elas o que

fez dona Genoveva com a filha, resolveu o dono da casa tomar a proteção de todas, mandando parar o charivarí do quinteto. Quando esperava o agradecimento das senhoritas tão grosseiramente desrespeitadas pelos frangotes com que dansavam, o que ouviu foi um protesto de todas elas, que gritavam no salão, aos pulos:

— Música! Música! “Que sôdade!”
“Seu Amaro!” “Seu Amaro!” Música!
Não póóóóode!...

Às duas horas da manhã, quando a Assistência chegou para endireitar a perna que mlle. Palmira Freire desconjuntou, o meu compadre e a família já haviam mudado de casa, passando-se para a de um seu parente na mesma rua. Na casa da festa, às quatro da manhã, só havia um violino e a metade do piano. E os convidados dansavam...

XL

CIÚME PÓSTUMO

Toda gente ainda se recorda no Rio do brilhante poeta lírico Hermógenes de Mascarenhas. As suas rimas, em que se cruzavam, como símbolos dos sentimentos humanos, os anseios da brisa e o uivo das tempestades, eram lidas com afetuosa comoção por todos os espíritos femininos. As bôcas gentís, intérpretes das almas inteligentes, repetiam com encanto os seus versos, em que cada um de nós encontrava, latente, um pedaço de si mesmo.

Quando o poeta morreu, pobre e casado, a família o levou a São João Batista, em carro de terceira classe, sôbre o qual balouçavam duas coroas de *bisquit*, e uma grande, roxa, de flôres de papel. As duas primeiras eram da viúva e dos filhos, e a outra, de uma costureirinha da Gávea, a quem Hermógenes não conhecera e que o admirava comovidamente através dos sonetos que êle deixara. Era uma paixão anônima, agradecida, quasi religiosa, de que o poeta não tivera conhecimento, e que o de-

via acompanhar depois, na glória e no túmulo.

Após a missa de sétimo dia, a viúva Mascarenhas, ao lado dos sete filhos, foi ao cemitério, em visita à sepultura; e, ao chegar, teve uma surpresa: sôbre o monte de terra que assinalava o último leito do seu Hermógenes, murchava um ramalhete de rosas, deixado alí naquela manhã. Madame, desconfiada, apanhou as flôres, colocou-as do lado dos pés do defunto, pondo da parte da cabeça e do coração apenas aquelas que trouxera de casa.

Pior novidade estava, porém, reservada ao seu ciúme. No 30.º dia do falecimento do poeta, voltou a viúva à necrópole, e, aí encontrou, além das flôres, mais alguma cousa: junto à cruz de madeira que abria os braços sôbre a miséria humana daquele que, segundo os jornais, “se chamara na terra Hermógenes de Mascarenhas”, ajoelhava-se, orando, uma criatura franzina, pálida, vestida de preto, que ninguém na família conhecia. Ao ver aquela mulher, alí, sôzinha, naquele lugar isolado, junto ao seu marido, madame, mal contendo a indignação, dirigiu-lhe a palavra:

— Minha senhora, creio que se enganou com a sepultura.

— De quem é esta? — indagou a cos-

tureirinha, levantando os olhos vermelhos de chorar.

— É de Hermógenes Mascarenhas, meu marido.

— Pois é por êle mesmo que estou rezando... — confessou a moça, brandamente, quasi suplicante.

Ao ouvir essas palavras, madame não se conteve.

— Infame! — exclamou, puxando os filhos pela mão, arrastando-os, trêmula de cólera, para fora do cemitério; — até aquí tem amantes!...

E nunca mais voltou a S. João Batista, de onde, anteontem, os restos de Hermógenes de Mascarenhas foram retirados, e lançados, com outros, à vala comum.

XLI

PAQUETÁ

A minha última visita a Paquetá havia sido em 1892, a convite do meu saudoso amigo Regis de Oliveira, que adquirira por êsse tempo, alí, uma vivenda, em que, se bem me lembro, não chegou a residir com a família. Era pelo inverno, e a ilha estava, então, quasi deserta, oferecendo o aspecto suave, mas melancólico, de um jardim abandonado.

Agora, passados vinte e seis anos, resolví visitar de novo a “jóia da Guanabara”, e, afrontando o dia, que era mau, atravessei ontem a baía, e fui à procura das praias de setim em uma das barcas da Cantareira.

Paquetá é o mesmo encanto de há um quarto de século. Nota-se por toda a ilha a mesma simplicidade de vida, que a tornou tão procurada pela gente romântica do meu tempo. O que, porém, mais me agradou desta vez, foi a viagem de ida, em que o acaso me deu a mais encantadora das companhias.

Assim que a barca se pôs em marcha, passei em revista os passageiros, procuran-

do um conhecido, e duas pessoas me chamaram, logo, a atenção: um poeta de minha amizade, e uma figura de Tanagra, vestida como uma onda azul cuja espuma lhe floria na gola do vestido em leves tufos de renda. Era um *biblot* franzino, em que se casavam a graça e a delicadeza, em que os olhos traveços e negros resumiam uma adorável jovialidade de quinze anos.

O poeta, como era de esperar, acompanhava com os olhos, encantadamente, aquela avezita irrequieta. Mas não lhe seguia o giro dos olhos, o desabrochar do sorriso, o flutuar do cabelo com que a brisa brincava: olhava-lhe o pèzinho buliçoso, apertado em um sapatinho branco, 32, que o oprimia sem pena. E tanto essa pequenina jóia de sêda impressionou o meu jovem amigo, que eu o vi puxar de um cartão e escrever esta quadrinha jovial, que as águas pouco depois enguliram:

Vendo arfar o teu pèzinho
No teu sapatinho novo,
Vem-me à idéia um pintainho
Tentando sair dum ovo!

E era mesmo um pintainho. E tanto o era, que, de passagem, ainda beliscou o pé do meu amigo...

XLII

ANÚNCIOS E PRECONÍCIOS

Um velho amigo meu, cujo neto mais velho já conquistou onze medalhas nos campos de futebol, convidou-me ontem para ir às arquibancadas do Flamengo, afim de assistir ao jôgo entre o clube local e o S. Cristóvão. Fui, e, lá, tive ocasião de observar um tipo interessantíssimo, o qual devia ser estudado pelos médicos que analisam as fraquezas humanas.

— Vê aquele sujeito que alí está olhando para cima? — disse-me o meu colega. — É um caso curioso. É um frequentador incorrigível das partidas de futebol. Não há jôgo a que não compareça. Imagine que êle se dá ao trabalho de ir até o Bangú, e isso unicamente para olhar os pés das senhoras, por baixo das arquibancadas!

Olhei o tipo e vi que, de fato êle se mostrava completamente alheio ao jôgo, e ocupado, apenas, em olhar as meias das damas, quando estas, no seu entusiasmo pelos jogadores, se descuidavam de si mesmas. Súbitamente, o indivíduo desapareceu, me-

DOAÇÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda

tendo-se para debaixo da arquibancada das senhoras. Duas destas, que já lhe conhecem a mania, e que eram as de saia mais curta, procuraram, de pronto, precaver-se: pediram a um cavalheiro conhecido um jornal da tarde, e rodearam com êle as pernas, velando-as, assim, contra os olhos do indiscreto.

O amigo que alí me havia levado, e que é pai de uma das moças ameaçadas, convidou-me para darmos uma lição no patife, levando o caso ao conhecimento de um dos diretores do clube. Fomos à secretaria, onde se achava o sr. Carlos Castelo Branco, presidente do Flamengo, e comunicamos-lhe o que se estava passando:

— Vamos ver! — disse-nos êle.

Fomos, e ao chegar ao ponto em que o maníaco havia desaparecido, encontramos-lo de binóculo em punho, olhando para o fundo da arquibancada, e exatamente para o lugar onde se achavam as duas senhoras de pernas embrulhadas em jornal.

— Que está fazendo aí, camarada? — perguntou o presidente do Flamengo, tocando-lhe no ombro.

O indivíduo retirou o vidro dos olhos, sorrindo, e, inalterável, respondeu:

— Nada; estou lendo anúncios...

E aplicou, de novo, o binóculo.

XLIII

ODOR DI FEMINA

Um dos característicos da mulher brasileira, é o amor à hygiene. Balzac, em um dos seus romances de província, afirmou que a França possuía, no máximo, quinhentas mil mulheres, isto é, quinhentas mil criaturas humanas do sexo feminino, amantes da limpeza, do confôrto higiênico, das virtudes elegantes, em suma, que nos separam mais acentuadamente dos brutos. As outras, cujo número subia, talvez, a quatorze milhões, não mereciam a denominação de mulheres, por lhes faltarem o bom gôsto, a graça, o conhecimento e o exercício da coqueteria asseada, que valorizam a formosura.

A brasileira de educação fina, é, geralmente, escrupulosa na sua elegância; como, porém, a alta sociedade está sendo assaltada pelos ricos de última hora, por uma legião de bárbaros armados de ouro e de arrogância, é comum encontrar-se hoje, nas rodas distintas, nos círculos de elegância apurada, senhoras e cavalheiros cujos mo-

dos aberram, em absoluto, do meio em que inesperadamente se instalaram.

Um dos elementos que denunciam essa fidalguia de forno e fogão, é, entretanto, o cheiro. A senhora de origem plebéia, tem, em toda parte, o seu cheiro especial; e êsse aroma é de tal maneira inconfundível, que o marido, na Avenida, pode dizer, com segurança, se a mulher está na praça Mauá ou na rua Gonçalves Dias.

Anteontem, à tarde, eu observei um dêsses casos, que é objeto, hoje, desta revelação. Íamos, eu e o comendador Felisberto Gonçalves, pela Avenida Central, quando êle parou, de repente, à porta da Sorveteria Alvear.

— Que foi, comendador? — indaguei.

— Nada; é minha mulher que está aqui dentro.

— Viu-a? Tem certeza?

O comendador aspirou o ar com fôrça, conferiu o odor que vinha de fora com o que trazia em depósito nas narinas, e exclamou com convicção:

— Está, sim!

E entrou. Efetivamente, na derradeira mesa da última fila, mme. Gonçalves, de branco, tomava o seu chá, espalhando em tôrno um perfume tão forte, e tão seu, que nem as môscas sentavam nas torradas!

X L I V

A ILHA ROMÂNTICA

Paquetá, a graciosa ilha que as nereidas oferecem aos homens, é a Ogígia dos poetas. No dia em que estes a percorrerem com cuidado, encontrarão, com certeza, o refúgio de Circe, com todos os seus encantos fabulosos.

É pena, entretanto, que os homens tocadores de lira, ou de maracá, não saibam aproveitar convenientemente êsse presente das águas. É certo que a ilha está cheia de literatura, e que não há, nos seus dois quilômetros de terra firme, um cavalheiro, ou uma senhora, que não tenha escrito dois versos cortados de suspiros. É lamentável, apenas, que toda essa literatura seja triste, melancólica, gemedora, como nos tempos da *Moreninha* e das *Primaveras*. Joaquim Manuel de Macedo e Casimiro de Abreu, são os seus ídolos, os seus heróis, os seus patronos.

Ainda na última visita que fiz à Ilha verifiquei como se vive alí à maneira de 1830, ou, antes, do nosso 1870. Estava eu

na barca, em demanda da cidade, quando uma senhora idosa, vendo aproximar-se um mancebo esguio e pálido, exclamou, compassiva:

— Sente-se aquí, doutor; venha ver os raios do sol beijando as águas...

O mancebo sorriu melancòlicamente, mostrando os dentes largos, e gemeu:

— Que manhã bela para morrer! Não acha?

A senhora censurou-o com benignidade, e emprestando-lhe o *cache-nez*, para que embrulhasse o pescoço de perú anêmico, perguntou:

— E a formatura, quando é?

O rapaz enfiou os dedos pelas melenas engorduradas, e informou:

— Breve; a minha tese já está sendo impressa.

— Então — insistiu a senhora — não tardará o dia em que o vejamos dormir à sombra dos louros...

O moço puxou um suspiro fundo, angustioso, e gemeu, de olhos erguidos:

— Dos louros? não; diga, antes: do cipreste...

E derreou a cabeça sôbre o peito, pondo-se a tossir, como tossiam, talvez, Gonçalves Dias, Casimiro, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela...

A BANDEIRA DA VIUVEZ

Entre os conhecimentos encantados e exóticos que as minhas peregrinações me facultaram, está um que fiz, em 1896, no Cairo, com uma dama congoleza de admirável aspecto, que era, no inverno dêsse ano, a maior preocupação dos europeus que procuravam, naqueles dias, a tépida vizinhança do Deserto. Era uma senhora alta, forte, magnífica, de um moreno escuro, que alí se achava a dissipar em jóias, em passeios, em vestidos, nas várias modalidades, enfim, do confôrto e do luxo, uma fortuna de alguns milhões de francos deixada inesperadamente pelo marido. Chamava-se Koska, e era, com as pérolas dos seus dentes e com os dentes das suas pérolas, a tentação diária dos fidalgos arruinados que se aqueciam, nesse tempo, naquele delicioso fogareiro do Egito.

Disputada por tantas mãos ilustres, a maravilhosa Vênus de chocolate optou, não sei por que motivos particulares, pelo meu eminente amigo sr. Louis d'Agremont, mo-

ço francês que dirigia, então, naquela cidade, o Consulado do seu país. A linda bárbara honrava-o, é certo, com a sua preferência, ou melhor, com a preferência do seu sorriso. O casamento era, porém, difícil, ou pelo menos, incerto, por um motivo que ela própria lhe explicou entre lágrimas.

— É costume do meu país, — contou Koska, enxugando os grandes olhos ardentes como os areais, — colocar à porta da casa das viúvas uma pequena bandeira encarnada. Enquanto êsse pedaço de pano se conserva intacto, é a viúva proibida de casar-se outra vez. Tem ela de esperar que a bandeira se desfaça ao sol e à chuva para que lhe seja permitido um novo matrimônio. Algumas, são felizes: enviuvam em um dia, e põem a bandeira à porta; de repente, vem um temporal, arrebatada o pedaço de pano, e a felizarda pode casar no dia seguinte. A minha bandeira, porém, está ainda em perfeito estado, de modo que eu nada lhe posso prometer em relação ao nosso desejo comum.

Nesse mesmo dia, à tarde, começou a cair sôbre o Cairo uma chuvazinha breve, de nuvem que passa. Uma brisa do Delta, suave e tímida, arrepiou, à noite, a fronde das árvores. E de manhã, ainda na cama, o cônsul d'Agremont recebia um recado de Koska.

— Vem, — dizia ela; — o temporal da noite arrebatou a bandeira da minha porta. Vem, meu amor!

Vinte e quatro horas depois, ao levantar-se, no luxuoso palacete do Sharia (boulevard) Clot Bey, próximo à estação de Matariyeh, procurava o jovem diplomata as suas chinelas debaixo do leito nupcial, quando notou um pano vermelho, que lhe despertou a atenção. Ajoelhou-se e puxou-o.

Era a bandeira da viuvez, ainda molhada da chuva, que para alí fôra atirada, num arranco, pela violenta tempestade da noite...

XLVI

AS "HERANÇAS"

O assunto do dia no Rio de Janeiro é a ameaça de epidemias novas, que já cobriram de luto, de longe, uma centena de famílias brasileiras; enquanto, porém, essas moléstias estrangeiras não nos chegam, os médicos, e os leigos, vão discutindo as que já possuímos, e que são a tuberculose, a sífilis, a malária, a leishmaniose, e uma dezena de outras, cujo nome é mais complicado do que o sintoma. E era de moléstias que eu conversava no bonde, ontem, com o comendador Costa Saraiva, quando tomou o carro um mocinho raquítico, de pele enodoadada, que devia ter, no máximo, vinte e três anos. Ao vê-lo, o comendador voltou-se no banco, saudando-o:

— Passa bem, doutor?

O mocinho tossiu, e, desanimado, respondeu:

— Um pouco mal...

— Estômago?

— Não; artritismo, e uma tosse importuna, que me não deixa. Dizem que é pulmão.

— Extravagância, talvez.

O moço protestou, solene:

— Não, senhor; isso vem de longe; é hereditário...

Quando o rapaz proferiu essas palavras, o comendador transfigurou-se. As suas barbas, alvas e longas, tremiam de cólera; e foi tremendo de cólera que êle se voltou para os outros passageiros, explodindo:

— É assim! é sempre assim! Êles nunca adoecem por conta própria! Os responsáveis são os velhos, os avós, os antepassados! Quando lhe morre o avô, e perguntam se o defunto lhes deixou fortuna, a resposta é sempre esta: — “Nada, filho, não me deixou nada”. Se, porém, aparecem com tuberculose ou com placas pelo rosto, respondem imediatamente: — “É hereditária: herdei do meu pai!”, ou: — “É do meu avô!” Nós, os velhos, que trabalhamos para êles a vida inteira, aparecemos assim como uns perversos, uns devassos, que gozamos o dinheiro e lhes deixamos apenas moléstias, micróbios, enfim, um sangue degenerado!...

O moço, ante aquele escândalo causado pela sua leviandade, afundou-se no banco, tremendo. Quando o velho procurou com os olhos, só encontrou no lugar, abandonados, o guarda-chuva e o sobretudo.

XLVII

INSTITUTO DE BELEZA

Desde meu regresso de Petrópolis não me havia sido possível, ainda, privar com a sociedade que lá se abrigara do verão e que era, como é sabido, a mais fina e elegante do Rio. Há dois dias, porém, tive o prazer de encontrá-la de novo em Copacabana, em torno à mesa de banquete de um dos seus mais ilustres representantes.

E — com franqueza — quasi não a conheço! As senhoras estavam pintadas, como em Petrópolis, mas havia qualquer cousa que as tornava diferentes. Expús a minha estranheza a uma velha amiga que se sentara a meu lado, e ela confirmou o meu espanto.

— É uma lástima o que está sucedendo a esta gente. Olhe alí mme. Rodembach. Sabe de onde lhe vêm aqueles sinais no rosto? De arrancar os pelos que lhe nasceram no mento. Soube que havia uma dama estrangeira que lhos podia tirar, e esta lhe escavocou o queixo como quem trabalha de picareta no asfalto da rua. Um horror!

— E mlle. Fifi, como está com a pele feia!

— Só a pele? Quasi morre, coitadinha! Olhe como ela traz o vestido afogado. Sabe por que foi? Uma pomada para embelezar o colo. Ela o tinha moreno, e lindo como o de uma rôla selvagem; disseram-lhe que a tal pomada lhe daria um colo de cisne, e a pobrezinha quasi morre envenenada pela absorção do óxido de chumbo, e outros tóxicos do tal unguento maravilhoso!

— Mas isso serviu de lição às outras...

— Engano, sr. Conselheiro! — retrucou a minha amiga. — Essas mesmas não se emendam. Continuam da mesma forma a estragar o rosto, os braços, o colo, a saúde, enfim, a riqueza que Deus lhes deu, recorrendo a êsses artifícios que as tornam velhas aos vinte anos. Dessas drogas todas, só uma presta; é o líquido para conservar o brilho dos olhos, e que estou usando agora. Não reparou?

Olhei a minha velha amiga. Estava com um olho azul e outro verde, e com os dois convergindo, fixos, trágicos, ferozes, para a ponta do nariz!

XLVIII

O MILAGRE

Anteontem, sábadó, vinha eu de um Banco situado à rua Primeiro de Março, quando passou a meu lado uma senhorita de estatura mediana, levemente morena, de olhos claros, que apressava os passos com indisfarçada aflição. A seu lado, com a mesma pressa, marchava um rapaz da mesma estatura, também moreno, de rosto escanhado, que lhe dirigia ligeiras palavras sem resposta. Como achasse curiosa aquella situação, aligerei também as minhas pernas, acompanhando a caça e o caçador, na esperança de salvar a pobre menina em um momento de perigo para a sua pureza.

Atordoada com a perseguição, a moça pensou em um refúgio, e enveredou pela porta da Cathedral. O rapaz, sem se deter, entrou em seguida, e eu entrei atrás dêle, para salvar a jovem. Lá dentro estava tudo vazio, quieto, silencioso. Sem olhar para trás, e ouvindo os seus passinhos miúdos e sôfregos ressoando na lage, a moça atravessou as filas de bancos, indo ajoelhar-se na primeira, benzendo-se atabalhoadamente. O

rapaz, teimoso, fez o mesmo caminho, e ajoelhou-se na mesma fila, dois passos adiante. E eu, com interêsse em tudo aquilo, ajoelhei-me na fila contígua, para fazer minha oração.

No silêncio do templo, só se ouvia, a princípio, o sibilar da prece da moça, que orava aflitamente, com os olhos no altar. E foi nesse silêncio que eu percebi, mais alta, a oração do rapaz, que, à meia voz, de maneira a ser ouvido pela sua vizinha, pedia, de mãos postas, com o olhar pregado no teto:

— Minha Virgem Maria, fazei com que dona Estela me queira bem! Fazei um milagre, minha Nossa Senhora! Amolecei aquele coração! Tende piedade de mim, minha Virgem Maria!...

À medida que o rapaz fazia essa prece, eu vi que o rosto da moça ia se desanuvian-do, até desabrochar num sorriso de complacência cristã. E tão fervorosa foi a prece do rapaz, que o milagre foi feito: quando eu saí meia hora depois, estavam os dois, juntinhos, no mesmo banco, ministrando-se reciprocamente o sacramento da “confissão”...

X L I X

A TOLERÂNCIA DAS MÃES

Quando eu me casei, em 1874, d. Eduarda, mãe de minha noiva, chamou-me à ordem, porque eu acariciara a sua filha na frente de algumas pessoas da família. Achava a precavida senhora que o marido não deve, sequer, tocar no braço da mulher diante de estranhos, e, muito menos, beijá-la na presença dos pais. Eu achei a reclamação razoável, e, por obediência, comecei a tratar minha espôsa com a mais requintada cerimônia.

Hoje, vejo que os costumes são outros, e que tudo está inteiramente mudado. As mães das moças casadouras são pacientes e tolerantes, e de tal maneira, que até espantam quem as observa. O noivo de uma rapariga de agora tem na futura sogra não só uma confidente, mas uma protetora do seu afeto, das suas aventuras, dos seus adiantamentos escandalosos. Ainda ontem, na sala de espera do "Odeon", eu vi uma senhora dessa têmpera. O noivo ou namorado da filha, que as acompanhava, agarrava-se à

mão da pequena, e não deixou mais. Sentados, as suas pernas se misturavam debaixo das duas cadeiras, como se fossem quatro sapatos pertencentes à mesma pessoa. De minuto em minuto, vinha-lhe o desejo de trocar um segrêdo, e o rapaz enfiava a língua pelo ouvido da noiva para que ela não perdesse uma só das palavras que lhe dizia. Eu tremia, assustado, prevendo o escândalo, que a velha faria, se observasse aquela vergonha. Esta, no entanto, viu e, em vez de chamar à ordem a filha ou o namorado, limitou-se a abrir o leque no rosto do casal, dizendo à moça, num sorriso benevolente:

— Toma o teu leque, Alice!

E o que houve por trás do leque, eu não sei. Parece, entretanto, que a menina se esqueceu de, com êle, afastar os mosquitos durante a exibição das “fitas”, pois eu a vi sair do cinema, depois da sessão, com uma grande mancha vermelha no canto da bôca.

L

OS VIOLÕES DE PAQUETÁ'

Em um dos contos patrióticos mais fortes e lindos da "Pátria Portuguesa", desenha Júlio Dantas, com o seu vocabulário soberbo, a partida da frota de d. Sebastião, rumo das costas africanas. Quando Lisboa, banhada de sol, se perdeu ao longe, na curva do céu e do mar, chamou El-Rei a Cristóvão de Távora e indagou:

— Trouxeram violas na armada?

— Trouxeram violas? — repetiu êste a Diogo de Souza, capitão-mor das naus em viagem.

— Para mais de cinco mil, meu senhor! — informou o interpelado.

— Cinco mil violas? — estranhou o rei.

— Vêm cinco mil violas para a África?

— E não chegam ainda, meu senhor — retrucou o capitão-mor, — não chegam ainda para a saudade de todos os portugueses!

Era êsse conto que eu recordava, uma noite destas, quasi adormecido, em Paquetá. O luar, diáfano, límpido, maravilhoso, descia do céu envolvendo as águas e as ár-

vores. A natureza parecia magnetizada pela suavidade da lua, que se mirava e multiplicava indefinidamente nas maretas da enseada. E foi no meio dessa quietude de sonho que passou junto à minha janela, onde as ondas me acordam, o primeiro violão de serenata. Poucos minutos depois passava outro. E tantos se sucederam, sonoros, tristes, como corações encordoados de nervos palpitantes, que, às dez horas, quando me afundei suavemente no meu sono de velho, já havia contado dezessete, nas cordas dos quais dezessete cantores acompanhavam, doces, brandos, solitários, dezessete modinhas chorosas!

— Quantos violões há em Paquetá? — perguntei, na manhã seguinte, ao peixeiro que me foi despertar para tomar a barca.

— Uns duzentos, “seu” doutor! — respondeu-me.

E não chegam, com certeza, para a mágoa de todos os namorados...

O TRÔCO DO CEGO

Uma das profissões mais rendosas do Rio de Janeiro é, atualmente, a de mendigo. Não há muito tempo, em uma pesquisa enérgica no seu distrito, uma autoridade policial descobriu um aleijado, em cuja algibeira foi encontrada, em dinheiro, e em títulos, uma fortuna de algumas dezenas de contos. E como êsse há muitos outros, cuja situação financeira é melhor, geralmente, do que a de todos aqueles que lhes põem o níquel no chapéu.

Um caso característico dessa prosperidade dos mendigos é, porém, o de d. Evangelina de Brito, a piedosíssima espôsa do conhecido industrial Filomeno Pereira de Brito, chefe da firma Pereira de Brito & C., à rua Visconde de Itaúna. Conforme é dos seus hábitos, d. Evangelina vestiu-se, um dêstes dias, depois do almôço, meteu cinquenta mil réis na bolsa de sêda, e recomendou à criada:

— Quando Filomeno chegar, dize-lhe que eu fui levar esmolas aos meus pobres.

E perfumadíssima, vestindo um dos seus vestidos mais decotados, desceu a escada, calçando negligentemente as luvas.

Ao anoitecer, com o espôso já em casa, à sua espera para o jantar, chegou, enfim, mais perfumada do que quando saíra, a lindíssima d. Evangelina.

— Andaste por longe, hoje — observou-lhe o marido, beijando-a carinhosamente na face.

E madame contou o que havia feito:

— Estive, primeiro, no morro do Leme, aonde fui ver aquela velhinha parálitica, mãe da nossa engomadeira; depois, fui à Lagoa, ver os órfãos da Venância, que moram com a avó; em seguida, fui levar a esmola daquele cego, que mora nas Laranjeiras, por cima daquele morro do túnel.

Encantado com aquela atividade da esposa, o sr. Filomeno ia abrindo, devagarinho, a bolsa de madame, para ver quanto ela gastara, quando, arregalando os olhos, bradou, estupefado:

— E êste dinheiro que está aquí?

A distinta senhora estremeceu dos pés à cabeça e, em seguida, da cabeça aos pés; mas, concentrando o espírito que lhe fugia, explicou, admirada:

— Meu Deus! bem se diz que há mendigos capitalistas! É o trôco do cego, Filomeno! Êle se enganou!

No fundo da bolsa, dobrada cuidadosamente, brilhava, nova em fôlha, uma cédula de quinhentos mil réis...

AS ROSAS DE PAQUETÁ

— Vá para Paquetá, sr. conselheiro, vá para Paquetá! — dizia-me, um destes dias, no seu consultório, o sr. dr. Antônio Austregésilo. — Olhe, eu tenho alí uma casinha, na praia dos Frades, e está inteiramente à sua disposição!

E como visse que eu sou, como êle, um entusiasta de Paquetá, e da praia dos Frades, o illustre clínico derramou-se em louvores a êsse delicioso pedaço da ilha:

— Aquilo é um encanto — dizia; — aquelas águas, aquelas pedras, aquelas árvores, aquelas roseiras, tudo aquilo é maravilhoso. As roseiras, principalmente; não conhece o prestígio das rosas de Paquetá?

Eu lhe respondi negativamente, e o meu eminente amigo explicou-me:

— É o caso do Nordeste. Não conhece o Nordeste? É uma das figuras mais illustres da ilha. O Nordeste, quando era moço, possuía alguns metros de terreno na praia dos Frades, e pôs-se a plantar rosei-

ras, que aí se desenvolviam assombrosamente. No seu jardim, que era um encanto, havia mais rosas do que fôlhas; e essas rosas cheiravam tanto, que à noite, os peixes vinham de longe, para a praia, com a cabeça fora d'água, afim de lhes aspirar o perfume...

Eu tossi em sêco e o dr. Austregésilo continuou:

— Certo dia, o Nordeste saiu barra em fora, para uma pescaria. Estava êle em alto mar quando anoiteceu. A noite era escura, tenebrosa, horrível. E êle, sòzinho, sem uma bússola, sem nada que o orientasse, para saber o rumo de terra! Que fazer? Era a morte certa. De repente, porém, o vento mudou. O nosso pescador, completamente desnorteado, ouvia o zunido da ventania quando lhe feriu as narinas um cheiro que lhe era conhecido. Sorveu com mais fôrça as lufadas que levantavam as ondas, e reconheceu-o: era o perfume das suas roseiras da praia dos Frades, que se fazia sentir através do mar, léguas e léguas, levado pelo vento de nordeste!... Descobrimo, por êsse aroma inconfundível, o lado da terra, o jovem jardineiro de Paquetá remou na direção de onde vinha o vento, salvando, assim, a sua vida, e tomando, em sinal de gratidão, o nome de Nordeste, como lembrança do estranho acontecimento.

Nesse instante, sentimos, ambos, um cheiro de essência de rosas, que vinha da sala de consultas. O dr. Austregésilo aspirou-o, com delícia.

— Nordeste? — perguntei.

— Não; Sul... rosas de Copacabana...

— respondeu-me, sorrindo.

E estendeu-me apressadamente a mão.

LIII

OS ROMANCES VIVOS

Em um jantar, domingo último, na residência de um velho companheiro de classe, eu elogiava a serena beleza de uma das senhoras presentes, quando o dono da casa, com a intimidade que nos liga há trinta e sete anos, me tomou pelo braço, arrastou-me para um canto da janela, e revelou-me um caso comovente, que registro aqui unicamente para me não esquecer.

— Aquela senhora que estás vendo — disse-me — é uma das maiores heroínas que eu conheço. Eu te conto a sua história porque estou certo de que a levarás para o túmulo, abafando com a tua lousa as graves palavras dêste mistério.

Eu lhe assegurei, voluntariamente, a minha discreção, e o meu amigo continuou:

— A senhora que alí vês, teve, na sua mocidade, uma grande paixão infeliz. Dessa paixão, cujo infortúnio a sociedade sempre ignorou, nasceu-lhe um filho, que ela nunca pôde beijar porque lho levaram no momento em que nasceu. Ela o conhece,

acompanhando-lhe os passos, vai onde êle vai, procura estar sempre onde êle esteja. Êle tem vinte e cinco anos e desconhece a verdade da sua origem. Ela nunca lhe dirá que é sua mãe, porque isso acarretaria a vergonha para ambos, e constituiria o maior escândalo desta mesma sociedade, que os correria dêstes salões sob uma chuva de pedras.

Nesse momento, a dama, risonha, mas digna, passava diante de nós, ao braço de um rapaz de olhos negros e rosto escanhoado. Quando êle a sentou, de novo, entre outras senhoras, beijou-lhe delicadamente a mão. O meu amigo, que os acompanhava com o olhar, murmurou-me entre dentes:

— Viste aquele beijo? Para êle, é um galanteio; para ela, é uma bênção. . .

Quanta gente não desfila sob os nossos olhos, levando, como êsses, sem que o suspeitemos, a semente de um romance ou de uma tragédia?

LIV

OS PROTEGIDOS DAS DAMAS

O brasileiro acredita, geralmente, quando no estrangeiro, que ninguém o sobrepuja em liberalidades. Em seu entender, nós somos uns perdulários, uns nababos de mãos rôtas, dos que atiram ao colo das mulheres todo o ouro das algibeiras. E, no entanto, eu tenho tido provas de que assim não acontece, e de que uma dama estrangeira é, muitas vezes, mais franca, mais generosa, do que muitos rapazes cariocas.

Não há muitos dias eu tive, com os meus próprios olhos, uma demonstração dessa verdade. Era no Parc Royal, na secção de roupas para homens. À porta, onde se perfilam os manequins, pára um automóvel, de onde saltam uma dama francesa, jovem e linda, e um moço brasileiro, de importante família da cidade. Junto ao balcão, a dama pede camisas para homem. O empregado traz uma caixa do artigo, de dezoito mil réis cada uma. A dama apresenta-as ao rapaz, que se recosta abandonadamente em uma cadeira próxima, e pergunta:

— Gostas, Carlos?

O moço olha para a caixa com desdém, e, com superioridade, responde:

— Melhores...

O empregado traz camisas de trinta mil réis; a dama, sempre interessada e gentil, observa, com um sorriso:

— Estas estão boas, filho!

Carlos concede um olhar às camisas e limita-se a pedir:

— Seis.

A dama paga as camisas, manda levá-las a uma pensão *chic*, e empurra para dentro do automóvel o seu Carlos, que roda para a Avenida, fulminando com o seu desprezo de protegido das damas os outros homens, tristes mortais, que se vestem à custa do próprio trabalho...

O FRIO NA ARGENTINA

Quando o sr. conselheiro Rui Barbosa foi à Argentina, há três anos, representar o Brasil nas festas cívicas de Tucuman, seguiu, na embaixada, como médico, o seu illustre amigo e notável clínico dr. Fernando Lisboa Coutinho. O tempo estava mau, e toda gente ainda se lembra que o frio foi tamanho, tão intenso, que o nosso eminente embaixador se viu na contingência de fazer apenas quarenta e duas conferências, em vez de setenta e oito.

No meio de tudo isso, porém, o médico da comitiva não se afligia; tranquilo, inalterável, seguiu para as fraldas dos Andes, afim de realizar umas caçadas devastadoras, das quais nos dava notícia, um dêstes dias, em palestra, na casa do seu cunhado, e meu primo, dr. Manuel Buarque.

— Você não sentia frio? — indagou, a certa altura, o dono da casa.

O dr. Coutinho sorriu, e continuou:

— Olhe, um dia, eu saí para caçar, quando a temperatura baixou súbitamente,

a ponto de gelar tudo no mesmo instante. Árvores, águas, animais, tudo gelou, como por encanto. E isso foi tão rápido, tão de repente, que uma ave, em que eu ia atirando, ficou gelada no espaço!

Os presentes se entreolharam espantados, mas o dr. Coutinho continuou:

— Eu próprio, que havia atirado no pássaro, fiquei pregado no chão, gelado, imóvel, com a carabina à altura dos olhos, em atitude de pontaria!

Animado com o sucesso da história o ilustre médico insistiu:

— A própria bala que havia partido da minha espingarda, ficou no ar, suspensa, gelada!

Nesse ponto, o dr. Buarque, escandalizado, resolveu intervir:

— E a lei da gravidade, “seu” Coutinho?

O dr. Coutinho olhou-o, e respondeu, decidido:

— A lei da gravidade? Gelou, também!

A assistência debandou.

MUNCHHAUSEN JÚNIOR

O meu eminente amigo sr. general Lauro Müller teve a gentileza de mandar apresentar-me, ontem, na praia dos Frades, em Paquetá, onde me instalei na casa do dr. Antônio Austregésilo, o seu velho conhecido, o Nordeste, que desejava agradecer-me as palavras com que me havia referido à sua pessoa. O Nordeste repetiu-me o caso das suas rosas, cujo perfume chegava ao alto mar, e como eu estivesse de partida para a cidade, saímos os dois, afim de tomarmos a barca das onze e meia.

Íamos conversando, sentados no mesmo banco, quando a embarcação passou em frente a uma grande pedra, partida em duas, que há nas proximidades da ilha.

— Aquela pedra, — disse-me êle, apontando o penedo bipartido — aquela pedra que o senhor está vendo alí no meio da água quem a partiu fui eu.

— O senhor? — indaguei, rindo.

— Sim, senhor; eu vinha de uma pescaria, de noite, quando a canoa foi com a

proa de encontro a ela; e o choque foi tão grande, tão forte, que a pedra rachou em duas, como o senhor pode ver.

E como me visse rir, duvidando, o Nordeste emendou, grave, para justificar-se:

— Só há uma cousa: é que nesse tempo aquela pedra ainda era pequena; era dêste tamanho...

E marcou no convés, com a mão espalmada, uma altura de meio metro.

A barca aproximava-se da cidade, quando eu, puxando o relógio do bolso, procurei calcular o tempo da viagem; o Nordeste arrancou, também, o dêle, um enorme relógio de níquel, dizendo-me:

— Isto é que é relógio, sr. conselheiro; marca tudo; marca até o preço do peixe!

Eu achei graça, e êle continuou, sério:

— Não ria, não. Olhe: uma vez, há quinze anos, eu fui pescar na ilha do Brocoió, e, de volta, quando ia tirar o relógio do bolso para dar corda, pois estava parado, o maldito — ti-bum — caiu nágua. Fiquei indignado, e não comprei outro. Dois anos depois, indo pescar no mesmo lugar, sentí uma cousa beliscar no anzol, fazendo: tic-tac; tic-tac. Puxei, e — imagine o que era? Era o diabo do relógio, que, por sinal, estava marcando a hora certa!...

— Mas você não me disse que o relógio estava parado quando o perdeu? — observei.

— Disse, sim; mas é que êle acertou depois, pela maré...

A barca ia encostando.

LVII

UM PROGRAMA DE GOVÊRNO

Deve seguir, depois de amanhã, para o Maranhão, aonde vai assumir o cargo de governador do Estado, o sr. dr. Urbano Santos, que acaba de desempenhar com indiscutível patriotismo as altas funções de vice-presidente da República. E como eu seja, para honra minha, um dos amigos do eminente chefe maranhense, foi sem custo que dêle obtive, ontem, uma pequena entrevista sôbre o seu programa de govêrno.

— Que problema prenderá mais, quando no poder, a atenção de v. ex.? — perguntei.

O dr. Urbano apagou o cigarro na sola da botina, guardou a ponta no bolso, e, pausadamente, explicou-me:

— O que mais me preocupa neste momento, é, naturalmente, o problema financeiro. O Maranhão precisa equilibrar os seus orçamentos, e eu não sei aonde vá arranjar dinheiro. O Colares Moreira já me lembrou um imposto sôbre a pamonha, e que se mandasse selar com vinte réis camarão

exportado. Eu tenho, porém, aquí (e bateu na testa), uma idéia, que me parece feliz.

— Não se poderá saber, entretanto, qual seja essa idéia? — indaguei.

O dr. Urbano sorriu com uns ares de homem vitorioso, e confessou:

— Vender a Biblioteca Pública!

— A Biblioteca? — exclamei, espantado.

E o vice-presidente:

— Sim, a Biblioteca. É uma repartição que não dá o menor rendimento. Está fundada há meio século e ainda não deu um vintém de lucro ao Estado! De que serve uma repartição assim?

Eu lembrei ao illustre viajante que a Biblioteca não é uma repartição destinada a dar lucros monetários, e sim a ilustrar analfabetos; mas o dr. Urbano atalhou:

— E que adianta isso? Acha o senhor que é o alfabeto que faz o homem feliz? É um engano. O conhecimento das letras é uma cousa anti-natural. Se Deus quisesse que os homens soubessem ler e escrever, êles já nasceriam sabendo. E a prova de que Deus não quer mesmo que se aprenda, é que Nosso Senhor Jesúo Cristo, filho dêle, nunca esteve na escola. Essa é que é a verdade.

Nesse instante, veio-me à lembrança a notícia de que o dr. Urbano possuía uma grande biblioteca particular, e eu, para embaraçá-lo, perguntei:

— E os sete mil volumes de v. ex. ficam aqui?

— Não, vendí tudo.

— Ao “sebo”?

— Não; vendí ao Garnier; estão inteiros e podem ser vendidos como novos. Eu não os quis mais porque estavam com uma fôlha agarrada na outra, e não convinha cortá-las, para não estragar. Quer ver?

E mostrou-me uma *História do Imperador Carlos Magno*, absolutamente intacta.

AS COSTUREIRAS DE PENSÃO

O meu colega de diplomacia, dr. Aloísio Azevedo, escreveu, segundo me dizem, um romance sôbre as casas de pensão do Rio de Janeiro. Se êle descreveu com fidelidade a vida nesses pequeninos mundos de atividade honesta e escrupulosa, a obra deve ter saído interessante, porque eu não conheço vida mais honrada, mais digna, mais rica de sacrifícios e heroísmo do que a dessas criaturas que se vêm obrigadas a comer na mesma toalha, ao lado de quatro ou cinco famílias diferentes.

Há vinte e sete anos, exatamente, eu não entrava em uma pensão no Rio de Janeiro; e tive a mais dolorosa das impressões, ontem, ao penetrar uma dessas moradias coletivas, em visita a um deputado nordesta, que aquí desembarcou recentemente. Convidado para almoçar, aceitei; e, na mesma, tive ocasião de contar os hóspedes, que eram estes: um estudante de direito, que presta exames há onze anos e é, ainda, terceiro anista, por perseguição dos examina-

AS COSTUREIRAS DE PENSÃO

O meu colega de diplomacia, dr. Aloísio Azevedo, escreveu, segundo me dizem, um romance sôbre as casas de pensão do Rio de Janeiro. Se êle descreveu com fidelidade a vida nesses pequeninos mundos de atividade honesta e escrupulosa, a obra deve ter saído interessante, porque eu não conheço vida mais honrada, mais digna, mais rica de sacrifícios e heroísmo do que a dessas criaturas que se vêm obrigadas a comer na mesma toalha, ao lado de quatro ou cinco famílias diferentes.

Há vinte e sete anos, exatamente, eu não entrava em uma pensão no Rio de Janeiro; e tive a mais dolorosa das impressões, ontem, ao penetrar uma dessas moradias coletivas, em visita a um deputado nordesta, que aquí desembarcou recentemente. Convidado para almoçar, aceitei; e, na mesma, tive ocasião de contar os hóspedes, que eram estes: um estudante de direito, que presta exames há onze anos e é, ainda, terceiro anista, por perseguição dos examina-

dores; um árabe, que vende miudezas na rua, e esconde o dinheiro no fôrro da casa, por cima da cama; uma costureira, que trabalha no *atelier* até duas horas da manhã, para sustentar um primo da sua idade; um caixeiro viajante, francês, fabricante de vinhos de Bordeaux, que lhe chegam pelos trens da Central; uma viúva, que chora com um ôlho de vidro e namora com outro de celulóide; um deputado, um guarda-livros, e sete caixeiras de casas de modas, moças da maior distinção.

A sociedade, como se vê, é das melhores; e é porque ela me agradou imensamente com a sua seriedade incontestável, que tomo a liberdade de assumir, aquí, a pedido do meu amigo, a defesa de alguns dos seus representantes.

Há uma lei da Prefeitura, creio eu, que regula as horas de trabalho para todos os operários e empregados do comércio. A faina de uns e de outros deve terminar, segundo suponho, às sete horas, no máximo; os estabelecimentos onde são ocupadas as moças da pensão familiar a que me refiro abusam, entretanto, das pobrezinhas, prendendo-as até duas e três horas da manhã, quando regressam para a casa que as hospeda! É verdade que o ofício é remunerador, e que elas vestem com grande luxo, têm jóias caríssimas e chegam à pensão de

automóvel; isso não é, porém, motivo para que o poder público as desampare, consentindo êsse trabalho noturno, que me parece ilegal.

A máquina de costura é a locomotiva que leva as moças à tuberculose. A Prefeitura deve, portanto, modificar as horas de trabalho dessas pensionistas, pondo-as a costurar das seis da manhã às cinco da tarde, e não das cinco da tarde às três da manhã, como acontece atualmente.

LIX

AS "PERSEGUIDAS"

Alguns cavalheiros que acompanham senhoras na via pública, supõem que elas se sentem satisfeitas e desvanecidas com essa insistência dos seus admiradores. E, no entanto, assim não sucede, segundo me contou, há quatro ou cinco dias, em certo salão, uma das mais lindas senhoras da rua Vicente de Souza.

— Eu tenho a franqueza de confessar-lhe, sr. conselheiro — começou ela — que me sinto lisonjeada quando um homem de conhecido bom gosto me acompanha com os olhos ou, mesmo, me persegue sem malícia. Que quer? É uma vaidade que não atinge, absolutamente, a minha virtude.

Eu não protestei, por delicadeza, e a linda senhora continuou:

— O homem devia compreender, porém, o momento em que se torna importuno. Isto influiria muito no sucesso das suas tentativas galantes.

E, para justificar essa opinião, a admirável criatura narrou-me, lançando toda a graça da sua formosura na fogueira silenciosa dos seus olhos:

— Olhe, há dias, eu fui acompanhada

na Avenida por um nosso conhecido, que é, como nós sabemos, um galanteador fino e respeitoso. Percebendo o seu intuito, subi a rua do Ouvidor, passei na Gonçalves Dias, voltei pela Uruguaiana, tornando, então, ao ponto de partida. Até aí, eu ainda o olhei com bons olhos, vendo-o, de longe, pisando nos meus passos. Na Avenida, porém, os pés começaram a doer-me. Tomei o bonde e, como êle o tomasse também, principiei a ficar irritada com aquela insistência. E tamanha foi a minha irritação quando o vi saltar na parada seguinte àquela em que eu descí, que, se êle me dirigisse uma palavra, eu talvez desse um escândalo, metendo-lhe o leque no focinho! Não acha o senhor que êsse homem devia ter se contentado com uma “perseguição” atenciosa e discreta, dessas que a mulher interpreta como uma homenagem à sua beleza, à sua graça, aos seus encantos, e não como um propósito de conquista?

No meio dessa palestra, eu, aflito, fiz um leve sinal à dama, avisando-a da aproximação do marido; ela se fez, porém, desentendida, e, quando acabou, foi o marido, a meu lado, que lhe respondeu, com bonhomia, apoiando-lhe as palavras:

— São uns mal-educados, filha, são uns mal-educados, uns grosseirões...

E passou adiante.

OS “NOVOS RICOS”

Uma senhora, cujo nome aparece na secção mundana dos jornais a começar de 1916, isto é, desde que o marido enriqueceu com a venda de milho cangica para os Exércitos aliados, convidou-me, há dias, para um chá íntimo, em sua casa de residência. Fui. O palacete é em Copacabana, perto do mar, entre as pedreiras e as ondas. Dentro, nos salões, havia uma opulência berrante, descompassada, denunciando aquela sorte de “luxo comprado de uma vez”, de que fala o sóbrio Edmond de Goncourt. E no meio dessa riqueza sem gosto, uma cousa chamou a minha atenção: a presença, sôbre a mesa de jantar, de um caríssimo tapête de soa-lho, que o marido adquirira, sem saber, ao certo, a sua aplicação e utilidade!

Esse caso, que denunciava a origem modesta dos donos da casa, fez-me lembrar o que me contou, uma vez, o dr. Belmiro Braga, em viagem para Petrópolis. Ao ser posta em leilão, em Juiz de Fora, uma loja de louças, ficaram sem licitante umas trinta

ou quarenta escarradeiras de porcelana, antigas no estabelecimento. O dr. Francisco Valadares, que era, então, muito moço, e andava desempregado, ofereceu por todo o lote a quantia de quinze mil réis, que foi aceita, e com muito contentamento, pelo comerciante.

Para que, porém, queria o dr. Valadares tanta escarradeira, em uma cidade onde toda gente neutra cospe no chão, e em que os políticos, quando brigam, cospem uns na cara dos outros? Êle tinha o seu plano. Comprados êsses vasos, o jovem bacharel colocou-os em cassuás, nas costas de um burro, e tocou-se para o centro de Minas, rumo de Turvo, Bom Jardim, Airuruoca, S. Tomé, Três Pontas e Paraíso. Ao chegar a Cachoeira, um fazendeiro, em cuja propriedade se hospedara, interpelou-o perguntando que vasilha era aquela.

— Ê farinheira — respondeu o dr. Valadares, — farinheira moderna; a gente pega pelos lados, sacode e a farinha já sai cessada na bôca do leão.

E juntando o exemplo à explicação, o viajante pôs a farinha na escarradeira, vascolejou, e com tanto jeito que a farinha grossa espirrou pelos buracos laterais do vaso, deixando-lhe no fundo a farinha fina, sem caroço!

O fazendeiro adquiriu a “farinheira” por cinco mil réis, sendo imitado, nisso, por todos os outros da região. E é por isso que, hoje, de Três Pontas até Paraíso, não há casa de gente abastada que não tenha em dia de festa, — como a minha conhecida de Copacabana tem o seu tapête — uma ramalhuda, severa, enorme escarradeira em cima da mesa!

A SOPA DO PAPAGAIO

Eu não sou, como alguns dos meus amigos acreditam, partidário da reclusão da mulher. Uma dona de casa pode vir à cidade uma ou duas vezes por semana, tomando aí o seu chá, fazendo as suas compras e vendo, mesmo, em companhia das filhas ou do marido, o seu cinema predileto. O que eu não aprovo, nem aprovarei nunca, é a sua presença diária na Avenida, com evidente prejuizo de sua reputação e do seu lar. Nesses casos, o menos que lhe pode acontecer é um desgosto irremediável, como êsse que teve quinta-feira passada a minha distinta amiga dona Evangelina Duarte.

Mme. Duarte possuía há quatro anos, oferecido pelo sr. general Cândido Rondon, um lindíssimo papagaio trazido de Mato-Grosso, o qual, como prova da sua origem e do seu contacto com a civilização, tinha a particularidade de falar o português, o francês, o inglês, e quando se achava sozinho, o parecí, o bororó, e o nambicuara.

Graças aos seus talentos de poliglota, gozava êle de invejáveis regalias, entre as quais a de andar sôlto em um compartimento dos fundos da casa, onde lhe era servida todos os dias uma sopa especial.

Quinta-feira última, depois do almoço, mme. Duarte resolveu vir à cidade, como fazia diàriamente. À saída, porém, lembrou-se que a cozinheira era nova, e, para que ela se não esquecesse do *louro*, recomendou-lhe da porta:

— Maria, olha; não te esqueças de preparar a sopa do papagaio!

À noitinha, de regresso à casa em companhia do marido, a ilustre senhora jantou com desusado apetite, e já ia para o salão tocar o seu piano, quando se lembrou do *poliglota* do compartimento dos fundos.

— Maria! — gritou — preparaste a sopa do papagaio?

A cozinheira, uma cafusa mineira, correu da cozinha limpando a mão no avental.

— Senhora?

— Preparaste a sopa do papagaio? — insistiu madame.

E a cafusa:

— Uê!... Então a senhora não sentiu pelo gôsto?

— Que gôsto?...

— Da sopa. A senhora não mandou matar o papagaio p'ra fazer sopa p'ro jantar?

Mme. Duarte tombou no tapête, desfalecida. Quando despertou e quis falar, ninguém a entendeu. Diz o médico que é congestão. Eu acho, porém, que é parecí.

LXII

AS OSTRAS

Não obstante as recomendações dos médicos, que as condenam como um dos piores alimentos humanos, as ostras continuam a ser um dos pratos prediletos da mesa carioca. Os inconvenientes dessa alimentação dos ricos aparecem frequentemente na vida e na clínica; os seus adoradores são, porém, incorrigíveis, e daí os casos lamentáveis como êsse ocorrido recentemente em Paquetá.

Mlle. Irene de Vasconcelos, normalista e noiva, era louca pelas ostras cruas. Na formosíssima ilha da Guanabara, aonde fôra passar o verão, era hábito seu sair todas as manhãs a passeio pela Praia Grossa, tirando das pedras, com uma faca de prata, as ostras que ficavam a descoberto na maré de vasante, e que eram comidas alí mesmo, poèticamente, com o sonoro testemunho das ondas marulhantes. Em geral, para ajudá-la, acompanhava-a o noivo, um jovem acadêmico de medicina, que era, também, como a noiva, apaixonado por aquela espécie de marisco.

Em certa manhã de Maio último, tendo os dois saído, como habitualmente, à procura dêsse almôço infalível e matinal, voltaram inesperadamente, assustados, para casa. Com os seus argutos olhos de mãe, mme. Vasconcelos sondava o mistério daquelle regresso inesperado, quando descobriu no vestido da filha uma mancha denunciadora.

— Que é isso, Irene? — exclamou, assustada.

— Nada, mamãe; cortei-me nas ostras...

E mostrou o dedinho róseo, que a concha do marisco havia dilacerado, comprometendo-lhe horrivelmente a beleza da mão.

Esse não foi, porém, o maior inconveniente: pior do que o talho do dedo foi a moléstia interna que lhe adveio, a qual atendendo à gravidade unânimemente reconhecida pelos especialistas, exigiu a precipitação do seu casamento, que se realizou, ontem, à noite, na maior intimidade.

LXIII

UM SERMÃO ENCOMENDADO

Tinha eu terminado, ontem, o meu jantar, quando se fez anunciar em minha casa um sacerdote de meia idade, coadjutor em uma das paróquias da parte elegante da cidade. Fí-lo entrar para o gabinete, e, aí, depois de algumas palavras generosas, expôs-me êle o motivo da sua visita.

— Eu sei — começou — sei da influencia do senhor sôbre as minhas paroquianas; e o que me traz aquí, é a necessidade de prevalecer-me dêsse prestígio em benefício da sociedade e da religião.

Eu o pús à vontade, oferecendo-lhe os meus préstimos, e o sacerdote passou a explicar-me o caso:

— Minha paróquia, como o senhor sabe, compreende um dos bairros mais ricos da capital. O meu rebanho é numeroso, e, mesmo, virtuoso. As senhoras, em sua quasi totalidade, são almas sinceramente cristãs, de uma honestidade incontestável. A igreja é cuidadosamente zelada por todas elas, que são, pelo que tenho apurado, boas mães, boas filhas, boas espôsas.

— Que lhes falta, então?

— Eu lhe digo. Essas senhoras, de indubitável pureza, têm, no meio de tudo isso, um pecado, que as compromete, e me compromete a mim.

— Flirtam?

— Não, senhor.

— Conversam durante a missa?

— Não, senhor.

— Que pecado é, então, êsse?

— Decotam-se muito, sr. conselheiro.

Decotam-se e pintam-se muito, mesmo quando vão comungar. Ora, o senhor compreende que é uma profanação confiar o corpo de Nosso Senhor Jesús Cristo a lábios sujos de tinta vermelha, que o maculam na sua pureza e divindade! Depois, decotadas como se apresentam, basta que curvem a cabeça diante do sacerdote para que êste lhes veja involuntariamente, o corpo, as carnes, as formas, que devem trazer mais recatadas. É, enfim, um sacrilégio, contra o qual eu não posso, entretanto, reclamar do púlpito, para não as magoar na sua pureza de coração.

— E acha que eu...

— Sim, o senhor tem maneiras, tem jeito, tem autoridade.

E despediu-se. E quando êle saiu, eu escreví êste sermão, que me foi, como se vê, insistentemente encomendado.

LXIV

AS CANDEIAS

Estão se multiplicando no Rio os casos de divórcio, e todos, ou quasi todos, com aspecto judicial. E o que isso custa, o Rio inteiro o sabe, porque a cidade está, em grande parte, divorciada judicialmente. As despesas e contrariedades são enormes. Paga-se o advogado, paga-se o juiz, paga-se a testemunha, paga-se o escrivão, paga-se a tanta gente, enfim, que, terminado tudo, o homem está arrependido de não ter ficado mesmo com a mulher.

Há, entretanto, processos baratíssimos de divórcio, que nos são ministrados por outros povos menos civilizados, mas, também, mais previdentes. O que o meu amigo dr. Antônio Pedro Furtado trouxe da Índia, e está recomendando, êle próprio, nos casos de que tem conhecimento, é de uma simplicidade encantadora. Não há muitos dias, em um jantar íntimo oferecido pela exma. viúva Almeida Álvares, êle o repetia sentencioso, aos presentes:

— É muito simples, — dizia, e muito cômodo. Quando um casal, na Índia, se

quer separar, os interessados mandam comprar duas candeias novas, enchem-nas de azeite, e acendem-nas ao mesmo tempo, ficando ambos, e as respectivas testemunhas, de sentinela, para ver a que se apaga primeiro. Ao espôso, homem ou mulher, a quem isso acontecer, compete deixar imediatamente o lar, ficando o outro, cuja candeia se apagar por último, na posse dos filhos e dos bens. É um processo ligeiro, e, o que é mais, baratíssimo.

Todos concordaram em reconhecer a prudência dos indús, e comentavam jovialmente o caso, quando mme. Oliveira Simpson, que se achava apreensiva, se curvou para o dr. Furtado, fazendo-lhe, em segredo, uma consulta. Eu não sei o que foi; ao meu ouvido chegou, apenas, esta resposta do turista:

— Não, senhora; não sopra.

E continuaram os dois, silenciosos, comendo como sobremesa as duas partes da mesma maçã.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Um dos meios de vida mais rendosos do Rio de Janeiro, é, hoje, a criação de galinhas. Há pessoas que têm feito fortuna com a venda de aves e ovos, e famílias inteiras, cujo futuro está, todo, no galinheiro. E o negócio de galinhas é, realmente, um negócio incomparável, como se pode ver no caso de dona Antonina Gomes Duarte, virtuosa viúva do sr. Políbio Duarte, saudosos funcionários interinos do Ministério da Agricultura.

Dona Antonina iniciou a sua criação de aves há três anos, no Engenho de Dentro, com a aquisição de cinquenta e duas galinhas, compradas pelo marido, à meia-noite, de dois pretalhães muito necessitados, que andavam perseguidos pela polícia. Durante dois anos a distinta senhora só conseguiu prejuízos com os seus galináceos. O milho, os concertos no quintal, as despesas de toda ordem, consumiam todo o produto da venda de frangos, deixando, ainda, um *deficit* respeitável, como os orçamentos organizados pelo Congresso Nacional.

Em Janeiro último, porém, teve dona Antonina a infelicidade de perder o marido, que, além de tudo, antes de morrer, ainda lhe comeu quarenta e oito galinhas das quarenta e nove que havia, nessa ocasião, no quintal.

Sòzinha no mundo, e com uma galinha, dona Antonina, que tem vinte e cinco anos, resolveu continuar, ainda mais esforçadamente, a exploração da avicultura. E desde Janeiro, passou a vir à cidade, pessoalmente, vender o ovo da sua galinha, regressando sempre à casa com vestidos novos, meias de sêda e vidros de perfumes, que denunciavam a toda gente a sua espantosa prosperidade. Isso é tão notório no Engenho de Dentro, que, hoje, quando dona Antonina passa, não há quem não diga, entusiasmado:

— Qual! não ha nada como a galinha!
E não há mesmo.

OS AUTOMÓVEIS

A fúria com que os automóveis percorrem ultimamente a cidade, deixando pelas ruas, em dois traços de sangue, o rastro das rodas assassinas, está reclamando uma providência enérgica emanada das autoridades policiais. Dia não há, realmente, em que se não registre uma vítima dos *chauffeurs*, e tudo provém da velocidade com que marcham os carros, contra a qual deve-se fazer sentir, quanto antes, o prestígio de uma fiscalização rigorosa.

Quem toma hoje um automóvel para ir a qualquer parte da capital pode dizer adeus à tranquilidade naquela hora de vida ou de morte. Mal um cristão entra no carro, o veículo dispara com toda a pressão do motor; e de tal forma é a paixão da corrida, que o motorista se atira pela primeira rua, sem perguntar, sequer, para onde o passageiro deseja ir.

Anteontem, à noite, voltava eu de uma visita, e tomei um taxi em frente ao Odeon,

na Avenida. Sem indagar para onde me dirigia, o *chauffeur* deu volta à manivela e partiu. E tamanha foi a violência da disparada, que eu só conseguí dizer-lhe que ia para a rua das Laranjeiras, quando o automóvel atravessava, como uma flecha, a praça Sete de Março, em Vila Isabel!

O mortal que se mete, hoje, em um automóvel de aluguel, fica, assim, na crítica situação daquele português da anedota, que se aventurou a um perigoso passeio a cavalo.

Um alentejano, recentemente chegado ao Brasil, foi, um domingo, fazer um passeio à Penha, em companhia de alguns patrícios mais antigos na terra. Ao chegar à estação daquele subúrbio, viu o nosso hóspede um cavalo amarrado a uma árvore, e resolveu dar umas duas voltas pelas proximidades. Entrou em acôrdo com o dono do animal, montou e partiu. Momentos depois ouviu-se um tropel furioso para as bandas da estrada arenosa. O grupo correu para lá, e viu: o cavalo vinha em disparada, com o freio nos dentes, trazendo em cima, vergado para a frente, sem chapéu, e com as duas mãos agarradas à crina do bicho, o português! Ao passar, como um raio, por diante dos companheiros, um do grupo gritou-lhe:

— Onde báis, ó Manuel?

E êle, pálido, sem olhar para trás, na vertigem da corrida:

— Nun xi xabe!

E desapareceu ao longe, numa nuvem de pó...

LXVII

PERFUMES

Há dois meses, mais ou menos, eu tive oportunidade de tratar aqui mesmo do cheiro desagradável que persegue certas pessoas elegantes, apesar dos remédios, das essências, das loções a que recorrem para combatê-lo. As senhoras, principalmente, são vítimas dessa infelicidade irritante, que as torna, muitas vezes, insuportáveis aos outros e, até, a si mesmas. O suor fétido, é, enfim, uma fatalidade tão lamentável como a tuberculose, a idiotia, a varíola, e como outras enfermidades irremediáveis, que deixam sempre o rastro por onde passam.

Um caso curioso dêsse tormento, é, no entanto, no meio de milhares de outros, o de mme. Otaviano Schauer, a pianista ilustre que o Brasil inteiro tem aplaudido.

Quinta-feira última, reuniram-se no palacete do dr. Armando Webster, a senhora dêste, d. Helena, e suas amigas, mme. Otaviano Schauer e mlle. Sílvia Sampaio. E na palestra, saltando de assunto em assunto, a dona da casa referiu, horrorizada:

— Ah, meninas! Esta engomadeira que eu admití agora, tem um cheiro impossível. Imaginem que ela espalha um odor tão forte, tão intolerável, que não se pode, sequer, entrar no quarto em que ela trabalha!

— Pois, é um cheiro que não me incomoda, — observou mlle. Sampaio.

— Nem a mim, — atalhou madame Schauer.

A outra ficou espantada, e propôs:

— Nesse caso, façamos uma experiência; entremos, uma de cada vez, para o compartimento em que ela está gomando; e aquela que lá demorar mais tempo, terá direito a uma jóia, paga pelas outras duas.

— Está combinado! — gritaram as visitantes, pondo-se de pé, e dirigindo-se para os fundos do prédio, onde estava o quarto da engomadeira.

A primeira a entrar foi a própria dona da casa. As outras, de acôrdo com a combinação, deram volta à chave, e esperaram, fora, contando o tempo no pequenino relógio do pulso de mlle. Sampaio. Ao fim de dez minutos, bateram na porta, do lado de dentro; e mme. Webster saiu, quasi asfixiada, daquele estreito lugar de suplício.

— Oito minutos! — disseram as duas.

E as senhoras, para a senhorita:

— Agora é a tua vez, Sílvia!

A moça entrou, e, passados dez minutos, saía, sufocada, confessando não poder suportar mais, nem um instante, a mulher com quem estivera encarcerada.

— É a tua vez, Julieta! — disseram.

Mme. Schauer entrou. Ao fim de quinze minutos, bateram à porta, aflitamente. As duas abriram.

Era a engomadeira que queria sair...

LXVIII

“JETON DE PRESENCE”

O dr. Osório Duque Estrada apresentou, anteontem, à Academia Brasileira de Letras, uma proposta em que estabelece a aplicação das rendas atuais, ou futuras, dessa gloriosa instituição; e do projeto dêsse ilustre escritor consta, em último lugar, a remuneração dos acadêmicos que tomarem parte na sessão semanal, na razão de cinquenta mil réis por pessoa. Só receberá os cinquenta mil réis quem comparecer, ficando o dinheiro dos ausentes para os fartos cofres da Academia.

Aplicado o projeto do dr. Duque Estrada ao Congresso Nacional, estaria resolvido, segundo penso, o problema da falta de *quorum*, que tanto dificulta os nossos trabalhos parlamentares. Eu suponho possuir, porém, um processo ainda mais perfeito para promover o funcionamento das assembleias remuneradas, e quem mo deu, há doze anos, em Roma, foi um eminente sacerdote brasileiro, que ocupa atualmente um dos mais altos postos do nosso mundo eclesiástico.

— No tempo do Império — conta-me êsse meu amigo — o bispado de Olinda recebia para o seu cabido uma pensão de duzentos mil réis mensais, destinados aos vinte cônegos que eventualmente o compunham, e que deviam receber êsse dinheiro na reunião do mês, realizada em dia fixo. Cada cônego devia receber dez mil réis; se, no entanto, faltassem três, quatro, cinco, dez ou mais, o dinheiro dêsses era distribuído pelos que compareciam, e cujas almas assumiam a responsabilidade das deliberações, tomadas pelo cabido. Como dez mil réis não constituísse quantia tentadora de um cristão, havia sempre dois ou três cônegos mais ou menos abastados que ficavam em casa, deixando o seu dinheiro aos companheiros mais pobres.

Nesse ponto, o meu reverendíssimo amigo tomou uma pitada de rapé, esfregou o nariz com o seu lenço encarnado, seguro por duas pontas, e continuou:

— Em certo dia de reunião, porém, caiu uma tempestade formidável, que abalou toda a cidade. Eu, que fazia parte do cabido, pensei em deixar-me ficar na minha cama cômodamente. De que me serviriam dez mil réis? Não dariam, talvez, para o chapéu que ia inutilizar sob a chuva. De repente, porém, comecei a pensar... Os outros, com certeza, não compareceriam com

aquele temporal e não seria, então, tentadora, a idéia de receber sòzinho os duzentos mil réis? Pensando assim, vesti-me e abalei, sob a chuva terrível, rumo da Sé...

— E recebeu os duzentos mil réis?

— Espere aí. Quando cheguei lá, tive uma surpresa; já estavam na igreja, nos seus lugares, sete cônegos. E outros foram chegando, molhados, tiritantes, alagados; e tantos chegaram, que, nessa tarde, o cabido funcionou completo, com os seus vinte membros, que tinham ido, todos, com a esperança de receber, cada um, sòzinho, os duzentos mil réis da pensão!...

O melhor meio de fazer com que os homens trabalhem é, como se vê, remunerá-los de acôrdo com a sua atividade. E é por isso que eu lembro, aquí, aos presidentes da Câmara, do Senado e da Academia, êsse velho caso do cabido de Olinda.

L X I X

AS DOCEIRAS

Foi uma surpresa para mim, saber, por intermédio de amigos e de inimigos, que a minha crônica de há poucos dias sôbre as senhoras que se entregam à criação de galinhas, foi, em mais de uma roda, perversamente interpretada. Não foram poucas as cartas de protesto que recebí, assim como as visitas, em que as visitantes procuravam demonstrar o contrário de uma cousa que eu não disse nem quis, absolutamente, dizer. Neste número, estive, com os seus horrendos óculos e a sua gentilíssima filha, a exma. sra. Menezes da Cunha, que insistia em provar-me com o seu caderno de compras e vendas as vantagens da avicultura bem praticada e compreendida.

— E fique sabendo, senhor conselheiro, — exclamava — fique sabendo que uma senhora se pode manter no Rio, e fazer fortuna, com o seu próprio trabalho, sem o menor auxílio do marido. Aí está, para exemplo a sua vizinha, dona Dulce, que vive regaladamente da sua operosidade, fazen-

do doces para vender, já tendo até comprado um palacete com as economias!

— Dona Dulce? — perguntei, espantado.

— Sim, senhor! Ela faz doces para vender na rua, e ganha três vezes mais do que o marido, que é advogado. Não há, mesmo, no Rio, quem não lhe conheça os “suspiros”, os “sonhos”, e a “baba de moça”.

Nesse momento, ouviu-se na vizinhança um barulho de portão que se abre.

— Quer ver, — observou a minha visitante, — quer ver quanto dona Dulce vende de doces, vá olhar a quantidade que está saindo.

Corri à janela, e não vi os doces de dona Dulce. Vi, apenas, num automóvel que se afastava, um grande volume sôbre a almofada. Era o tabuleiro...

CINESÍFORO, ALIÁS

Dona Felicidade de Moraes, espôsa do dr. Martinho da Costa, e filha do professor Conrado de Oliveira, é uma das senhoras mais virtuosas e inteligentes que me têm sido apresentadas nestes últimos dias. Professora de piano e de inglês, a sua fortaleza vem sendo posta à prova por todos os modos sem que tenha havido, da sua parte, o mais ligeiro deslize. São documentos irrecusáveis, virtudes que lhe ornem o nome, os seus dois filhos mais novos, Raimundinho Schuetz e Abelardinho de Carvalho, que têm todos os traços de dona Felicidade.

Com êsse temperamento e essa educação, a ilustre senhora não podia deixar de ter, do primeiro choque, uma síncope, ontem, quando leu nos jornais a história de uma senhora de família distinta que se apaixonou por um *chauffeur*.

— Que cinismo! Que loucura! Que leviandade! — exclamou a querida matrona, na mesa da “Renaissance”, onde tomávamos chá, eu, ela, e o dr. Peixoto Fortuna, da Liga pela Moralidade.

Passado, porém, o primeiro acesso, dona Felicidade se reintegrou na sua condição de mulher, e, desembuchando-se com um gole de chá, observou, com bondade:

— Enfim, que se há de fazer? É um caso triste, mas é natural. A diferença entre um homem de sociedade e uma lavadeira ou uma copeira é a mesma que existe entre uma menina de família e o *chauffeur* do carro do pai. E, no entanto, não há homens finos, distintos, repletos de dinheiro, que se apaixonam pelas criadas da casa ou da vizinhança? Essa moça, que fez o que fez, é porque nutria, mesmo, paixão pelo *chauffeur*...

— Cinesíforo, aliás, — atalhou o dr. Fortuna.

Nesse ponto, a conversa foi interrompida pela família do comendador Balestros. Dentro em pouco, porém, as senhoras, no seu grupo, comentavam, entre si, o mesmo caso.

— E como é o nome do *chauffeur*? — indaga mlle. Balestreros.

E dona Felicidade, muito séria:

— Cinesíforo, minha filha: Cinesíforo, aliás. Creio que é espanhol. É um nome horrível; não é?

L X X I

OS FARMACÊUTICOS

Os jornais informaram, há dias, que o sr. Presidente da República, dr. Delfim Moreira, ia sendo vítima de um envenenamento, com um engano, absolutamente ocasional, de remédios para enxaqueca. S. Ex. havia mandado comprar uma cápsula de aspirina, e o farmacêutico, na atrapalhação, mandou-lhe um frasco de lisol, sem que o chefe de Estado, por sua vez, se apercebesse da confusão.

Essas trocas de medicamentos são hoje muito frequentes, e nascem geralmente do descaso com que os manipuladores se desempenham da profissão mesmo nos laboratórios mais acreditados da cidade. E aí está, como prova, o caso ocorrido na redação de um dos nossos jornais de maior circulação, o qual ia tendo o mais lamentável dos desfechos.

Sábado último, à noite, entrou um linotipista da fôlha em uma farmácia da rua da Assembléia, levando na mão uma tira de papel, que lia atentamente, aproveitando-se

DOAÇA

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar M

do foco elétrico do estabelecimento. De repente, vem dos fundos da casa um empregado, e, chegando ao balcão, pede-lhe:

— Deixe ver.

O tipógrafo entrega o papel, e o empregado mergulha de novo, com êle na mão, no interior da farmácia. Passado um quarto de hora, volta de lá com um frasco arrolhado, e de cápsula de papel, que apresenta ao operário:

— Pronto. Custa quatro mil e quinhentos.

— Quatro mil e quinhentos de que?

— Da poção.

— Que poção?

— A da receita.

— Que receita, nada! — explode o tipógrafo. — Isso nunca foi receita em parte nenhuma! Isto é um artigo do diretor do jornal, cuja letra ninguém consegue decifrar nem nas oficinas, nem na gerência, nem na redação!

E, furioso, retomando o papel e devolvendo a poção ao farmacêutico boquiaberto, voltou, com as mãos na cabeça, para decifrar o enigma com o secretário do matutino, que, por sinal, é taquígrafo do Conselho Municipal.

Com farmacêuticos dessa ordem, até o Papa, que é infalível, morreria envenenado.

OS FALSOS NABABOS

Os cinemas da cidade exibiram, há dias, um filme americano em que uma senhora, ainda jovem, tendo de optar entre o espôso, um fazendeiro rústico, e um antigo namorado, médico em Nova-York, põe de parte toda a vaidade e todas as ilusões do passado, e atira-se a defender, no correr de uma luta, o homem áspero que lhe dera o seu amor e o seu nome.

As mulheres deviam estar certas, sempre, de que o pior dos maridos é preferível ao melhor dos namorados. O homem que seduz uma senhora pura é, em geral, intimamente, um hipócrita. E, a propósito, vale a pena contar o que foi a desilusão de uma dama, sobejamente conhecida no Rio pela riqueza das suas *toilettes*, e que honra, hoje, o nome ilustre de um dos nossos mais opulentos capitalistas.

Esta senhora, sentindo que não devia mais pedir ao espôso as avultadas quantias do costume, e não querendo, igualmente, renunciar ao luxo das jóias e dos vestidos

custosos, resolveu recorrer a um amigo dêste, que lhe vinha fazendo insistentemente a côrte.

— Quanto deseja? — perguntou-lhe o sedutor.

— Vinte contos, para amanhã, sem falta.

Na tarde em que isso ficou combinado, mme. teve necessidade de vir à Avenida, e correu ao escritório do marido. Ao entreabrir, porém, a porta da sala, recuou: lá dentro, ao lado do espôso, estava o amigo que o queria trair. Que teria êle ido fazer alí, com tantas reservas? Prestou atenção, e percebeu tudo; o miserável estava pedindo, por empréstimo, ao seu espôso, os vinte contos com que lhe devia comprar a honra da mulher!...

Ante aquele espetáculo, a formosa senhora pôs o lenço nos olhos, meteu-se no automóvel e mandou tocar para casa. À noite, chegou o amigo, e, enquanto o capitalista procurava um livro no gabinete contíguo, passou à senhora, às pressas, um envelope com quarenta notas de quinhentos mil réis.

— Que é isso? — indagou a moça.

— É o dinheiro que deseja.

Madame sorriu, e virando-se para a porta do gabinete, chamou:

— Antônio?

O marido apareceu. E ela:

— Toma os teus vinte contos que o doutor te pediu emprestados esta tarde. Êle não precisa mais.

Quando soou a hora do chá procuraram pelo visitante. Havia desaparecido.

L X X I I I

'A TREPADERA'

O sr. dr. Francisco Valadares, ex-chefe de polícia desta capital, era, segundo afirmavam os seus conhecidos, um homem muito versado em romances, crônicas, poesias, enfim, em tudo que se tem publicado em língua portuguesa, não só em Juiz de Fora como em Belo Horizonte. E ontem eu verifiquei que isso é verdade, e o futuro deputado mineiro conhece, também, muita cousa editada no resto do país.

Esta certeza vem das observações que êle me fez, ontem, a propósito de um incidente literário, que eu divulguei recentemente; e como uma anedota puxa outra, revelou-me o ex-chefe de polícia um caso curioso que tem sido transmitido por quasi todos os telefones de Botafogo.

Reside em certa rua daquele bairro, onde goza de grande consideração das famílias, um respeitável capitalista que tem duas paixões: cultivar plantas exóticas e namorar as criadinhas da vizinhança. Um destes dias, cultivava o insolente esta segunda

mania, pulando para o terraço de um vizinho, quando o surpreendeu um copeiro da casa, que o fez galgar, de um salto, o telhado do prédio, agarrado ao cano da caixa d'água. Daí passou o venerando conquistador para o telhado da sua residência, de onde ficou a olhar para o solo melancolicamente, sem saber por onde descesse.

Estava o pobre homem nessa situação delicada, quando uma das filhas, indo ao jardim, o descobriu alí empoleirado e gritou:

— Olha o papai! olha o papai!

A família acorreu, inclusive a dona da casa, que indagou, franzindo a testa:

— Que é isso, Juca? Que é que você está fazendo aí?

— Nada, filha; era uma trepadeira que estava nascendo aquí em cima e que eu vim buscar para o herbário.

A família entrou e pediu o auxílio do Corpo de Bombeiros. Quanto à trepadeira, o vizinho, sabendo do caso, fê-la despedir nesse mesmo dia, arrancando, assim, o mal pela raiz.

L X X I V

O PROJETO PENIDO

No bonde em que eu vinha das Águas Férreas, tomou lugar, ontem, o sr. dr. Nogueira Penido, intendente municipal. Trazia debaixo do braço uma grande pasta de couro maximalista, que abriu a meu lado, arrancando-lhe do bojo uma infinidade de papéis, em que eram vistos, de mistura, plantas de prédios, desenhos de fardamentos, cópias de ofícios, amostras de fazenda, tabelas de preços e minutas de discursos. Como me surpreendesse a olhar um dos seus desenhos, o jovem intendente abriu-o, perguntando-me:

— Sabe o que é isto?

Eu olhei, e, por mais que o examinasse, não atinava com a utilidade daquela invenção. Era um chapéu de homem, de copa alta, possuindo em cima um buraco, que dava entrada para o fôrro. Ao lado, havia outro modêlo, mas em guarda-chuva, o qual devia ter, em vez de ponteira, um aparêlho como o do chapéu de cabeça, parecido com uma escarradeira.

— Não compreendo... — confessei.

— Pois eu lhe explico — atalhou o jovem intendente. — As moças do Rio de Janeiro, como o senhor sabe, têm o costume de cuspir para a rua, sempre que se acham à janela; algumas vêm, mesmo, da sala de jantar, unicamente para cuspir na via pública. É um defeito antigo, irreprimível, irremediável. Não há quem não tenha visto uma boquinha de rosa abrir-se no alto de uma sacada, para estalar no calçamento o ovo da sua saliva. E como eu sou previdente, conciliador de interesses, vou apresentar ao Conselho Municipal um projeto de lei, tornando obrigatórios estes chapéus de chuva e de cabeça, com um depósito para cuspo, como as escarradeiras. Não acha bom?

A minha resposta ao dr. Penido foi um apêto de mão tão vigoroso, que êle se agarrou à pasta para não ser "cuspido" do bonde.

'A BOLSA MUNDANA'

Houve um filósofo inglês, de nome Berkeley, que afirmava, com os dedos em cruz, que o mundo era apenas aparência. Nada existe no universo. A terra, o céu, as montanhas, nós mesmos, somos unicamente uma sugestão. Só existe o que nós idealizamos. E o mundo só acabará, desfazendo-se no vácuo, no dia em que desaparecer o cérebro humano, que o arrancou do caos por simples esforço de imaginação.

Era êsse inglês com a sua teoria das aparências, que me vinha, há dias, à memória, a propósito do dr. Custódio de Mendonça, o elegantíssimo cavalheiro que constitue, hoje, com o seu espírito, com a sua fortuna, com as suas roupas e, principalmente, com a sua mulher, um dos ornamentos autênticos da melhor sociedade do Rio.

De uma distinção absoluta, mme. Custódio de Mendonça possui, como é natural, uma infinidade de admiradores. A resistência graciosa das suas virtudes é, porém, tão rígida, tão serena, tão inquebrantável,

que eu, há dias, resolví procurar o seu marido, para lhe observar a conveniência de poupá-la a tamanhos vexames. A sua esposa era honesta, pura, virtuosa; para que, pois, êle a deixava em companhia de outras senhoras de vida leviana, de modo a comprometê-la, dando-lhe a aparência, também, de criatura duvidosa? Não seria melhor que ela escolhesse outras rodas mais compatíveis com a sua educação, com as suas maneiras, com a sua indubitável seriedade?

Eu tinha acabado de expor ao jovem mundano essas observações de amigo, quando êle, virando-se na cadeira de mola do seu gabinete, me perguntou:

— Conselheiro, o senhor já foi comerciante?

A minha resposta foi, evidentemente, negativa, e êle insistiu:

— Pois, olhe; a sociedade não é mais, nem menos, do que uma Bolsa, onde as mulheres constituem os valores. Compreendeu?

Eu não respondi, e o homem continuou:

— Se não compreendeu, eu vou ser mais positivo. A sociedade, como lhe disse, é uma Bolsa. Nessa Bolsa, eu entrei com o meu capital, que é minha mulher. Fazendo-a circular no meio em que vivemos, eu ganho, como juro do meu capital, a amizade das outras mulheres, que constituem o

capital dos outros. E como o meu negócio é seguro porque eu tenho confiança na minha espôsa, acontece que eu sou um dos banqueiros mais prósperos e felizes da nossa praça mundana, porque vivo largamente dos juro, isto é, das amizades femininas da minha mulher, sem que os outros, de quem eu tiro estes juro, toquem no meu capital. Entende?

Eu tinha entendido. E ia pensando ainda no caso, e nos riscos a que está exposta a linda fortuna do meu amigo, quando me vi, de repente, na Avenida. Estaquei, para olhar. E foi, então, que vi, espantado, como o Rio está cheio, repleto, de comerciantes falidos...

CAÇA À RAPOSA

Ontem, à tarde, estava eu na “Renaissance” tomando o meu sorvete com água carmelitana, quando entraram duas senhoras quarentonas, trazendo ao ombro duas “raposas” que lhes teriam custado, no mínimo, um conto de réis cada uma. Na mesa próxima, entre a minha e a das recém-chegadas, sentavam-se dois cavalheiros da alta roda e da alta finança, cujas bengalas eram coroadas por uns lindos castões de ouro em forma de cabeça de cachorro. E mal os cães pressentiram as raposas, começou, entre as duas mesas, a perseguição formidável.

Os caçadores eram, entretanto, inhâbeis. Anunciada a caça pelos cachorros, êles deviam, primeiramente, cercar as raposas, aproximando-se com cautela e dissimulação, afim de não as espantar. E assim não aconteceu. A investida inicial foi feliz. De repente, porém, um dêles comprometeu tudo, murmurando ao ouvido do companheiro, mas de maneira que foi percebido pela caça:

— Estão “maduras”...

A esta frase, houve um arrepio de indignação nas “raposas”. Feridos no coração, os dois carnívoros encolheram-se, retraindo-se, e não olharam mais para a mesa dos cachorros. Terminado o seu chá, tomado em silêncio, as “raposas” levantaram-se, e, destemidas, dirigiram-se para o lado dos caçadores. E ao passarem defronte da mesa dos cães, estes ouviram, em represália, nítida, terrível, anavalhante, esta frase de desprezo:

— Estão verdes...

Os caçadores levantaram acampamento, e quiseram seguí-las. Quando os cães chegaram à porta, uivando com os olhos, as “raposas” tinham desaparecido.

L X X V I I

O TREM DE PETRÓPOLIS

Com a volta do calor, que se anuncia rigoroso, começa o carioca a suspirar pelas manhãs de Petrópolis, em que o ar possui geralmente, na sua doçura, a carícia de uma pequena mão feminina. O Rio inteiro, tem, nos dias quentes, saudades da serra acolhedora, e sonha, ansioso, com o clima das alturas. A idéia das subidas diárias, com duas horas de trem fumegante, constitue, porém, um espantalho, — e é apavorado que o veranista se afunda na cadeira e no sono, pensando nos comboios europeus e americanos, que devoram sessenta quilômetros de caminho em menos de trinta minutos.

O trem de Petrópolis é, em verdade, no Brasil, a mais legítima negação do progresso nacional. O caso ocorrido com tanto escândalo em dia do ano passado, é característico da feição primitiva do nosso meio de transporte para aquele paraíso serrano.

O dr. Umberto Antunes, engenheiro da Central, estava, em 1917, passando uns me-

ses na Cascatinha, quando, um dia, tomou o trem na estação de Petrópolis. Chegado o comboio ao Meio da Serra, apareceu o condutor, e pediu:

— O bilhete, faz favor?

O dr. Antunes meteu a mão no fôrro do chapéu, no bolso do colête, nas algibeiras do paletó e da calça, e, não encontrando a ordem de trânsito, justificou-se:

— Eu tenho “passe”, sou engenheiro-chefe da Central do Brasil.

— Então, passe o “passe”! — insistiu o condutor.

O dr. Umberto não o tinha; o “passe” havia ficado em Petrópolis, em uma pasta que deixara na estação, e isso mesmo disse êle ao empregado, que, entretanto, tornou:

— Se ficou lá, vá buscá-lo...

Nesse momento, o comboio ia parando no Meio da Serra. O dr. Antunes pulou, tirou o chapéu da cabeça, e disparou, para trás, na carreira. Uma hora depois, ao chegar o trem à Raiz da Serra, viu-se, ao longe, no trilho, um vulto que vinha correndo para apanhá-lo.

Era o dr. Umberto Antunes que voltava, com o “passe”, da estação de Petrópolis!

Eu mesmo fui, certa vez, testemunha da velocidade com que marcham os trens da Leopoldina. Um dia, estava eu na estação,

à espera de um carro do horário, e perguntei ao agente:

— O trem ainda demorará muito?

O homem olhou para os trilhos, na direção do Rio, e informou:

— Não, senhor; é questão de vinte minutos.

Eu olhei no mesmo rumo, e descobri o motivo da sua certeza: no leito da estrada, por cima dos trilhos, corriam algumas aves domésticas, procurando um refúgio. Era o trem que vinha atrás, espantando as galinhas...

A PURIFICAÇÃO

Uma das virtudes mais respeitáveis que ornaram o espírito de certas criaturas elegantes é a timidez, com aspecto religioso. A religião é, mesmo, o único freio que se pode pôr às levandades do nosso tempo, quando a sociedade se afunda, aos poucos, sobrecarregada de pecados mundanos.

Há episódios verídicos, que são característicos da influência católica no espírito da nossa gente; e nenhum é mais significativo, talvez, do que um, recentíssimo, que me foi contado em segredo por um dos personagens da comédia.

Mlle. Julieta Pinto Hartmann, residente em Santa Teresa, foi um destes dias confessar-se, e, de regresso à casa, vinha alarmada. No dia seguinte, após uma noite de vigília, bateram-lhe à porta do gracioso dormitório, onde a cortina de gaze do seu leito de virgem balouçava, pura, às carícias do vento do mar.

— Julieta!

— Alice!

Era mlle. Alice Álvares, sua pior vizinha e melhor amiga, que ia pedir notícias da confissão.

Mlle. Hartmann suspirou, e narrou-lhe a verdade.

— Eu estou resolvida, Alice, a mudar inteiramente de gênio. Imagina tu que eu contei ao padre, como meu maior pecado, aquele costume de consentir que os rapazes me peguem na mão, no cinema. E sabes o que foi que êle me disse? Disse-me que a minha mão estava profanada, e que era preciso purificá-la! E acrescentou que todo o ponto do corpo de uma moça que toca ou se deixa tocar por um rapaz, deve ser purificado com água benta, para que ela não vá para o Inferno. Não é horrível?

Mlle. Álvares franziu as lindas sobrançelas louras, e indagou curiosa:

— E que penitência êle te deu?

— Uma terrível, menina! Mandou que eu passasse a noite com a mão mergulhada na água benta, e só retirasse de manhã, depois de doze horas de martírio!

A outra baixou a cabeça, mordicou o dedo indicador da mão esquerda, onde a unha polida parecia uma jóia incrustada em marfim, e despediu-se.

No dia seguinte, mlle. Hartmann foi pagar a visitinha da amiga.

— Onde está Alice? — indagou, na sala de jantar.

Mme. Álvares balançou a cabeça, num gesto de desânimo, e informou, numa grande tristeza materna:

— Está aí, minha filha; está aí no quarto de banho. Mandou buscar água benta em diversas igrejas, e entrou aí para o banheiro, há duas horas.

Mlle. Hartmann empurrou a porta, e entrou.

Estirada na banheira de mármore, mlle. Álvares tomava um banho de imersão...

L X X I X

O BURRO DO DR. BATISTA

Estávamos, ontem, tomando um chá na “Renaissance”, eu e o sr. dr. Arrojado Lisboa, quando de nós se aproximou um cavalheiro tímido, de estatura mediana, que me foi apresentado pelo companheiro de mesa.

— O dr. José Luiz Batista, meu antigo secretário na Central do Brasil.

Trocamos os cumprimentos de estilo, pusemo-nos a conversar, eu e o dr. José Luiz, até que a palestra foi encalhar nas minhas crônicas desta coluna, e, especialmente, nas aventuras inverossímeis a que eu às vezes me refiro, e que lhe agradaram, a êle, particularmente, por parecerem muito com os feitos maravilhosos de um seu parente, o dr. Mário Batista, residente no Piauí. E como eu desejasse conhecer um desses episódios de fama tão proclamada, o dr. José Luiz tomou um gole de chá, e principiou:

— Como o sr. conselheiro sabe, os sertões piauienses foram inteiramente varridos pela sêca. O viajante marcha, hoje, ho-

ras e horas, dias e dias, sem encontrar uma sombra, um abrigo, uma árvore em que se refugie. Pois, mesmo assim, o Mário, o parente de que lhe falo, resolveu o problema da travessia dêsse deserto sem um punhado de capim para o burro!...

— Deveras?

— Deveras? E sabe como foi? O Mário havia partido, montado num burro, de Amarração para Piracuruca, e estava já com quarenta léguas de caminho quando o milho para o animal acabou. De capim não existia nem vestígio. O sol destruíra tudo, deixando apenas uma poeira leve, que o vento carregava. Ao meu parente acudiu, então, uma idéia: abriu a mala, tirou um jornal velho, e deu-o ao burro, que o devorou sôfregamente como se fosse a gramínea mais viçosa da terra! Descoberta essa forragem, o Mário ficou mais tranquilo e regularizou as rações do quadrúpede: dava-lhe ao meio dia, como almôço, um número do *Jornal do Comércio*, e à noite, para jantar, dois exemplares da *Gazeta de Notícias*. O animal recuperou as fôrças, e até engordou com o sistema.

— E que é feito dêsse burro? — perguntei, interessado.

O dr. José Luiz tirou da garganta uma torrada que já ia engulindo, e confessou:

— Morreu!

— Com o estômago “embrulhado”?

— Não, senhor; morreu de indigestão.

É que o bicho comera, de uma só vez, o número do *Jornal do Comércio*, edição do Natal!...

AS GALINHAS MIRACULOSAS

Um dos grandes inconvenientes de certas senhoras virtuosas, é a exploração que fazem com a sua própria virtude. Há mulheres honestas, que, receando, talvez, que ninguém lhes descubra as altas qualidades morais, vivem, geralmente, a proclamá-las, chamando para estas, insistentemente, a atenção dos conhecidos, das amigas, e, sobretudo, do marido. E quando se dá com elas um fato mais evidente, um episódio demonstrativo da sua seriedade, êsse episódio vem sempre à baila, repetido insistentemente em todas as circunstâncias e lugares. Eu sei, por exemplo, de uma, que, tendo repellido há trinta anos os atrevidos galanteios de um cavalheiro intolerável, não admitiu, nunca mais, as dúvidas do espôso. Quando êste se exalta, enciumado, é infalível a réplica da senhora:

— Tu não te lembras, então, que eu tive a coragem de repelir o Moreira? Quem fez aquilo é capaz, porventura, de enganar seu marido?

Êsses heroísmos domésticos representam, às vezes, para certas damas, o papel daquelas galinhas do vigário de Mossoró, de que me dava notícia, há dias, na Avenida, o deputado rio-grandense do norte, dr. José Augusto Bezerra de Menezes.

O vigário de Mossoró, padre Bibiano, era conhecido na sua paróquia como o sujeito mais sovina do Rio Grande do Norte. A sua economia chegava a tal ponto que a Semana Santa, na sua casa, começava em Janeiro, unicamente para aumentar os dias de jejum. Um dia, porém, a cidadezinha foi alarmada com uma notícia sensacional: padre Bibiano havia comprado um jacá com doze galinhas, que pretendia comer! E era verdade: momentos depois, chegando à janela que dava para um terreno vago, ao lado da casa, o venerando sacerdote colocava à sua direita o jacá, e fazia a seguinte prédica, ao povo reunido:

— Vocês são uns avarentos, uns usurários, uns unhas de fome. É preciso que eu dê a vocês o exemplo, mostrando como se vive. Olhem: aquí estão doze galinhas, para as minhas canjas. Agora vão furtar, para ver o que lhes acontece!

E, abrindo o jacá, principiou a atirar as galinhas ao terreno, contando-as, em voz alta:

— Uma!

— Duas!

— Três!

— Quatro!

E, assim, até doze. No dia seguinte, mandou pegar uma galinha, e comeu. No outro, comeu a segunda. E, assim, comeu vinte, trinta, quarenta, considerando suas, sempre, quantas galinhas encontrava nas ruas de Mossoró.

Há gestos virtuosos, que, para certas senhoras, repetem, efetivamente, o milagre das galinhas do padre Bibiano: rendem para toda a vida, — e ainda sobra!

GINÁSTICA DE MACACO

A minha crônica de há vinte dias, se não teve outro mérito, valeu-me, pelo menos, a satisfação de receber, na manhã seguinte, em minha casa, a visita do sr. dr. José Luiz Batista, engenheiro da Central do Brasil, que me ia agradecer a fidelidade com que eu reproduzira nesta coluna o episódio, que êle me contara, do burro que comia jornal. E como aludisse aos comentários despertados pelo caso, o dr. José Luiz voltou a falar-me do seu parente, dr. Mário Batista, dizendo-me:

— E essa façanha, conselheiro, não é ainda a mais interessante ocorrida nas terras do Mário.

— Deveras?

— Deveras. O senhor não conhece a história do macaco pulador?

Eu não a conhecia e o ilustre engenheiro contou-me:

— Há uns dois anos, mais ou menos, o meu parente saiu para uma caçada, em nossa fazenda, no Piauí. Pegou da espín-

O BURACO DO TATÚ

Após quatorze anos de casado, o coronel Emiliano da Cunha, instruído súbitamente por uma carta anônima, começou a desconfiar da mulher. E não era sem motivo. A distinta senhora nutria, efetivamente, uma doida paixão pelo próprio cunhado, o Dr. Otacílio da Cunha, residente em Niterói. E como o coronel não soubesse, ao certo, de onde lhe vinha a desgraça, tomou uma deliberação enérgica, severa, definitiva:

— Isso é um desaforo! — gritou êle, dirigindo-se à espôsa. — Isto é um desaforo, uma perfídia, uma ingratidão inqualificável, e hás de pagar-me caro a tua levianidade! Vou privar-te da Avenida, do cinema, do teatro, para que entres no bom caminho!

E, como castigo, mandou-a, no dia seguinte, para a casa do seu irmão Otacílio, evitando-lhe, assim, o trabalho de vir diàriamente de Niterói...

Êsse caso, que é autêntico, e recentíssimo, fez-me lembrar uma história curiosa, que me foi contada, há tempos, em São Paulo, pelo Dr. Washington Luiz, futuro presidente do Estado. Há uns quarenta anos,

em Campinas, principiaram a aparecer em um dos quarteirões da cidade os vestígios de tatú, o qual, na sua fúria irreverente, remexia o solo, destruía os canteiros, devastava os jardins. Prejudicados pelo bicho, os moradores reuniram-se, apanharam-no, e, para melhor prazer da vingança, deliberaram submeter o tatú a julgamento.

— Deve ser comido! — gritava um.

— Deve ser queimado vivo! — impunha outro.

— Deve ser atirado a um poço! — lembrava um terceiro.

Estavam nessa discussão, quando um outro morador sugeriu:

— Eu sempre ouvi dizer que o pior castigo de um indivíduo, era enterrá-lo vivo. Por isso, eu acho que se deva dar a êsse monstro o suplício de um enterramento em vida! Enterremo-lo!

Accepta essa proposta, os interessados cavaram uma cova bem funda e enterraram nela o tatú. E êste, cujo ideal era, mesmo, um buraco no chão, e que vivia a procurá-lo todas as noites, lá se deixou ficar, satisfeito, abençoando a mão que lhe fizera a felicidade, quando supunha ministrar-lhe um castigo!

A senhora Emiliano da Cunha, não teria encontrado, efetivamente, agora, o seu buraco de tatú?

LXXVIII

AS “EMÚS”

Com a notícia, propalada pelos jornais, de que o casal de “emú” do Jardim Zoológico havia dado ao mundo, ou antes, ao proprietário do Jardim, a sua primeira geração de descendentes, milhares de pessoas abalaram-se da cidade para o parque de Vila Isabel, com o intuito de conhecer essas entidades ilustres, cujo nascimento era anunciado pela imprensa como se se tratasse do primogênito de um capitalista da praça. Eu próprio não me recusei a êsse sacrifício elegante, e fui, com o sr. Dr. Bruno Lobo e uma inteligentíssima senhora da nossa admiração, visitar a jovem parturiente.

O “emú”, segundo me informou o erudito diretor do Museu Nacional, pertence, na Austrália, seu país de origem, à notabilíssima família dos “Tashydromas cursores”, aparentada do avestruz, da cegonha, do jaburú e do deputado Lemgruber. A sua altura média é de dois metros, e é essencialmente vegetariano e frugívoro. Só em tempo de crise nos seus campos natais é que essa

pernalta, levada pela carestia da vida, recorre ao osso, à pedra, aos fragmentos de ferro e aos alimentos igualmente consistentes, constando, mesmo, que, ao atacar os homens, o “emú” só o faz para lhe comer os botões da roupa.

O mais curioso dessa ave monstruosa não consiste, porém, nessas louváveis anomalias do apetite, mas na impiedade das mães, que têm horror aos próprios filhos. Explicando-nos essa monstruosidade inacreditável, o Dr. Bruno Lobo dizia-nos, generosamente informativo:

— A reprodução entre estas aves constitue um caso único em zoologia. Em certa época do ano, a “emú” põe uns grandes ovos verdes, que vai deixando à-toa, espaçadamente, pelo campo. O espôso, que a acompanha solícito, arranja, então, um ninho, onde cria os filhos às escondidas da companheira, que procura matá-los.

— Deveras? — exclamou, interessada, a ilustre senhora que nos acompanhava.

O Dr. Bruno confirmou, e insistiu, apontando as aves:

— A senhora está vendo? Aquele que está com os filhotes é o pai; a mãe ficou separada naquele outro compartimento, e só virá para êste depois que os filhos estiverem criados.

À saída, que a nossa companheira, nervosa, precipitou, o Dr. Bruno convidou-a atencioso:

— Agora, vamos almoçar juntos, na cidade!

— Eu? — estranhou Madame — não posso, Doutor! Perdoe-me. Vou para casa, almoçar com Augusto, que ficou com os pequenos.

E tomando, rápida, o “landaulet” que nos trouxera, mandou suspender as cortinas e partiu sòzinha, verdadeiramente emú... cionada.

COSTUMES SERTANEJOS

À mesa do Hotel dos Estados, aonde fôra visitar um amigo chegado do norte, quis o acaso que eu conhecesse, para prosperidade do meu espírito, o coronel Zeferino de Oliveira Marques, riquíssimo fazendeiro em Campina Grande, no interior da Paraíba; e como o sertanejo goste, sempre, de falar do sertão e dos seus costumes patriarcais, foi êsse o assunto especial da nossa palestra durante as duas horas do almôço.

— Para o sertanejo, sr. doutor, — dizia-me êle, — a honra é tudo no mundo. O rapaz que pretende para espôsa a filha de um homem de bem, deve ter, ao lado de muita coragem, muita paciência. A maior parte dos namorados prefere, por isso, furtar a moça, apesar dos riscos, que são enormes.

E como eu lhe perguntasse que riscos eram êsses, o velho conterrâneo do sr. Dr. Epitácio explicou-me, atencioso:

— Quando um pai dá, uma noite, pela falta da filha, que é procurada aos gritos, por toda a vizinhança, reúne em casa o conselho da família para combinar a perseguição dos fugitivos. Deliberado isso, mata-se

um bode, ou um boi, põe-se tudo nos alforjes, e partem todos a cavalo, em disparada, para trazer a moça, morta ou viva. Se a fugitiva é apanhada com o raptor, êste é morto mesmo no caminho, e enterrado à margem da estrada. Quanto à moça, é trazida para a casa do pai, onde, se ainda está pura, é encerrada em um quarto, para todo o resto da vida.

— E se não está pura? — aventurei.

— Se não está, é morta a facadas, pelo próprio pai!

Com essa informação arrepiante, mas verdadeira, eu procurei mudar de conversa, passando a tratar da profilaxia rural e das moléstias que dizimam as populações sertanejas. E aludí à lesmaniose, à sífilis, à tuberculose, às endemias catalogadas no interior pelo patriotismo do sr. Dr. Belisário Pena.

— Pois, no meu sertão, — observou o coronel, — não se morre de nada disso, não, senhor.

— De que é, então, que morrem os homens da sua família? — indaguei.

— De bala!...

— E as mulheres?

— De faca!

Quando eu procurei o garfo com que comia a sobremesa, não o encontrei. Creio que o engulí.

EPISÓDIOS DE CINEMA

Um dos melhoramentos mais úteis introduzidos na arte cinematográfica, é, no meu entender, a lâmpada de Aladino com que o porteiro do “Pathé” orienta as pessoas que entram no cinema, antes dos intervalos. Aquele pequeno foco discreto, que leva os frequentadores às cadeiras vazias, evita numerosos inconvenientes, como um que eu observei, ontem, durante uma sessão do “Avenida”, onde se exhibia a “Ressurreição”, de Tolstoi.

Estava o salão às escuras, ou na penumbra, em meio à “fita” altamente moralizadora, tirada do grande romance russo, quando penetrou na sala, vagando indeciso à procura de uma cadeira, um vulto de preto. À ponta de uma fila de poltronas, outro vulto de preto o observa, e, vendo aquela senhora sem um lugar em que se sentasse, chegou-se para a cadeira contígua, cedendo-lhe aquela em que se achava. O vulto de preto que chegara aceitou o oferecimento, e agradeceu: — Obrigada, minha senhora!

E o outro vulto:

— Não há de que, minha senhora.

Minutos depois, fez-se a luz. Os dois vultos, lado a lado, ansiosos por se verem, entreolharam-se, surpreendidos, saudando-se, com o rosto vermelho:

— Boa tarde, sr. cônego!

— Boa tarde, monsenhor!

E sorrindo, com uma bondade perdoadora, separaram-se, mudando de lugar.

L X X X V I

O "MATERIAL"

O respeito à fraqueza feminina, aos direitos que as mulheres naturalmente adquiriram pela sua graça, pela sua delicadeza, pela sua encantadora sensibilidade, é matéria que não conta, infelizmente, com o aplauso de todos os homens de educação e de espírito. A mulher, por mais perversa que seja, ou nos pareça, deve sempre ter o nosso apôio, o nosso amparo, a nossa proteção atenciosa. Ninguém tem o direito de quebrar o galho da roseira simplesmente porque um espinho nos feriu o dedo ou nos rompeu a manga do paletó.

Nesse ponto, há uma divergência absoluta entre dois dos meus melhores amigos, pessoas conceituadíssimas na alta sociedade do Rio. Um dêles, engenheiro civil, é casado, e é louco pela espôsa, que já lhe deu um quarto de dúzia de filhos interessantes. O outro, advogado estudioso e distinto, adorava igualmente a mulher do engenheiro, a quem substituía com vantagem nos impedimentos legais. Certo dia, porém, ao pedir

ligação telefônica para a engenharia, a jurisprudência veio a saber, por um cruzamento de linhas, que havia um Tertius Gaudet metido entre as duas ciências, com grande prejuízo para a seriedade do caso e da casa.

Surpreso, o jovem advogado procurou uma explicação. A senhora, aflita com o seu pecado, não lhe soube dizer quem era o tal Tertius Gaudet. E começou a tragédia: o moço atirou-se à moça, desmanchando-lhe a graça dos cabelos oxigenados, rompeu-lhe o *soutien-gorge*, arranhou-lhe o colo, os braços e o rosto, acabando por atirá-la, rôta e desgrenhada, pela porta da pensão aonde ela lhe fôra dar as mais carinhosas explicações.

Ao chegar em casa, o marido naturalmente desconfiou do escândalo.

— Que é isso, Bibiana? — perguntou.

A virtuosa senhora quis mentir, mas não pôde. E o marido descobriu tudo. Descobriu, e, no auge da indignação, prorrompeu furioso:

— Miserável! Seviciar uma pobre mulher indefesa!...

E depois de uma pausa:

— Sim, façam tudo: mas, pelo amor de Deus, não me estraguem o material!

E pendurando o chapéu na cabeça, ganhou a rua...

LXXVII

A PERFÍDIA DO MANINHO

Quando o papá e a mamã saíram, ficaram, no quarto, unicamente, os dois: Lili, pequenita de cinco anos, de grandes olhos azues e cabelos castanhos cortados à inglesa, e o maninho de seis meses, que ainda se divertia no leito, a meter na boquinha cheirando a leite um dos róseos dedinhos do pé.

Sentindo-se prisioneira por ter agredido violentamente o gatinho que se criara com ela no berço, e que lhe ensinara algumas das travessuras em que se tornara mestra, sentiu Lili de repente, a necessidade de ir a alguma parte, para onde lhe haviam fechado o caminho. Que fazer naquela emergência? Olhou debaixo do leito, e não viu um recurso imediato à sua aflição. Praticar semelhante tolice no canto do quarto, mesmo que enxugasse logo, não era cousa que ficasse bem a uma menina da sua idade. Súbitamente, os seus olhos deram com o maninho, que resmungava no grande berço, nuzinho, com a barriguinha para cima, como o menino Jesús no seu presepe. Com um

sorriso luminoso nos grandes olhos brejeiros, Lili compreendeu o que lhe cabia fazer naquela situação: aproximou-se do pequenito, beijou-lhe carinhosamente, como beijava as suas bonecas, e, num esfôrço que a urgência do caso justificava, tomou-o, a custo, nos bracinhos tenros, e passou-o para a sua cama, que ficava junto. Em seguida, vermelha ainda da fôrça que fizera, subiu para o berço do maninho, onde, contente com a peraltice, satisfez o desejo que a afligia...

Terminado êsse ato, ia Lili buscar o pequenito para repô-lo no berço ensopado, afim de que êle assumisse a responsabilidade de uma feia cousa que não praticara, quando empalideceu, de súbito. É que o maninho, na sua inocência, havia feito na cama da maninha uma cousa infinitamente pior!

O beicinho da petiza, que se tomara de mêdo, pôs-se a tremer, franzido, como um botão de flôr tocado pelo vento. E Lili, sem se conter, desatou a chorar...

L X X X V I I I

SÊDA LAVÁVEL

O Dr. Altamiro da Mata Martins, chefe de secção de uma das nossas Secretarias de Estado, é a absoluta negação do homem mundano. Em matéria de modas femininas, êle sabe, apenas, que um chapéu de senhora é um chapéu, porque a dêle o traz na cabeça, e um sapato é, mesmo, um sapato, porque “madame” o enfia nos pés. A espôsa é, entretanto, elegantíssima, e usa, na Avenida, às segundas e quintas-feiras de cada semana, os vestidos mais lindos que descem para a cidade, nesses dias, nos bondes de Santa Teresa.

Uma destas manhãs, ia eu pela rua do Ouvidor, quando êsse conceituadíssimo funcionário da República, julgando-me entendido nas cousas amáveis da vida, me apanhou pela manga do jaquetão. Queria uma informação segura, para uso doméstico. E, conduzindo-me a um café das proximidades, perguntou-me, à queima-roupa:

— Que vem a ser “sêda lavável”, conselheiro?

Eu dei balanço aos meus conhecimentos no assunto, e respondi, sem rodeio:

— É sêda que se lava!

A resposta não satisfez, ao que me parece, o honrado servidor do país, que, para me orientar melhor, me contou, então, o seu caso.

— Eu sou casado — disse — com uma senhora dezoito anos mais moça do que eu, e que eu considero a mais perfeita encarnação da virtude. Há três meses, tendo de mandá-la para Caxambú, comprei-lhe um corte de uma fazenda de trinta mil réis o metro, que ela me informou ser uma espécie de “sêda lavável”. De regresso das águas, apresentou-se ela com um vestido verde. Perguntei-lhe a origem, e respondeu-me: “É aquela sêda lavável, que eu mandei tingir de verde”. Depois, a tal “sêda lavável” ficou azul; depois, escura, com quadrinhos brancos; depois, preta, com uns fios cinzentos; e vem mudando de côr, e de padrão, ainda, de quinze em quinze dias, cada vez mais bonita e mais nova!

E insistiu:

— Sêda lavável é a que se lava?

Eu afirmei que era. E é mesmo. A “sêda lavável” de certas senhoras modifica-se com as lavagens. A dificuldade está, toda, em encontrar o sabão.

L X X X I X

O “RENARD” DE DONA AUGUSTA

Eu saí, ontem, com as minhas meninas, para comprar agasalhos de inverno, especialmente dois “renards”, de que havia urgente necessidade, e fiquei alarmado com os preços que me foram pedidos.

— Quinhentos mil réis! — dizia-me um comerciante.

— Quatrocentos e oitenta! — exclamava outro.

— Quinhentos e cinquenta! — ameaçava um terceiro.

À noite, eu me queixava, em casa, dêses preços exorbitantes, quando a minha velha amiga Dona Augusta Cordeiro atalhou prevenida:

— Eu é que ando bem, Conselheiro, porque faço, eu mesma, as minhas “raposas” em casa.

— A senhora?

— Então? Quer saber, eu vi, uma vez, a Baronesa de São Felisberto com um “renard” que era uma beleza. À tarde mandei pedir para ver, e ela enviou-mo. Eu peguei,

tirei o molde em um pano grosso, fui ao quintal, arranquei as penas de sete galinhas amarelas, e grudei, uma a uma, no molde. E ficou um encanto, Conselheiro!

— Mas, a senhora já viu raposa com pena, Dona Augusta?

— Eu? Mas a raposa não come galinhas? Pois a minha comeu tantas que as penas lhe saíram no couro!

E soltando a sua gargalhada jovial, atirou, para os ombros a sua arrepiadíssima “pele de raposa”, que era, realmente, tão legítima, que até fedia a galinheiro...

OS RETRATOS

O Dr. Felicíssimo Nogueira, capitalista e advogado, é, como todos os advogados que são capitalistas, um homem jovial, doído pelas mulheres. A dêle, D. Lúcia Nogueira, é uma senhora encantadora; êle acha, porém, que as frutas da casa alheia são melhores do que as do seu quintal, e daí a sua mania, sèriamente perigosa, de pular para a chácara dos seus vizinhos. Um seu amigo, homem grave, observou-lhe uma vez:

— Felicíssimo, você anda muito tentado pelas saias...

— Eu? — atalhou o conquistador; — mas... se eu até nem gosto de ver as mulheres com saias!?...

Com êsse temperamento e êsse costume, o Dr. Felicíssimo tornou-se conhecido, não só no Rio, como aquí, em Petrópolis, onde tem palacete, como um dos maiores namoradores da geração. E tais cousas tem êle feito, quer nos passeios, com as veranistas elegantes, quer em casa, com as criadas ou com as visitas, que a formosa D. Lúcia,

tomou um dêsses dias o trem, e desceu a serra. Dois dias depois dessa viagem ao Rio, chegava ao palacete do casal um grande pacote, remetido pela fotografia Beviláqua. Eram seis dúzias de retratos da virtuosa e linda senhora, que ela mesma, com um martelo e um maço de pregos, começou a pregar pela casa. Na sala de visitas, onde já havia dois de grande tamanho, pregou seis; na sala de jantar, cinco; na copa, três; no dormitório do marido, nove; nos outros dormitórios, sete; na sala de espera, quatro; no banheiro, cinco; e num caramanchão onde madame oferece chá todas as tardes, às amigas, trinta e dois.

Quando o espôso chegou em casa e viu aquela ornamentação original, indagou, na suposição de que a mulher tivesse enlouquecido:

— Lúcia! Lúcia! que maluquice é essa? Que é isso, filha?

D. Lúcia não se espantou; chegou-se para o marido, e, ainda com o martelo na mão, bradou-lhe, sem conter a cólera:

— Sabe para que é isso? É para ver se você se lembra, ao menos em sua casa, que é um homem casado!...

E, agarrando o maço de pregos, partiu, para pregar o último retrato na cozinha.

AS ARMAS DA MORTE

A imprensa, na sua função impatriótica e deshumana de amedrontar a população, continua a gritar contra a gripe, como se se tratasse do mais perigoso dos inimigos do homem. Eu próprio me aliei aos adversários da famosa pandemia, condenando-a, caluniando-a, até que me encontrei, ontem, com o sr. Senador Lauro Müller, que me fez mudar inteiramente de opinião, prègando-me, embora, o mais terrível dos sustos.

— A gripe — explicou-me o ilustre ex-ministro do Exterior — é uma moléstia como qualquer outra; appareceu para matar gente. Você corre dela, e cai em outra, que será pior. Aí estão, para mostrar-lhe quanto ela é boa, humanitária, generosa, a horripilância da lepra, do câncer, da tabes, da tuberculose, da artério-esclerose, e de cem mil igualmente assustadoras. Você pode escapar da gripe, mas há de cair, fatalmente, na diabetes, na albuminúria, no tifo, no cólera, na bubônica, na varíola, no tétano, na epilepsia, no...

— Não continue, Senador! — supliquei.

— Está com medo? Mas a vida é isso, meu amigo; é o caminho da morte. Essa é uma visita que nos virá qualquer dia, a qualquer hora. Virá para mim, para você, para o Rodrigues Alves, para o Delfim, para o Macedo Soares, para o Rui, para o Azeredo, para o Nilo...

— Pelo amor de Deus! — gemi.

— E todos nós temos de fazer caretas, entrar em estertores, em agonia, e ser enterrados, e devorados pelos vermes, e caluniados pelos amigos, e insultados pelos inimigos, e roubados pelos testamenteiros, e esquecidos no fim de um mês, de um ano, de um decênio, de um século, de um milênio...

— Basta! Senador! basta! — gritei.

— Basta! Não, não basta, — insistiu êle. — Você deve acabar com êsse medo de morrer, para não fazer caretas mais do que os outros. Quando lhe vier a hemoptise, há de ser a falta de ar, a opressão, o frio, os tremores pelo corpo, a sensação do vácuo, entre suores gelados. Passado êsse momento, está você livre: a eternidade é sua!

O carro da Assistência que parou às cinco da tarde, ontem, em frente à casa Watson, era para mim. O Dr. Lauro, quando me viu no chão, com a síncope, transferiu-se calmamente, serenamente, para a casa fronteira, do sr. Luiz de Rezende.

ARTE DE VIVER

No trem de Petrópolis, ontem, comentava-se vivamente o artigo de um jovem jornalista, que aludira a certa classe de cavalheiros elegantes cujas espôsas luxam escandalosamente à custa de amigos do marido, e com inteiro conhecimento dêstes. As pessoas que discutiam o caso, estranhavam o desassombro do moço escritor que exagerava nas conclusões. E como eu me afastasse do lugar da palestra, o Dr. Fúlvio Farra, um dos veranistas da roda, afastou-se comigo, seguro ao meu braço, justificando com intimidade o procedimento dos esposos violentamente acusados.

— Eu não sei, sr. Conselheiro, por que se censura um marido mundano por consentir que a sua espôsa receba, sem prejuizo da sua honestidade, presentes de estranhos. Os maridos que impedem as mulheres de receber essas homenagens, são uns bárbaros, uns egoístas, e cometem com o seu catonismo uma verdadeira deshumanidade. O sr. é homem...

— Sou sim, senhor, sou... — atalhei.

— O sr. é homem, — continuou o cava-

lheiro, — e sabe que nós, os homens elegantes e casados, só gastamos dinheiro com prazer, com satisfação, com as mulheres dos outros. Um vestido para nossa própria esposa, é um sacrifício, uma tortura, uma intolerável massada; para a mulher dos outros, porém, nós fazemos tudo com desvanecimento, despendendo cinco contos com elas, quando não despenderíamos quinhentos mil réis com a nossa. Se nós gastarmos com a mulher dos outros e não consentirmos que os outros gastem com a nossa, isso não será, porventura, uma dupla barbaridade?

— Mas... — aventurei eu.

— Não conteste cousa nenhuma, sr. Conselheiro; tudo neste mundo é convenção, e as convenções, na sua maior parte, são contrárias à Natureza. É preciso que acomodemos a vida de maneira a vivermos todos satisfeitos, nós, nossas mulheres, as mulheres dos outros, e os nossos amigos. Não acha?

Nesse momento, chegamos, eu e o Dr. Fúlvio Farra, ao banco em que êle pusera as compras feitas na cidade. Entre os embrulhos, havia dois, de frutas: um pequenino, que levava para a mulher, e outro, grande, onde se lia: — “Mme. Tibério Faísca”. Em compensação, dois bancos adiante, no banco do Dr. Faísca, havia um embrulho três vezes maior, com êste enderêço: — “Mme. Fúlvio Farra — Petrópolis”.

OS EPITÁFIOS

Eu fui levar ao cemitério São João Baptista, ontem, o corpo do meu saudoso amigo comendador Felicíssimo Pinheiro, vítima, como tanta gente ilustre, da insaciável “influenza” espanhola. O comendador Felicíssimo havia adoecido no sábado, sem gravidade. A febre não subira de 38, tanto assim que, anteontem, segunda-feira, êle ainda pudera comparecer ao seu armazém, à rua Primeiro de Março; às onze horas, porém, quando o conceituado comerciante saía para o almôço, foi apanhado por um automóvel da Assistência, que lhe passou por cima do peito, e que o levou, de pronto, piedosamente, para o respectivo Pôsto, onde meu inditoso amigo falecia, pouco depois, vitimado pela epidemia da gripe.

Ao chegar ao cemitério, a verdadeira “terra de ninguém”, eu me lembrei dos conhecidos que já alí estão à minha espera, e pús-me a visitar os túmulos das pessoas amigas. De repente, recordando as misérias da vida e o repouso da morte, lembrei-me da minha afilhada Sofia, falecida há oito anos, e cuja existência foi o mais amargo dos mar-

tírios. O marido, antigo secretário de legação, era, no lar, um déspota, um tirano, uma criatura intolerável. Certo dia, indo eu visitá-los, encontrei a desventurada menina com os lindos braços manchados de equimoses, contando-me ela, então, entre lágrimas, que o espôso a esbofeteava frequentemente, e que todas as suas jóias já haviam sido vendidas para sustento da casa. . . Meses depois morria essa doce flôr de vinte primaveras, dizendo-se mesmo na vizinhança que o marido a havia envenenado. Êste, sempre estróina, morrera daí a dois meses em uma casa de jôgo, apunhalado por uma italiana ciumenta, a quem dera os vestidos da mulher. Os ossos de ambos foram, depois, reunidos em um mesmo sarcófago, adquirido, segundo me disseram, pela mãe do rapaz.

Ia eu rememorando êsses acontecimentos, quando cheguei diante do túmulo do casal. O sepulcro era simples, austero, discreto. Cobria-o uma lousa amarelada pelo tempo, na qual se lia o nome dos dois, as datas da morte, e, por baixo, estes versos de Tomaz Antônio Gonzaga:

“Quem quiser ser feliz nos seus amores
Siga os exemplos que nos deram estes”!

Eu ajoelhei-me contritamente, e rezei, em silêncio, um padre-nosso pela ventura dos mortos e um rosário, inteiro, pela hipocrisia dos vivos.

A FÓRMULA MIRACULOSA

Um dos problemas que mais tem ocupado a atenção dos estadistas franceses, é, como se sabe, a baixa cifra da natalidade, da qual resulta, implicitamente, uma redução alarmante e progressiva, da população do país. Lutando com obstáculos enormes, os casais pobres esforçam-se, naturalmente, para impedir o aumento da família, lançando mão, às vezes, até de meios criminosos. E para isso inventam remédios os mais extravagantes, em forma de pílulas, de xaropes, de fórmulas farmacêuticas de toda ordem.

Para o sertanejo brasileiro, o filho é, sempre, um presente de Deus. O homem do sertão desejaria, sem dúvida, que a família lhe ficasse apenas em oito meninos e quinze meninas; que fazer, porém, se a mulher lhe oferece um pimpolho de nove em nove meses, enchendo-lhe a casa de crianças, destinadas a perpetuar a energia e as infelicidades da raça?

Nascido e criado no interior de Minas, o coronel Salustiano Gomes arcava com di-

ficuldades invencíveis para impedir o crescimento da prole, e era disso mesmo que se queixava, um dia, no Rio, ao Dr. Zenóbio Gomes, seu primo legítimo, a quem viera visitar e que o hospedava, carinhoso, no seu palacete de Copacabana.

— Mas, por que você não toma um remédio seguro, dêsses que são fornecidos pelos médicos especialistas? — observou o carioca.

— Remédio de médico? E há remédio para essas cousas? — estranhou o mineiro.

O Dr. Zenóbio sorriu, e resolveu instruir a respeito o seu ingênuo parente de Santana da Mata do Bode:

— Se há remédio para isso? — É cousa sabida. Você não reparou que eu e a Lucí não temos filhos? Para isso nós temos apenas uma receita prestigiosa, que usamos antes de dormir, e de que você pode levar a cópia para Minas, quando voltar.

— E como é a receita? — indagou o mineiro, pedindo a fórmula miraculosa.

O Dr. Zenóbio gritou para o interior da casa, à arrumadeira:

— Maria!

— Senhor?

— Traz uma caixinha redonda que está em meu quarto de dormir, na mesa de cabeceira.

Um instante depois volta a rapariga:

— Não achei, não, senhor.

— Não a achaste?

E a arrumadeira:

— Madame foi passar o dia fora, e levou-a na bolsa, quando saiu...

E foi uma felicidade êsse incidente. Porque, se o coronel Salustiano tem levado o remédio, a população de Minas estaria, hoje, reduzida... ao dôbro!

FILANTROPIA ELEGANTE

Alguns jornais, ou melhor, alguns jornalistas, costumam fazer censuras à alta sociedade carioca, dizendo-a descaridosa e egoísta. Segundo êsses censores, a caridade cristã só se manifesta entre nós ou por interesse, ou por vaidade. E apontam, então, como prova, os movimentos generosos em favor dos órfãos da Mandchúria e em proveito das vítimas da inundação do rio Xuruáuytiock, no Afganistã, quando há, em nosso próprio país, milhares de pessoas morrendo à fome.

Essas observações, como se pode imaginar, são puramente graciosas. As nossas patrícias das altas rodas sociais possuem, todas, um coração compadecido, uma noção perfeita, exata, completa, das necessidades da pobreza, ao lado de um desejo enorme, e sincero, de remediá-las. É possível, mesmo, que, se a direção do país estivesse nas mãos das mulheres, e não nas dos homens, não houvesse mais famintos no Ceará nem milhares de brasileiros sem teto nas sertanias devastadas pelas inundações.

Dêsse interêsse carinhoso, eu tive a demonstração, um dêstes dias, no Clube dos Diários, na festa em benefício dos flagelados do norte, promovida pelo Centro Acadêmico Nacionalista. Em uma das mesas melhor guarnecidas, estávamos eu, o sr. deputado Ildefonso Albano e a sra. Baronesa do Andaraí, tão conhecida em todo o Brasil pelos seus atos filantrópicos. Em palestra animada, conversávamos sôbre os indigentes da Guiné e sôbre umas crianças que perderam o pai e a mãe, e estão sem recursos no oasis de Sidalá, no Saara, quando, casualmente, nos veio à lembrança e à conversa, também, a sêca do Ceará.

— É certo, mesmo, doutor, que há gente morrendo de fome no seu Estado?

— É, minha senhora, é certo — informou o Dr. Albano; — e não só de fome como de sêde; a falta d'água é absoluta.

— Que horror! — gemeu a piedosa senhora, juntando as mãos faiscentes de anéis; — que horror! E que é preciso para que isso acabe, doutor?

— Água, sra. Baronesa, água, simplesmente!

— E por que o govêrno não toma essa providência, levando água àquela gente?

— Porque é difícil, — continuou o illustre informante, — é muito difícil; os rios,

lá, ficam todos sêcos, e os grandes rios dos outros Estados ficam muito longe.

A baronesa enfiou na face branca o indicador da mão esquerda, meditou alguns minutos, procurando solução para tanto infortúnio, até que, afinal, o encontrou:

— E água mineral, doutor; por que o govêrno não manda água mineral para matar a sêde daqueles infelizes?

E, unindo a ação ao pensamento, pôs à disposição do Dr. Albano, para que as envie aos flagelados do Ceará, seis garrafinhas de Caxambú...

X C V I

OS CONGRESSOS

Na minha visita de cumprimentos, há dias, ao Exmo. Sr. Dr. Nilo Peçanha, que completava anos, vim a saber, por um dos seus auxiliares imediatos, que estão em andamento as combinações para reunião, aquí, de diversos congressos científicos. O primeiro será de médicos sul-americanos; o segundo, de pegadores de canários; o terceiro, de fabricantes de gaiolas; o quarto, de bilheteiros de cinema; o quinto, de vendedores de amendoim. Os delegados estrangeiros, mandados a todos êles, irão hospedar-se no palácio Guanabara, onde receberão as homenagens dos seus colegas nacionais.

O amigo que me deu êsse informe, perguntou, atencioso, a minha opinião de colega mais velho; e foi com espanto que êle me ouviu protestar contra êsse tumulto de assembleias cosmopolitas, que nos trazem, geralmente, incalculáveis prejuizos morais.

— Será possível? — estranhou o meu amigo.

Um diplomata sul-americano que se

achava presente veio, porém, em meu socorro:

— O sr. tem razão, sr. ministro, o senhor tem razão. O que se deu em meu país está se dando, agora, no seu. Olhe, por exemplo, o caso do Dr. Carlos Chagas, descobridor da moléstia a que deram seu nome. O Dr. Chagas, segundo li nos jornais, havia se oferecido para ir na missão médica destinada ao “front”. De repente, foi chamado para seguir, e não pôde: que estava aí, à porta, um Congresso Médico, que deve reunir-se em 1922!

Nesse momento, passava por nós o Dr. Chagas, levando entre o polegar e o indicador as asas de um inseto. E como nos visse a olhá-lo com interêsse, explicou, franzindo a testa:

— É um “barbeiro”, legítimo!
E afastou-se, levando o grilo.

X C V I I

O SENADOR AZEREDO NO CÉU

Os jornais contaram, um dêstes dias, em uma informação política um pouco exagerada, que o sr. senador Antônio Azeredo foi êste mês a São Paulo unicamente para jogar uma partida de “poker”. A notícia motivou comentários escandalosos, havendo, mesmo, quem indagasse, admirado:

— O Azeredo gosta, assim, do “poker”?

Essa pergunta, feita no trem que subia, sábado à tarde, para Petrópolis, causou hilaridade, dando ensejo a que o sr. Dr. Luiz Soares indagasse do ingênuo:

— Você não sabe, então, o caso do Azeredo?

O Dr. Santos Lobo virou o banco para ouvir a história, e o Dr. Soares contou:

“— Quando o Azeredo morreu a primeira vez, foi levado à porta do céu, para exame dos seus pecados e das suas boas obras. Na balança em que lhe iam ser pesadas as faltas, foram encontradas milhares delas, cada qual mais grave, mais séria, mais comprometedora. Em compensação, porém,

apareceram do outro lado as esmolas que êle havia distribuído, as injúrias que havia perdoado, e estas eram de tal quantidade que São Pedro não teve remédio senão abrir-lhe a porta do céu, ordenando:

— Entre!

O Azeredo entrou e pôs-se a passear pelo Paraíso, com as mãos para as costas, olhando os anjos, os serafins, as virgens, os santos, os bem-aventurados, enfim, que haviam feito jus àquele repouso pelas suas virtudes neste mundo. Ao terceiro dia, fatigado daquela vida monótona, dirigiu-se o nosso Senador a S. Pedro, e pediu:

— Ó amigo, não há por aí uma distração, um divertimento para os camaradas?

— Divertimento? Tem, sim, — acudiu o santo cofiando a barba venerável; — você pode cantar, tocar a sua harpa, colher flôres na campina, ouvir o côro dos serafins...

— Não é isso, — atalhou o novo bem-aventurado, sorrindo. — Eu pergunto é se não há por aí um joguinho, um “pokerzinho”, para distrair...

— Jôgo, aquí? — trovejou o chaveiro do céu. Você está maluco? Isto só no Inferno. Suma-se da minha vista!

Dois dias depois, inconsolável, o Azeredo voltou à presença do santo, e tanto chorou, tanto pediu, tanto rogou, que o após-

tolo, comovido, resolveu fazer-lhe uma concessão.

— Olhe, meu filho, em atenção às suas boas obras no mundo, eu vou dar-lhe permissão para ir ao Inferno assistir a uma noite de jôgo. Mas é só para “aperuar”, já ouviu? Você leva uma passagem de ida, e outra de volta. Amanhã esteja aqui, sem falta.

O nosso patrício parafusou, contente, as asas, meteu as passagens entre as penas, e, atravessando o espaço, onde o anjo Gabriel lhe exigiu o primeiro bilhete de trânsito, bateu à porta do Inferno.

O portão formidável, pintado de vermelho e negro, rangeu soturnamente nos gonzos poderosos, e um vulto escuro apareceu, enorme, soltando faíscas pelos olhos. Era o Diabo.

— Vim ver um “pokerzinho” com vocês, — responde o Azeredo, disfarçando os tremores da voz.

— Traz dinheiro? — indaga o monstro.

— Dinheiro? não, não tenho...

— Então, se não traz dinheiro, que é que vem fazer aqui? — berrou o Diabo, fechando-lhe a porta no nariz, com estrondo.

O nosso amigo, envergonhado, moveu as suas grandes asas celestes, deu duas voltas pelo firmamento, e, minutos depois, batia, de novo, à porta do Inferno.

— Que é que quer? — trovejou o Diabo, perdendo a paciência.

— Jogar “poker”!

— Traz dinheiro?

— Trago! — afirmou, arrogante, mostrando um punhado de moedas, e enveredando pelo Inferno a dentro.

— O Azeredo — terminava o Dr. Luiz Soares, — havia vendido a passagem de volta...”

XCVIII

O ARCO DE ULISSES

— “Traído por Palamedes, discípulo de Chiron e filho de Náuplio, partiu Ulisses para Tróia, sob cujos muros devia operar os milagres de bravura, de coragem e de prudência, que despertavam o despeito de Ajax e deviam acordar, mais tarde, o sonoro entusiasmo de Homero.

Durante a sua ausência, Penélope, sua espôsa e rainha de Itaca, travava no seu reino, fortalecida pelo pequeno Telêmaco, a infatigável campanha da virtude, resistindo às tentativas de sedução, teimosas, constantes, insistentes, dos amigos do marido.

— Ele já morreu — assegurava-lhe um, arrepanhando a púrpura da túnica.

— E se não morreu, esqueceu-a... — confirmava outro.

Assediada pelos pretendentes, Penélope recorria aos processos mais inteligentes para retardar uma resposta decisiva.

— Esperai, — dizia — esperai mais. Eu jurei aos deuses que só daria um substituto a Ulisses no dia em que terminar o véu

em que devo envolver, na morte, o corpo de seu pai.

E mostrava aos príncipes ansiosos e aflitos um grande véu preso ao tear, no qual as suas mãos trançavam os fios durante o dia, para desfazê-los à noite, de modo a ter o trabalho eternamente recomeçado.

Ao fim de três anos, passou a rainha a apelar para outros artifícios protelatórios. E como não faltasse nenhum mais ao engenho da sua saúde, propôs:

— A minha mão pertencerá àquele de vós, ó príncipes, que distender o arco de Ulisses. Era com facilidade que êle o manejava, abrindo-o e fechando-o à vontade, com a fôrça dos seus músculos e a resistênciã da sua flecha.

Os candidatos precipitaram-se. O primeiro encaixou a flecha, mas o arco não abriu. A flecha do segundo estalou, partindo-se inglôriamente. A do terceiro vergou, entre os sorrisos da côrte, que assistia, interessada, à intransigência daquela arma, em que ninguém havia pôsto a mão desde que o dono partira...

E como o arco de Ulisses não cedera, o guerreiro teve a ventura de, ao fim de vinte anos, encontrar a formosa Penélope tão pura, e tão fiel ao seu amor, como a deixara ao partir para Tróia..."

O desembargador Otaviano Moreira havia acabado de ler êsse pequeno resumo da “Odisséia”, quando o seu velho camarada, o comendador Emiliano, desatou a rir sacudidamente, com a sua risada característica, miúda, encabulante, em que predominava uma das cinco vogais:

— Êh! êh! êh! êh! êh!...

— De que acha graça, comendador? — interpelou, intrigada, uma das senhoras.

E êle:

— Do arco, D. Matilde, do arco! Hoje não há mais dessas madeiras sólidas, fortes, resistentes. Os arcos, hoje, são feitos de pinho, de cedro, de madeira que dá bicho...

E continuou, malicioso:

— Êh! êh! êh! êh! êh! êh! êh!...

X C I X

OS NOVOS LARES

A educação dos rapazes ressentem-se, em nossos dias, de grandes e lamentáveis inconvenientes. Afastados do convívio dos pais ainda na infância, o homem de hoje entra na vida sem conhecer, quasi, o que são os encantos da família. E o resultado é o receio que tem, depois, de constituir a sua casa, o seu lar, pela ignorância quasi completa do ambiente doméstico. Educado em colégios internos, e, geralmente, em país estrangeiro, o moço brasileiro acaba ficando egoísta e daí o número sempre crescente dos celibatários, dos que entram na velhice como os leões penetram no Deserto.

Da nocividade dessa educação moderna, é prova o susto, o receio, o temor com que o Dr. Filipe Moreira, tão conhecido nos círculos esportivos do Rio de Janeiro, encarava e encara, ainda hoje, o problema do casamento. Diplomado nos Estados Unidos, onde se formou em engenharia, êsse jovem brasileiro desejava casar-se, constituir família,

mas temia, por falta de hábito, não se acostumar, depois, em uma casa tranquila, onde morassem poucas pessoas. E se, depois, êle estranhasse o meio, e se arrependesse? Não seria isso a desgraça de duas criaturas, que podiam ter ficado cada uma com o seu destino, isoladamente? Meditava êle muito acertadamente sôbre essas cousas, quando se encontrou, um dia, com o Dr. Marcondes Ferraz, diretor do Fluminense Futebol Clube, a quem relatou as suas preocupações, os seus pavores, os seus cuidados. O Dr. Marcondes ouviu-o, e deu o seu parecer:

— Mas, por que não experimentas um lar provisório? Aluga um prédio, põe uma criada que tome conta do que é teu, e, se te deres bem com a vida assim organizada, casa-te, arranjan-do a dona da casa.

O Dr. Filipe achou genial a lembrança, e desapareceu. Um dêstes dias, íamos pela rua Guanabara, eu e o Dr. Marcondes, quando o encontramos de novo.

— Então, montaste a casa? — indagou o meu companheiro.

— Montei, sim.

— Puseste a criada?

— Pús.

— E já te casaste?

O Dr. Filipe sorriu e explicou:

— Qual meu velho! Queres saber? enquanto houver criadas para alugar, ninguém se casa no Brasil!...

E despedindo-se de nós, entrou numa quitanda da rua das Laranjeiras, aonde a criada o mandara comprar bananas para o almoço.

C

OS INCONVENIENTES DO LENÇO

A primeira casa de artigos para homens que abriu as portas depois da epidemia intensa, vendeu, segundo me assegurou o gerente, cento e quatorze dúzias de lenços. A procura dêsse quadrilátero de pano se tornou tão séria como a luta pela alimentação. Disputava-se um lenço, como se se tratasse de uma perna de galinha da panela pública do sr. ministro Carlos Maximiliano.

E, no entanto, o lenço não é artigo de primeira necessidade, nem teve preço estabelecido na tabela do Commissariado. As razões que me deu na Praia Formosa o sr. Dr. Leopoldo de Bulhões, foram, por isso, na minha opinião, as mais aceitáveis e judiciosas.

— O lenço — explicou-me o ilustre e antigo representante de Goiaz — é uma das modas mais nocivas que possuímos, e das que tem maior responsabilidade na propagação da gripe. Não fosse êle, e a moléstia não se teria desenvolvido tanto, nem seria tão duradoura nos indivíduos atacados.

Eu arregalei os olhos, e o sr. Dr. Bulhões continuou:

— Não se espante, não. A influenza é uma criação do lenço, como eu próprio ob-

servei em Goiaz. Lá ninguém tem gripe, nem defluxo de qualidade nenhuma, porque o povo não tem tanto luxo. Aquí, quando o indivíduo apanha uma constipação, a primeira cousa que faz é arranjar um lenço para assoar-se. Assoa-se e guarda o lenço com os micróbios no bolso, para, depois, esfregar os micróbios outra vez no nariz. E, assim, custa a restabelecer-se.

— E o caboclo? — indaguei, interessado.

— O caboclo, é mais prático, mais prudente. Em vez de tratar o micróbio com essas atenções, embrulhando-o em linho ou sêda para dar-lhe macia cama na algibeira, assoa-se com o polegar, e o indicador da mão direita, e — léche — ataca com o fluxo nasal na parede, ou no chão, com toda a fôrça. Com a queda, o micróbio morre, evitando-se, por êsse modo, a propagação da moléstia pela disseminação dos germes.

— Mas o senhor tem lenços; eu já o vi com um...

— Tenho, sim — atalhou o Dr. Bulhões — mas é para isto...

E metendo a mão no bolso da calça, tirou um lenço, desatou-lhe um nó que havia na ponta, retirou daí para o bolso do colête uma cédula de quinhentos mil réis, e, tranquilamente, amarrou-o ao pescoço para não constipar.

O "FLAMBOYANT"

Da varanda de Mme. Ernesto Moreira, à praia de Botafogo, olhávamos, depois do jantar, um "flamboyant" florido e alto, que oferecia a copa vermelha aos ventos salitrosos do mar, quando a linda senhora, com o rosto de neve pousado suavemente na sua mão de marfim cinzelado, observou, estendendo o braço de estátua:

— É a árvore da tortura, conselheiro. Quando eu a vejo, assim, nestes crepúsculos dolorosos, tenho, não sei por que, uma doida vontade de rebentar em soluços.

O Dr. Fernandes Aires, que se aproximava acendendo um charuto caro, interrompeu-a:

— A senhora conhece, porventura, a lenda do "flamboyant"?

Dona Heloísa respondeu negativamente, e o velho médico, repousando os olhos no perfil cinzento das montanhas distantes, começou a contar:

— Certa vez, num país situado muito longe do nosso, apareceu, dominando a ter-

ra, um gigante de músculos poderosos, que possuía como espôsa a princesa mais formosa do seu tempo. A moça odiava o monstro, e preferia oscular a pedra dos outeiros a receber na bôca de rosa o insulto luxurioso do seu beijo. Uma tarde, andava a princesa a passear a sua desventura pelas vizinhanças do castelo, cujas tôrres eram tão altas como os montes, quando viu um caçador, príncipe da sua raça, que vagava perdido. Olharam-se; amaram-se; entenderam-se. E dentro em pouco era a floresta abalada pelos brados do gigante traído, que corria em todas as direções, repetindo, entre soluços estrangulados, o doce nome da fugitiva! A princesa e o caçador ainda não estavam, entretanto, a salvo do monstro. Sentindo-se perseguidos, enconderam-se no tronco de uma árvore de fôlhas miúdas e recortadas, até que o Polifemo passou, conseguindo, assim, cautelosamente, escapar à cólera bravia daquele espôso desesperado. Quando o gigante voltou sôbre os próprios passos, descobriu, à sombra da fronde generosa, os vestígios dos fugitivos. E adivinhando a cumplicidade da árvore, arrancou-a pela raiz, e apertou-a, rangindo os dentes, na palma da mão formidável. Comprimido o tronco pelas tenazes brutais daqueles dedos, as fôlhas desprenderam-se dos ramos, espalhando-se ao vento. E quando não havia mais fôlhas, a ár-

vore, apertada, cada vez mais, pela base, principiou a sangrar. De cada ramo, de cada extremidade dos galhos, porejava uma gota de sangue; e em breve o pobre arvoredado, atirado ao solo, não era mais, no tapête verde da floresta, do que uma grande mancha de sangue, pedindo vingança contra o bárbaro!

E após uma pausa:

— Desde êsse tempo, os “flamboyants”, comemorando o seu martírio, se cobrem de sangue, em novembro...

A estas palavras finais, Mme. Ernesto Moreira levantou-se docemente na sombra, comentando a lenda imaginada pelo Dr. Fernandes Aires com a última frase de Prud'homme, no “Vase brisé”:

— Há corações assim...

A noite baixava, suave e triste, sôbre as montanhas e sôbre o mar...

“BOITATÁ”

Uma das lendas mais interessantes do sul do Brasil é, talvez, a do “boitatá”. O “boitatá” é constituído por duas línguas de fogo, que aparecem, correndo uma para outra, sôbre o telhado das casas em que se deram certos pecados da carne, principalmente entre compadre e comadre. Transformadas em duas chamas inquietas, as almas dos pecadores dêsse gênero saem à noite pela terra, unindo-se no teto que lhes presenciou à falta imperdoável; e isso é tão infalível, tão certo, que as populações sertanejas conhecem, uma a uma, as casas que tiveram cumplicidade nesses delitos.

Era sôbre essa superstição que conversávamos, um dêstes dias, eu e D. Alice, na sala de jantar do Dr. Epaminondas Ferreira, que se achava ausente, quando a distinta senhora, com seu sorriso de Gioconda resignada, se voltou para mim, perguntando:

— O senhor acredita nestas cousas, conselheiro?

Eu fiz um movimento de ombros, signi-

ficativo da minha indiferença por semelhantes abusões, e D. Alice atalhou:

— Pois, olhe: eu creio. E acredito em tudo isso, porque, na terra em que eu nascí, e para onde Epaminondas seguiu na quinta-feira, todos acreditam, e com o maior fundamento. Nessa fazenda, que é nossa, a seis léguas de Uberaba, nunca o “boitató” appareceu sôbre uma casa que não se verificasse, depois, ter havido aí um dêsses crimes.

— É curioso! — exclamei. — E gostaria mesmo, de ver, para acreditar.

— Por que não vai à nossa fazenda, quando estivermos lá? — convidou-me Dona Alice.

E insistiu:

— A casa é muito grande, muito boa, e está quasi vazia. A única pessoa que mora lá, é a comadre Matilde, mulher do nosso vaqueiro.

Nesse momento sôa a campainha do portão. Era um telegrama urgente, do Dr. Epaminondas. Dona Alice abriu-o, e empalideceu.

A casa da fazenda havia pegado fogo!

TINTURA-MÃE

De que a “influenza” é moléstia de gente forte, e moça, eu sou a mais eloquente das provas: atravessei, até agora, a epidemia, com a saúde mais lisonjeira, com o desespero, embora, de ver tombar os meus amigos mais estremecidos e diletos; e é meu intuito vencer o resto do caminho, tomando as indispensáveis precauções para não tropeçar, de súbito, nos milhares de covas que ainda se acham sem dono.

No meio das agonias gerais, uma cousa, entretanto, me afligia, mais que as outras: a impotência da medicina, patenteada a meus olhos, diàriamente, pelos carretões que passavam trepidando, no rumo dos cemitérios. Eram tantos os enfermos para os hospitais, que era para mim um espanto, quando, de manhã, ao acordar, eu não me via nem na Pró-Matre, rodeado de médicos, nem na capela de São João Batista, rodeado de círios!... E como não quisesse acreditar na graça que Deus me concedia, fechava os olhos, e dormia de novo.

Na minha rua, que é longa, foram experimentadas todas as receitas aparecidas aquí e na Europa. E como, além da minha casa, apenas duas outras não perderam pessoas da família ou da criadagem, pegaram-se os dois respectivos chefes, ontem, em discussão, atribuindo o milagre, um, ao gelsemium de 1.^a e outro ao quinino do Dr. Carlos Chagas. Eu chegava na ocasião, e ainda ouvi os remanescentes da briga.

— Não há como o quinino! — afirmava um.

— Qual quinino, qual nada! — gritava o outro; — e aí estão os milhares de indivíduos que morreram com essa medicação.

— Eu tomei quinino e não morri!

— Eu também não tomei o seu quinino e estou vivo!

— Seja! mas, o certo é que, nas casas em que se fez uso da homeopatia não falta, hoje, ninguém!

O outro sorriu, e atalhou:

— Então, o quinino é melhor!

O homeopata arregalou os olhos, e êle informou:

— Sim; na sua casa não falta ninguém e na minha, depois da epidemia, tem demais: a pretinha da família, a Inácia, tomou quinino, e... teve um filho!

O homem do gelsemium não retrucou, e, dando-se por satisfeito, pediu um copo com água, pingando dentro uma gota para a pretinha do vizinho. E explicou, sem malícia:

— É ignatia, tintura-mãe...

A MISÉRIA EM COPACABANA

A viúva Dona Jurací Cordeiro, residente em Copacabana, é uma das senhoras mais piedosas do seu bairro. Todos os anos, na data da morte do marido, o saudoso médico Dr. Filomeno Cordeiro, ela envia cinco mil réis aos pobres do “Jornal do Comércio”, e não vem à cidade sem duas moedas de tostão para atirar, de luvas, aos aleijados do canto do Passeio Público.

Declarada a epidemia da gripe, Dona Jurací deixou que o mal abrandasse um pouco, e aderiu à Comissão de Socorro da paróquia, saindo, de lar em lar, acompanhada de um acadêmico de Direito, a distribuir embrulhos de arroz aos enfermos. E era dessa incumbência piedosa que a viúva Cordeiro me dava conta, ontem, à porta da casa Bazin, na Avenida.

— O senhor não imagina, conselheiro, o que é a miséria em Copacabana! É de cortar o coração! O senhor devia dar um passeio por lá, para descrever aqueles horrores!

Eu me desculpei com a minha idade, com as minhas pernas, e com a circunstân-

cia de ainda não ter sido atacado pela moléstia, pedindo-lhe, por isso, que me contasse o caso que mais a impressionara. Dona Jurací aquiesceu, e narrou-me esta cousa inacreditável:

— Olhe, na ladeira do Barroso, quasi por cima do túnel, tem um casebre, onde me disseram haver uma doente necessitada. Eu convidei o Dr. Maldonado, e fomos. Era uma subida íngreme, lamacenta, pegajosa, que sujava até os sapatos da gente. Chegando ao casebre, encontramos no chão imundo uma pobre mulher que morria sufocada, e que era assistida por outra, igualmente com febre. Vendo-a sem fôlego, eu gritei para a sua companheira, que estava melhor: “Dê-me um leque! um leque! um leque! depressa!”. E, imagine, não havia um leque, ao menos uma ventarola, em uma casa com duas mulheres!

— Que horror! — exclamei.

E despedi-me, horrorizado com o estado da miséria a que chegou, realmente, o bairro de Copacabana...

AS MENTIRAS DA HISTÓRIA

À rua Moura Brasil, nas Laranjeiras, mora, há muitos anos, em casebre mais do que miserável, um antigo servidor da pátria, que vai, às vezes, conversar com o meu jardineiro. É um preto alto, magro, de uns sessenta anos de idade, e que teve a honra de ser ordenança do marechal Deodoro da Fonseca, na manhã histórica de 15 de novembro de 1889, quando êste proclamou a República no Campo da Aclamação.

Francisco Vitorino Soares, é êsse o nome do velho soldado, — vive frequentemente indignado com as injustiças da História. Acha êle que a tradição que possuímos da implantação do novo regime não passa de um amontoado de mentiras repugnantes, e que Benjamin Constant e Deodoro, deviam utilizar o espiritismo para restabelecer êsse ponto do nosso passado político. E de tudo, o que mais o irrita, obrigando-o a desenferujar o espadagão de antigo soldado de cavalaria, é, segundo me afirmou, um quadro, ou escultura, do professor Bernardeli, em

que o generalíssimo aparece espigado, meio erguido na sela, firmado airosamente nos estribos, gritando ao Exército do alto de um ginete indomável, de patas inquietas e crina esvoaçante. Falando dêsse quadro, ou escultura, que conhece por uma reprodução de jornal, Francisco Vitorino empertiga-se, e protesta, furioso, como irreduzível apóstolo da verdade:

— É uma mentira, “seu” doutor! Êsse carcamano nunca viu “seu” general Deodoro nem o cavalo dêle! Se êle visse, não pintava o que pintou. Quando “seu” general saiu da casa dêle, na praça, estava que nem podia andar. Tinha passado toda a noite gemendo, e com falta de fôlego, que fazia dó. E o cavalo que eu fui buscar para êle, a mandado de “seu” capitão Benjamin, ainda estava pior. Era um bichinho manso que nem um carneiro, e que além de tudo tinha sido sangrado na véspera. Quando “seu” general falou, quasi ninguém ouvia a voz dêle, de doente que estava, e o cavalo, êsse, então, estava tão murcho que “seu” capitão Benjamin, de vez em quando, dava na cabeça dêle com o rebenque, para o bicho não meter o focinho na areia. E a verdade é que o pobre animal, que se chamava “Andorinha”, morreu quatro dias depois, no quartel onde hoje está o 52.º, sem tirar o retrato, nem nada!

E limpando uma lágrima curta, que sempre parece ser a última dos seus olhos e da sua vida, Francisco Vitorino Soares protesta, ainda uma vez:

— É mentira, “seu” doutor; é mentira daquele carcamano...

OS "INOFENSIVOS"

O último filme em que figurou êste ano o histerismo da sra. Lidia Boreli — a "fita" "Carnavalesca", — tem um ato interessantíssimo, em que passam aos pulos, em um baile à fantasia, os chamados homens "inofensivos". São umas criaturas morigeradas e de bom coração, indivíduos de gênio brando, que se deixam governar passivamente pelas espôsas, as quais, na sua ironia maldosa, ainda lhes fornecem armas, para que se defendam.

O Dr. Salomão Cardoso, engenheiro agrônomo dos mais ilustres que possuímos, teve a desgraça, que êle considera felicidade, de tirar como prêmio na loteria (ou jôgo do "bicho"), do casamento, uma espôsa voluntariosa, que fazia o possível, e o impossível, para irritá-lo. Almoços fora de horas, camisas sem botões, dormitórios em desordem, passeios inexplicáveis, tudo a distinta senhora inventava para que o marido um dia se aborrecesse. Êle olhava, porém, tudo aquilo bondosamente, complacientemente, e

de tal modo que a virtuosa dama resolveu, afinal, pregar-lhe a partida definitiva.

Mme. Salomão possuía entre as suas relações mais íntimas, a do Dr. Florismundo Moraes, médico solteiro e moço, que residia em uma pensão da rua Correia Dutra. E foi a êle que, dessa vez, recorreu, indo procurá-lo, ao anoitecer, dizendo-lhe:

— Sabe? Eu venho pedir-lhe agasalho por uma noite!

— Aquí nesta sala? — observou o moço.

A senhora insistiu, rogou, implorou, e, na manhã seguinte, após uma noite fora de casa, regressou ao lar, disposta a fazer um escândalo que a separasse definitivamente do marido. Ao vê-la chegar, o infeliz interpelou-a, aflito:

— Augusta, que foi isso? onde passaste a noite, minha filha?

A moça, prevendo a cena violenta, que tanto desejava, respondeu-lhe, brutal:

— Onde passei a noite? Passei-a na pensão do Dr. Florismundo! Está ciente?

O Dr. Salomão abandonou-se em uma cadeira, respirando com fôrça. E quando a mulher o supunha no auge da indignação, pronto a saltar-lhe em cima, para a estrangular, viu-o, apenas, levantar-se e gemer, consolado:

— Arre! Enfim, me tranquilizaste. Tu não calculas como eu passei a noite, imagi-

nando que podias estar na rua, exposta ao relento!...

E como estivesse com sono, fatigado com a vigília da véspera, atirou-se na cama e dormiu serenamente, tranquilamente, roncando alto...

F L I R T

Eu não sei, na minha vida, de noivos que tanto se quisessem. À tarde, quando o sol se recolhia ao seu ninho das montanhas, lá estava ela no Flamengo, a olhar as águas misteriosas e verdes, que traziam a côr e o mistério dos seus olhos. Êle, um pouco mais velho, vinha de longe: vinha de Ipanema, onde a espôsa o despedia todas as manhãs com dois beijos, em que punha todo o calor do seu afeto e todo o encanto da sua virtude.

Casado embora, o Dr. Epaminondas Vieira não se considerava impedido de namorar e namorava. As palavras de um padre e de um pretor seriam suficientes, porventura, para neutralizar os ímpetos de um coração?

Um dêstes dias, saía êle da casa quando a mulher o deteve:

— Epaminondas, por que não usas mais a tua “aliança”?

Êle desculpou-se como lhe foi possível, e acabou acedendo: enfiou o anel no dedo e desceu para a cidade, caminho do consultório.

À tarde estava o moço no Flamengo, com ares de solteiro, ao lado daquela pequenina sereia de olhos verdes. E conversava, já, há meia hora, quando, de repente, a moça lhe descobre o anel simbólico, que êle esquecera de esconder no bolso, e exclama, num grito:

— Você é casado?

O Dr. Epaminondas estremeceu. Recobrada, porém, a serenidade, retirou a “aliança”:

— Êste anel — disse, — eu o guardava para selar o nosso noivado. Ê teu.

E tomando-lhe da mão pequenina, feita de marfim e rosa, enfiou-lhe o anel no dedo anular, delicado e alvo como um pequeno caule de lírio.

Ela, por seu turno, abriu a bolsinha de prata, e tirou outra “aliança”:

— Ê tua! — suspirou.

Em Ipanema e Laranjeiras, os filhos de um e de outro choravam, assustados com a noite, que descia...

CVIII

IN EXTREMIS

Quando eu conheci o comendador Vitorino Pedreira, era êle ainda rapazola dos seus vinte ou vinte e dois anos. Magro, alto, de uma palidez romântica, poucos homens cativavam tanto à primeira vista. Seus olhos negros e ternos, quando êle os volvia docemente para alguêm, tinham tamanho feitiço, tamanho encanto, que a gente sentia desejo de pegar-lhe as mãos finas e longas e beijá-las comovidamente, como as de um santo ou de uma senhora. Vivia constantemente entre as damas, discutindo modas e confeccionando bordados. E de tal maneira se afez às companhias femininas, que a sua voz adquiriu uma tonalidade meiga, suave, macia, difícilmente notada entre as das senhoras mais carinhosas.

Essa inclinação do comendador Pedreira não obstou, entretanto, que êle acumulasse uma fortuna respeitável. Possuindo muitos amigos, principalmente entre os solteiros do seu tempo, não era raro ver-se entre êles um que o deixava como herdeiro univer-

sal, em homenagem às suas virtudes públicas e particulares. Um banqueiro americano deixou-lhe, de uma feita, cinquenta mil dólares, e um outro, que foi seu companheiro de quarto em um hotel de Caxambú, uma dezena de prédios valiosos, que lhe davam, na média, dois contos e quinhentos por mês. Na sorte e nos hábitos, êle foi, mesmo, o precursor do almofadismo indígena, que devia exercer, quarenta anos mais tarde, um papel tão saliente na história da nossa evolução social.

Um destes dias, eu fui surpreendido com uma notícia dolorosa: o comendador Pedreira estava para morrer, e queria redigir, com o meu testemunho e de outros amigos, as suas disposições testamentárias! Corrí ao seu palacete em Ipanema, bafejado pelo vento fresco do oceano, e o encontrei, efetivamente, na sua grande cama de casal, em que dormira, solteiro, com o seu camisão de renda, os seus últimos quarenta anos de vida.

— Que é isso, Vitorino? — bradei, reanimando-o.

Êle apalpou o fígado congestionado, e gemeu, chorando:

— É aquí, meu bem; tenho sofrido muito!

Minutos depois, com a presença de três ou quatro íntimos do futuro defunto, o sr.

tabelião Torquato Moreira, começava a escrever o testamento do meu amigo, que o ditava, com uma serenidade comovedora. Em certo ponto, porém, o enfêrmo ordenou:

— Quero que, passados sete anos, os meus ossos sejam desenterrados, e utilizados na indústria nacional.

— Em que? — indagou o tabelião, suspendendo a pena, desejoso de esclarecer essa explicação.

E o enfêrmo, desmaiando:

— Em varetas de leque...

Eu procurei, ainda, refrescá-lo, abanando-o com uma ventarola. Era, porém, tarde. O corpo começava a esfriar.

'A DIPLOMADA'

Eu sempre me batí sinceramente pela educação doméstica da mulher brasileira. Chefe de família modelar, contemporâneo de três gerações de moças que se fizeram médicas, farmacêuticas e advogadas, era com ansiedade que a minha velhice suspirava por uma nova orientação da sociedade, em que as damas voltassem a ser, pelo govêrno direto da casa, as rainhas incontestáveis do lar.

Toda gente pode imaginar, portanto, o que foi o meu contentamento, quando me entrou pela casa, anteontem, o coronel Avelino Sanches Monteiro, meu compadre, pai da minha afilhadinha Margarida Monteiro, anjo moreno e risonho de dezessete primaveras, ruidosamente desabrochadas.

— Compadre, — disse-me, — venho comunicar-lhe que a nossa Margaridinha tirou hoje um dos primeiros lugares no concurso de contra-mestra de cozinheira na Escola Profissional Rivadávia Correia, e que amanhã, sábado, o esperamos para almoçar conosco!

— Margaridinha? — exclamei, no meu júbilo.

O compadre explicou-me, então, como a pequena se matriculara na Escola, o brilho com que fizera o curso de forno e fogão, as mil peripécias, enfim, que os pais encontram para ilustrar a biografia dos filhos, — e ontem, ao meio-dia, estava eu na pequenina casa de amigos inolvidáveis à rua da Matriz, em Botafogo.

A minha afilhada conduziu-me para a sala de jantar, onde o calor estava menos intenso. E aí conversávamos, reunidos, quando ouvi passos no jardim que circunda a casinha. Olhei de relance, e fechei os olhos.

Era o criado da pensão Chinesa, estabelecida no canto, que entrava com as marmitas.

AS DUAS GAIOLAS

Uma das paixões da viúva Emília Soeiro, mesmo em vida do marido, era armar gaiolas na chácara para apanhar passarinhos. O quintal era grande, subindo o morro, e não havia semana durante a qual a conhecida senhora não apanhasse no alçapão algumas dúzias de pássaros, entre os quais se viam sabiás, pipiras, pardais, cambachirras e corrupeções, numa orgia de côres que ia desde o escuro da graúna até o amarelo claro dos famosos canários do reino. Afreguesada em uma casa especialista da rua da Assembléia, Dona Emília metia em um automóvel, todas as tardes, a gaiola com as presas do dia; e tão procurados eram os seus passarinhos, que nos últimos tempos da vida do espôso, não era com outra renda que ela supria as enormes despesas do lar.

— Mas, Emília, onde estão êsses passarinhos que tu apanhas, e que eu não vejo nunca? — perguntava, ansiando, nos horrores da dispnéia cardíaca, o velho Soeiro.

Dona Emília explicava-lhe as vantagens daquele comércio, a desnecessidade de sua interferência nele, e concluía:

— Tu não tens visto, então, a gaiola?

Quando êsse honrado chefe de família morreu, o comércio de pássaros tomou um incremento momentâneo, para cair, depois, em declínio acentuado. De repente, porém, recrudescceu novamente, sendo o fenômeno comercial acompanhado de um grande conflito na casa enlutada.

Prevenida pelos vizinhos, a polícia acorreu, e invadiu a chácara, onde encontrou duas senhoras, uma ainda jovem, e outra de meia idade, atracadas em luta corporal, mordendo-se, arranhando-se, arrancando-se recíprocamente os cabelos.

Tomados os depoimentos, veio-se a apurar que se tratava, apenas, de uma questão de competência. É que os pássaros, que são, como os homens, dotados de bom gosto, estavam caindo em maior número no alça-pão da moça, e fugindo, cada vez mais, da gaiola de D. Emília!

Êsse fato vem demonstrar como as afeições se acham em nossos dias venalizadas pelo interêsse. Até no comércio de pássaros, as mães já temem, hoje, a inocente concorrência das filhas!...

O BARÃO ERGONTE

A imprensa da cidade publicou, há dias, uma série de profecias de Múcio Teixeira, que alarmaram a população. Alguns incrédulos, dizendo-se espíritos fortes e independentes, procuraram ridicularizar o profeta, desmoralizando os seus vaticínios. O certo, porém, é que o antigo e brilhante poeta do "Campo Santo" exerce uma influência formidável sobre a cidade, traçando-lhe um destino que se cumpre, invariavelmente, para escândalo contínuo da incredulidade dos leigos. O caso mais curioso da vida do Barão Ergonte, foi, entretanto, o que ocorreu há três ou quatro anos, e em que figurou um acadêmico de Medicina, hoje formado.

Esse estudante, espírito inteiramente irreligioso, entendeu, um dia, de experimentar as faculdades proféticas do Barão. Com êsse fim, dirigiu-se, com um companheiro de turma, ao consultório astrológico do grande mago no bairro do Itapirú, onde, simulando grave preocupação, contou ao profeta:

— Eu sou filho de um comerciante desta capital que embarcou para a Europa há

seis meses. Espírito folgazão, meu pai entregou-se, ali, a uma vida desregrada, a ponto de nunca mais escrever à família. Agora, alarmados com a falta de notícias, nós desejávamos que o senhor nô-las desse, com o seu prestígio sobrenatural, do qual temos ouvido dizer maravilhas. Poderá ser?

Múcio ouviu atentamente a consulta, entrou para o seu gabinete de mágico, paramentou-se, cruzou os braços sôbre o peito, orou, consultou diversos objetos prestigiosos e voltou à sala, informando ao rapaz:

— A notícia é triste, meu caro amigo. Seu pai está atualmente em Paris, onde leva uma vida de devassidão. Já gastou o dinheiro todo, e a família faria bem se fosse em seu socorro, desviando-o do mau caminho, que o levará, em breve, à suprema degradação. Está satisfeito?

Ouvindo isto, o rapaz supôs haver apanhado o profeta em flagrante pecado de embuste, e prorrompeu em insultos:

— Aventureiro! Impostor! Charlatão! Quer ver como o apanhei na armadilha? Meu pai nunca foi à França. Eu sou filho de um funcionário do Ministério da Fazenda, que está aquí no Rio, de onde nunca saiu!

Múcio Teixeira ouviu o estudante, e pôs-se, de repente, a rir. Quando o moço acabou a objurgatória, insistiu:

— Pois, olhe, menino: quem está enganado é você. O seu pai está mesmo em Paris, como eu lhe disse. Quem está aqui, no Ministério da Fazenda, é... o marido de sua mãe!

O estudante, que devia pagar apenas vinte mil réis pela mentira, pagou cinquenta... pela verdade.

BISBILHOTICE

Não obstante a intensidade da vida, cujos afazeres absorvem todos os pensamentos do homem moderno e consomem, segundo por segundo, a maior parte do tempo, há, ainda, no Rio, uma infinidade de indivíduos que se preocupam com a vida alheia. Pode-se dizer, mesmo, que a bisbilhotice nunca foi tão ativa no Rio de Janeiro, onde proliferam ao mesmo tempo, como ramos da mesma árvore, a intriga e a maledicência.

Ainda ontem, era êsse o assunto de uma palestra num círculo de senhoras elegantes, no salão de Mme. Pereira Mota, quando D. Engrácia Paranhos revelou uma das suas terríveis descobertas.

— Vocês não imaginam, meninas, como aquela gente da pensão é bisbilhoteira. Não há vida que aquelas damas não conheçam, nem mistério em que não tenham penetrado. Olham tudo, remexem tudo, esgaravam tudo!

E, para justificar a denúncia, adiantou, tomando uma atitude grave de quem vai dizer um grande segrêdo:

— Querem ver o que é aquele pessoal? Uma destas manhãs, as filhas do comendador Alves se levantaram e vendo aberta uma casa fronteira, entenderam logo de espiar para lá, utilizando o vidro da “veneziana”. Para ficarem mais à vontade, uma delas, a mais moça, a Flôrzinha, veio e fechou a porta da quarto. As outras duas puxaram uma grande mesa para o centro do compartimento, colocaram sôbre esta uma cadeira, e treparam, para bisbilhotar. E foi assim que eu as vi, oferecendo, com isso, uma demonstração vergonhosa da sua falta de educação!

— A senhora viu mesmo, D. Engrácia? — indagou D. Helena Furtado.

A veneranda senhora ficou vermelha, afrontada com aquela falta de confiança, e confirmou:

— Vi. Se eu estava no quarto contíguo, olhando para elas pelo buraco da fechadura!

A assistência, agradecendo a vigilância de D. Engrácia, censurou vivamente, como se se tratasse de um crime irremediável, o feio procedimento das filhas do comendador.

CXIII

O DR. CAMARÁ

A imprensa está divulgando um caso mais ou menos grave, que foi acabar, anteontem, na chefatura de polícia. É o falecimento de uma senhora cujos parentes acusam o sr. Deputado Otacílio Camará, que, segundo êles, receitou ou aviou mal um medicamento destinado à enfêrma. As autoridades mandaram exumar a moça, para inquérito, nada adiantando, entretanto, o depoimento da defunta.

Êsse fato, envolvendo o nome do Dr. Camará, traz à memória, naturalmente, um outro em que figurou êsse ilustre deputado, e que pôs em evidência, nesse tempo, o seu prestígio e a sua capacidade.

Um cavalheiro do norte, desembarcado no Rio, tomou a deliberação de ir morar em Campo Grande, e alugou alí uma casa. Certa noite, adoeceu-lhe uma filhinha, e o homem, aflito, sem conhecer ninguém no subúrbio, foi bater à porta de um vizinho, perguntando-lhe onde podia encontrar um médico àquelas horas.

— Médico? — indagou o vizinho: — só o Dr. Camará!

Momentos depois chegava o Dr. Camará e examinava a criança, deixando uma receita para a pequenita. O pai, desnorteado no local, corre à casa do outro vizinho, pedindo-lhe que lhe informasse onde poderia aviar o récipe.

— Farmácia? Nós só temos uma: a do Dr. Camará!

O homem procurou-a, e aviou o remédio. Passada uma semana, foi apresentada ao novo morador de Campo Grande uma conta: era o Dr. Camará que cobrava cem mil réis pela visita médica e vinte pela receita! O homem ficou indignado. Era uma exorbitância, um abuso, uma exploração! E como ainda não tivesse grandes conhecimentos, correu ao açougue da rua, indagando se havia algum advogado no lugar.

— Tem sim, senhor!

— Quem é?

E o açougueiro, sorrindo:

— O Dr. Camará!...

No dia seguinte partiam de Campo Grande três "andorinhas" carregadas de móveis. Era o homem do norte que se mudava...

TERRENOS EM GUARATIBA

O grande problema do momento, no Brasil e no mundo, é, como se sabe, o das habitações. Centenas de alvitres têm aparecido, complexos ou simples, deixando o caso, entretanto, sem possibilidades de solução.

Amigo das classes pobres, e interessado em minorar-lhes a agrura da vida, que se lhes tornou intoierável, o meu primeiro cuidado, ao receber os meus últimos meses de vencimentos, consistiu em adquirir uns terrenos fora da capital, nos quais pudesse construir algumas casas para operários. O anúncio dos lotes dizia, em grandes letras, que êles ficavam em Guaratiba, perto da praia, mediam dez de frente sôbre quarenta de fundo e custavam, apenas, cento e cinquenta mil réis, pagos de uma vez. E foi lá que me atirei, ontem, na ânsia de tornar-me proprietário nos subúrbios.

Após uma viagem penosíssima, cheguei ao local que me fôra indicado pelas pessoas da região. Era um lugar baixo, com um lençol d'água por cima, que se estendia a perder de vista.

— Onde é o terreno? — perguntei ao caboclo encarregado das informações.

— É alí... — respondeu-me, indicando a toalha d'água que cintilava aos meus olhos. — Quer vê-lo?

Ao chegarmos à beira do alagadiço, o caboclo marcou na praia, com o pé, um trecho de alguns metros:

— É êste! — disse-me.

E empurrando-me para dentro de uma canoa, convidou-me, remando para o largo:

— Agora, vamos ver o quintal.

A uma certa distância da margem, o empregado tomou de uma sonda, e lançou-a à água, deixando escorregar toda a corda, até atingir a lama das profundidades. Em seguida puxou-a, mediu a corda, braça por braça, e afirmou:

— É aquí mesmo!

O “terreno” media, realmente, aí, quarenta metros de “fundo”!...

CONHECIMENTOS ELEGANTES

Uma das extravagâncias que mais me têm intrigado no Rio de Janeiro é essa de algumas senhoras fazerem conhecimento com determinados cavalheiros antes dêles serem conhecidos do marido. A liberdade concedida às mulheres, as quais podem ir a festas, visitas e passeios sem a companhia do espôso, dá em resultado essas intimidades comprometedoras que colocam, às vezes, um chefe de família na pior das situações. Não há muito tempo, à saída do cinema, aconteceu-me encontrar na Avenida o casal Emiliano Serra. Caminhamos juntos um quarteirão, e era como espanto que eu via, de um lado e de outro, choverem os cumprimentos dos transeúntes, ao mesmo tempo que o Dr. Emiliano, correspondendo a cada um, perguntava a D. Sofia:

— Quem é êste?

Ou:

— Quem é aquele?

E ela informava:

— O tenente Araújo, que me foi apresentado pela Vivi.

Ou:

— É o Dr. Valadares, que esteve no baile dos Meireles.

Enquanto essas relações têm apenas uma feição cerimoniosa e as informações da mulher são ministradas sem testemunhas, o fato pode passar, talvez, sem maiores consequências. No caso contrário, porém, a senhora, mesmo a mais inocente, ficará exposta a um incidente desagradável, como aconteceu, há dias, com o meu testemunho e do meu amigo Dr. Belmiro Braga, com a virtuosa espôsa do Dr. Venerando Moreira, antigo sócio benemérito da Liga pela Moralidade.

O Dr. Venerando viajava em um bonde do “Largo dos Leões”, um banco adiante do nosso, lendo o seu jornal, e tendo ao lado, abanando-se com exagerada coquetaria, uma formosa dama luxuosamente vestida. Quando o veículo chegou em frente ao Palace-Teatre, subiu ao estribo um moço moreno, simpático, de rosto escanhado, que cumprimentou, amável, a distinta senhora. Esta correspondeu com um sorriso, e o novo passageiro resolveu sentar-se perto da moça. Havia um lugar no banco, é certo, mas êsse ficava mais adiante, depois do Dr. Venerando. O rapaz, foi, porém, gentil: tocou na perna do Dr. Venerando, e pediu:

— O cavalheiro faz o obséquio de afastar-se um pouco, para que eu me assente junto desta senhora, que é minha conhecida?

O Dr. Venerando suspendeu os olhos do jornal, encarou o sujeito e, tirando o charuto da bôca, estranhou:

— Sua conhecida? Mas... é minha mulher!...

Diz o condutor que o rapaz saiu do bonde pelo lado do balaustre. Eu creio que há engano. Se saiu foi, com certeza, pelo fundo do carro, porque, quando o procurei com os olhos, êle havia desaparecido.

O NATAL DOS HUMILDES

A linda crônica do Dr. Coelho Neto sobre a árvore do Natal que a “Noite” ontem publicou, trouxe-me à lembrança, repentinamente, uma das histórias mais tristes que me têm sido ultimamente narradas. Eu havia prometido ao interessado não a revelar nunca a ninguém: como, porém, a pessoa que me contou o fato está impedida de passar-me uma rasteira, vou abusar dessa vantagem, usando de uma indiscrição.

Quem passa pela rua da Carioca, entre a Avenida e a rua Gonçalves Dias, já viu, com certeza, sentado na pedra dura, e de muleta estendida no passeio, um mendigo de perna de pau. É um preto de meia idade, de fisionomia serena, que é uma lousa de tímulo a esconder-lhe toda a tristeza do coração. Esse infeliz, que reside em um cortiço, na ladeira do Ascurra, pede esmolas aos domingos na minha rua, e um dia explicou-me, pausadamente, o desastre que lhe levou a maior parte da perna.

— Isso faz já muito tempo, meu senhor — começou êle. — Foi ainda na monarquia,

e aqui mesmo, nesta rua. Naquela casa grande, ali, havia uma grande festa, e minha mãe foi, comigo, que era pequeno, para trabalhar na cozinha. Era uma noite de Natal, e houve uma ceia, com um baile, e, na sala, uma árvore enorme carregada de luzes e brinquedos. Os meninos da família, todos, foram brincar no salão, e pulavam, dançavam e gritavam como uns doidos. Eu, que tinha seis anos e estava dormindo debaixo da casa, no chão, acordei com a gritaria e fui chegando devagarinho, para a grade da janela. Como eu era preto, os meninos começaram a judiar comigo, atirando-me pedaços de papelão e caroços de frutas, expulsando-me. Eu, porém, não sentia nada; meus olhos estavam presos na árvore, nos brinquedos, principalmente em uma espingardinha que pendia de um dos galhos mais baixos. Aquilo me tentava, me arrastava, me deslumbrava. À meia-noite, as crianças foram levadas para tomar chá, e o salão ficou sozinho. A porta da frente estava aberta e eu entrei e quando ia puxando a maldita espingardinha, fui surpreendido pelo dono da casa, o Dr. Filomeno Soares, que me deu um grito, atirando-me com uma bengala. Eu quis correr mas a bengala embarçou-se-me nos pés, junto da escada, por onde rolei, quebrando esta perna, que minha mãe mandou cortar na Santa Casa.

Nesse ponto o mendigo fez uma pausa, para, depois, acrescentar:

— Foi assim, como eu estou contando, que eu fiquei aleijado.

— E o Dr. Filomeno Soares, não ajudou tua mãe? — indaguei.

— Não, senhor; e dizem que era meu pai...

E, sem mais uma palavra, pegou da muleta, e partiu batucando a sua infelicidade pelo deserto passeio da rua...

O SAPATO DO PAI NOEL

O coronel Julião Gonçalves, instalado no Rio de Janeiro, desde as suas segundas núpcias no interior de Minas, fôra sempre um cético incorrigível. Fazendeiro, de meia idade e de meia fortuna, era com bonhomia generosa que êle ouvia a espôsa, que orçava pelos vinte e cinco anos, falar em visagens, em almas do outro mundo, e, sobretudo, nas viagens anuais do Pai Noel, na sua faina de distribuir lembranças galantes pela gente completamente limpa de coração.

— Não creio — gritava o coronel; — absolutamente, não creio! Posso acreditar no lobishomem, na mula-sem-cabeça, no sací-pererê, na mãe-da-lua, nas cousas que são nossas, e que falam o português; mas em Pai Noel, isso não. Não acredito.

A jovem senhora tanto fez, entretanto, que o coronel acabou por admitir a existência do velhinho vagabundo, e por fazer, êste ano, pelo Natal, uma experiência: deixou a sua botina amarela, à noite, debaixo da cama, junto ao sapatinho branco da espôsa,

na esperança pouco militar de receber um presente.

Feito isso, desceu para a sala de bilhar, onde um dos amigos o aguardava para a derradeira partida, enquanto a espôsa, em cima, no dormitório, repousava em um sono doce, puro, tranquilo. Às duas horas da manhã, terminado o jôgo e despedido o amigo, subiu o antigo fazendeiro para os seus aposentos, de onde, à sua aproximação, lhe pareceu partir um rumor de vozes assustadas, seguido de um bater de janela, que dava para a escada. Intrigado com o caso, o coronel penetra no quarto e vê que a espôsa dorme, encolhidinha, apertada nos lençóis de linho como se fosse uma borboleta no seu casulo. Calcou o botão da eletricidade, e fez luz. Examinava um por um os pontos do aposento quando recuou, espantado. Debaixo da cama, sôbre o tapête de pelúcia carmesim, em vez de sua botina n.º 41, amarela, de amarrar, havia outra, menor, n.º 37, de polimento, faiscando, dessas de abotoar!

— Lucinda! — gritou o coronel.

A moça despertou, sobressaltada.

E êle, apontando para o tapête:

— O Pai Noel trocou o meu sapato!...

E, mesmo vestido, atirou-se na cama de casal, chorando de contentamento.

CXVIII

O RAJÁ

Eu descia, uma noite, de um salão de leitura em Monte-Carlo, quando, à porta do elevador, o sr. senador Azeredo, meu companheiro de pesquisas curiosas, me apresentou a um cavalheiro côr de cobre, trajando casaca elegantíssima e trazendo a cabeça enrolada em uma espécie de turbante de sêda:

— Sua Majestade o Rajá de Takla-Makan! — disse-me.

Eu sabia da existência de um deserto de Takla-Makan, mas não suspeitei, jamais, a de um soberano daquelas paragens; e era com essa curiosidade muito brasileira que eu me assentava, momentos depois, no restaurante do Cassino, diante do índio, para que êle me contasse, incidentemente, qualquer cousa dos seus domínios.

À segunda garrafa de “champagne”, que coincidiu com a presença, no meio do salão, de uma bailarina de Lahore, Sua Majestade revelou-me o seu horror pelas mulheres indianas.

— Vossa Majestade não as tem no seu palácio?

— Tive-as; hoje não as tenho.

E como eu me mostrasse espantado, o bárbaro narrou-me o segrêdo da sua displicência:

— À margem do rio Tarim, cujas águas não têm origem e correm sem destino, legou-me o meu pai um palácio, onde os meus conselheiros guardavam para a minha juventude uma côrte de trezentas e cinquenta virgens, das mais puras e lindas que o reino havia produzido. Cada uma era um lotus inocente, destinado à abelha de ouro do meu beijo. A sua mocidade era de um perfume tão capitoso, que o meu palácio, com elas, entontecia a Ásia.

Sua Majestade serviu-me novamente de “champagne”, e, após um instante de silêncio, continuou:

— Moço e triste, refletindo os prejuizos da educação religiosa dos meus mestres, em conflito com os costumes dos meus antepassados, eu sonhava, ainda, com um amor sincero e alto. Repugnava-me a idéia de ter nos braços mulheres que murmurassem outros nomes que não o meu, no delírio atordoante do seu amor. Não seria, porventura, uma ignomínia subjugar um busto feminino cujo coração, no fundo do peito, batia por outro homem? Onde estava, então, a superioridade moral dos soberanos sôbre a miséria comum dos seus vassallos?

— E Vossa Majestade...

— No dia da minha ascensão ao trono, eu chamei os conselheiros do meu pai, que seriam os meus, e contei-lhes a minha resolução: queria que se proclamasse por todo o palácio que eu ia consultar os sacerdotes sobre o amor das minhas mulheres. Só deviam ficar comigo aquelas que não pensassem em outro homem, que não eu. As minhas espôsas seriam essas. Que elas, pois, se acusassem até a manhã seguinte, antes da revelação sagrada dos deuses.

Houve uma nova pausa, e Sua Majestade reatou:

— Na manhã seguinte, estava à janela do palácio, que dava para o rio, quando vi descendo nas águas, chocando-se com as pedras, um corpo de mulher. Em seguida, outro; e outro ainda, que a água fazia dançar sinistramente na correnteza. Mandei contá-los.

Passado um instante, concluiu:

— Contaram. Eram trezentos e cinquenta cadáveres...

E bateu com a testa na mesa, bêbado.

C X I X

OS “LOUROS” DE MILCÍADES

Uma das senhoras mais ilustradas do Rio de Janeiro, era, segundo me diziam, Mme. Venâncio de Moraes, residente em Botafogo. À primeira vez que a encontrei na cidade, a impressão que dela tive devia ser, de fato, das mais favoráveis. E não foi sem espanto, em verdade, que, em determinado momento, lhe ouvi, entre dois sorrisos melancólicos, êste surto clássico da sua admirável erudição histórica:

— Ai, sr. conselheiro! os louros de Milcíades não me deixam dormir!...

Impressionou-me, efetivamente, encontrar em lábios femininos aquela expressão característica da ambição desmesurada, pela qual se aferia, em Atenas, o orgulho de Temístocles. Contam, de fato, os historiadores que êsse general ateniense, vitorioso em Salamina, não se consolava de terem cabido a Milcíades as maiores glórias na batalha de Maratona. E como os amigos o vissem triste, soturno, pensativo, êle lhes confessara:

— Os louros de Milcíades não me deixam dormir!...

Pertencendo, embora, esta frase, à série dos conhecimentos vulgares, admirava-me o seu emprêgo, tão a propósito, por uns lábios de mulher, e, ainda mais, encontrar em uma criatura tão delicada, tão simples de coração, êsse grito ansioso, alto, contínuo, de um desejo de renome, de glória, de notoriedade.

Um dêstes dias, falávamos, os dois, ao telefone, quando a bondosa senhora me repetiu a queixa de Temístocles. Estava inconsolável e pedia-me que corresse à sua casa, para vê-la, para confortá-la, para ser testemunha do seu suplício, ou, antes, do suplício do seu espírito.

Corrí a visitá-la. Era um palacete à rua Barão de Itambí, olhando para a montanha. Não tínhamos acabado de trocar os primeiros cumprimentos, quando fui surpreendido por uma algazarra ensurdecedora.

— Que é isso? — indaguei, assustado, levando as mãos aos ouvidos.

— São os papagaios, na vizinhança!

— E de quem são êsses papagaios? — insistí, atordoadado.

— São do prefeito, Dr. Milcíades de Sá Freire. Não o conhece?

Efetivamente, os “louros” de Milcíades não a deixavam dormir...

S A P O S - B O I S

Eu esperava, ontem, a hora do meu garroteamento em um dos nossos melhores consultórios de dentista, quando entrou na sala, arrastando um guarda-chuva coberto de pó, um cavalheiro baixo, claro, de uns quarenta anos, que ia receber meia dúzia de dentaduras, feitas de encomenda e por medida. As dentaduras pertenciam, ou iam pertencer, aos membros do Conselho Municipal de um dos departamentos do Acre, e o cavalheiro era o coronel Avelino Chaves, comerciante naquelas regiões do Amazonas. Ouvindo uma senhora, D. Júlia Schwartz, chamar-me pelo nome, o coronel puxou a sua cadeira para o meu lado e, recordando que já havíamos estado juntos na missa de não sei que defunto ilustre, acabou por falar na minha crônica não sei de quando, em que eu me referia a indivíduos que se prevalecem de cargos importantes para se darem, êles próprios, uma importância que não possuem. E numa observação feliz, exclamou o chefe acreano:

— Êles são, mal comparando, como o sapo-boi, senhor conselheiro; são como o sapo-boi, fique sabendo!

— Como o sapo-boi? — estranhei.

— Sim, senhor!

E para que eu ficasse mais ao corrente da comparação, adiantou:

— Quando a gente chega no Amazonas, é surpreendida, às vezes, de noite, por uns berros formidáveis, cavernosos, que parecem partir de um peito de gigante escondido na mata. A idéia que se tem, é de que se trata de um animal monstruoso, do tamanho de um touro ou de um elefante. Um dia, porém, a gente perde o mêdo, põe o terçado na cintura e o rifle no ombro, e vai caçar a fera. E quando vê, o tal monstro é o sapo-boi, um sapinho do tamanho de um dedo, que não faz mal a ninguém!...

— E como é, então, que êle arranja êsse barulho todo? — perguntei.

— Ah! — replicou o coronel — isso não ê dêle mesmo. Ê porque, de noite, êle se esconde no oco dos troncos velhos, e berrando lá de dentro, a voz estronda que parece a de um boi desafiando outro na malhada. Se, porém, o senhor o ouvisse cantando fora dessas tranqueiras, ficaria certo de que êle não canta mais alto, nem mais bonito do que os outros sapos da lagoa. São como os homens públicos a que o senhor se referiu, cujo pres-

tígio vem, todo, dos lugares de que tomam conta. Não acha?

Nesse momento, o dentista anunciou a minha vez. E, quando eu, com uma injeção de cocaina na gengiva, me afundei na cadeira dos suplícios, comecei a ver o mundo como um pântano enorme, quasi sem fim, onde os sapos se atiram uns contra os outros, matando-se, mordendo-se, aniquilando-se, pela conquista, sempre, de um tronco mais fundo, de onde lhes saia, de noite, um ronco mais sonoro, mais forte, mais alto...

DOAÇÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda

	Págs.
XXXVI — O "soviet" de Budapeste	111
XXXVII — A "lagarta rósea"	115
XXXVIII — Um banho de mar	117
XXXIX — Uma festa em família	121
XL — Ciúme póstumo	123
XLI — Paquetá	127
XLII — Anúncios e preconícios	129
XLIII — Odor di femina	131
XLIV — A ilha romântica	133
XLV — A bandeira da viuvez	135
XLVI — As "heranças"	139
XLVII — Instituto de beleza	141
XLVIII — O milagre	143
XLIX — A tolerância das mães	145
L — Os violões de Paquetá	147
LI — O trôco do cego	149
LII — As rosas de Paquetá	151
LIII — Os romances vivos	155
LIV — Os protegidos das damas	157
— LV — O frio na Argentina	159
— LVI — Munchhausen Júnior	161
LVII — Um programa de govêrno	165
LVIII — As costureiras de pensão	169
LIX — As "perseguidas"	173
LX — Os "novos ricos"	175
LXI — A sopa do papagaio	179
LXII — As ostras	183
LXIII — Um sermão encomendado	185
LXIV — As candeias	187
LXV — A galinha dos ovos de ouro	189
LXVI — Os automóveis	191
LXVII — Perfumes	195
LXVIII — "Jeton de presence"	199
LXIX — As doceiras	203
LXX — Cinesíforo, aliás	205
LXXI — Os farmacêuticos	207
LXXII — Os falsos nababos	209
LXXIII — A trepadeira	213
LXXIV — O projeto Penido	215
LXXV — A Bolsa mundana	217
LXXVI — Caça à raposa	221
LXXVII — O trem de Petrópolis	223
LXXVIII — A Purificação	227
LXXIX — O burro do Dr. Batista	231
LXXX — As galinhas miraculosas	235

	Págs.
LXXXI — Ginástica de macaco	239
LXXXII — O buraco do tatú	243
LXXXIII — As "emús"	245
LXXXIV — Costumes sertanejos	249
LXXXV — Episódios de cinema	251
LXXXVI — O "material"	253
LXXXVII — A perfídia do maninho	255
LXXXVIII — Sêda lavável	257
LXXXIX — O "renard" de Dona Augusta	259
XC — Os retratos.	261
XCI — As armas da Morte	263
XCII — Arte de viver	265
XCIII — Os epitáfios	267
XCIV — A fórmula miraculosa	269
XCV — Filantropia elegante	273
XCVI — Os congressos	277
XCVII — O senador Azeredo no céu	279
XCVIII — O arco de Ulisses	283
XCIX — Os novos lares	287
C — Os inconvenientes do lenço	291
CI — O "flamboyant"	293
CII — "Boitatá"	297
CIII — Tintura-mãe	299
CIV — A miséria em Copacabana	303
CV — As mentiras da História.	305
CVI — Os "inofensivos"	309
CVII — Flirt	313
CVIII — In extremis.	315
CIX — A diplomada	319
CX — As duas gaiolas	321
CXI — O Barão Ergonte.	323
CXII — Bisbilhotice	327
CXIII — O Dr. Camará	329
CXIV — Terrenos em Guaratiba	331
CXV — Conhecimentos elegantes.	333
CXVI — O Natal dos humildes	337
CXVII — O sapato do Pai Noel	341
CXVIII — O Rajá	343
CXIX — Os "louros" de Milciades	347
CXX — Sapos-bois	349